

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



Traduções e adaptações:
**Diálogos Francês-Português no Clube Intercultural
Europeu**

Gonçalo Mendes Henriques

Relatório de Estágio orientado pela Prof.^a Doutora Guilhermina Jorge,
elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Tradução

2017

Agradecimentos

Gostaria de expressar os meus mais sinceros agradecimentos à Professora Doutora Guilhermina Jorge por todo o apoio prestado em todos os passos na elaboração deste Relatório de Estágio Profissional e por toda a disponibilidade demonstrada.

À Doutora Natália Telega-Soares, representante do Clube Intercultural Europeu, pela amabilidade demonstrada e por toda a confiança depositada em mim durante todos os meses em que estagiei na sede do Clube.

A todos aqueles que trabalham, ou já trabalharam, no Clube Intercultural Europeu, em especial a Doutora Ana Sousa, por me terem ajudado a sentir-me bem-vindo nas vossas instalações, pela vossa amabilidade e bom humor demonstrados todos os dias.

Aos meus pais por acreditarem em mim desde o princípio e por estarem sempre disponíveis em ajudar em tudo o que lhes fosse possível e em esclarecer todas as dúvidas linguísticas que iam surgindo pelo caminho.

Índice

Índice de siglas.....	4
Introdução	5
Capítulo 1: Enquadramento Teórico	12
Capítulo 2: Primeira Tarefa de Tradução	26
2.1 Tradução e Adaptação.....	26
2.2 Adaptações culturais	27
2.3 Adaptações linguísticas.....	33
Capítulo 3: Segunda Tarefa de Tradução	57
3.1 Siglas, Acrónimos e Nomes de Instituições.....	58
3.2 Identificação de Alguns dos Principais Problemas de Tradução	64
3.2.1 Problemas de Ordem Morfossintática	64
3.2.2 Erros binários e não binários.....	75
3.2.3 Estruturas Frásicas de Especialidade	78
Capítulo 4: Terceira Tarefa de Tradução	98
4.1 Apresentação Geral	98
4.2 Principais Problemas de Tradução	99
Conclusão	109
Bibliografia	113
Sitografia	115

Índice de siglas

ESS – Economia Social e Solidária

Clube – Clube Intercultural Europeu

LP – Língua de Partida

LC – Língua de Chegada

N. do T – Nota do Tradutor

OFAJ – *Office franco-allemand pour la Jeunesse* (Agência franco-germânica para a Juventude)

TP – Texto de Partida

TC – Texto de Chegada

Introdução

Este relatório visa descrever todos os passos importantes ocorridos durante o período de nove meses em que estagiei como tradutor no Clube Intercultural Europeu (Clube). Durante o período em que lá estagiei, foi-me pedido para realizar três traduções a partir da língua francesa. Os textos que traduzi abordavam diversos temas e objetivos diferentes e enquadravam-se nas metas e propósitos do Clube: o desenvolvimento de competências pessoais, sociais, profissionais, cívicas e relacionais nos associados do Clube e nas pessoas em geral.

Os textos trabalhados apresentavam diversos tamanhos e estruturas e cada um tinha desafios e particularidades que fui experienciando e ultrapassando à medida que ia traduzindo cada um dos textos. O primeiro assemelhava-se mais a um manual explicativo com instruções pois relatava e explicava como realizar uma animação linguística em encontros binacionais entre jovens e os objetivos do encontro; o segundo texto era um relato sobre as origens da economia social e solidária (ESS) e como esta pode ser usada atualmente e até mesmo nos anos vindouros; o terceiro texto era um documento sobre o assédio nas escolas – explicava quais as causas do assédio, quem eram os eventuais intervenientes, como identificá-los e o que fazer para acabar com isso de forma pacífica.

Neste relatório, a primeira experiência de tradução realizada no Clube, pela sua extensão e pelo tipo de problemas tradutológicos que apresentava, ocupará um lugar mais importante. Essa primeira atividade foi não só um trabalho de tradução de francês para português, mas também foi um trabalho de adaptação, de um texto pensado inicialmente para um público binacional francês e alemão, para um novo texto que estará direcionado para jovens franceses e portugueses.

Esse texto corresponde a uma adaptação do texto bilingue francês-alemão com o título *L'Animation Linguistique dans les rencontres franco-allemandes de Jeunes/Sprach-Animation in deutsch-französischen Jugendbegegnungen* que, conforme o próprio título sugere, explica e relata os passos para se criarem atividades de animação e dinamização linguística entre jovens de origem francesa e alemã e os seus objetivos. O trabalho final será uma versão unilingue em português: uma versão traduzida do francês com uma adaptação ao

contexto sociocultural entre franceses e portugueses. O formato final da versão em português foi pensado e discutido diretamente com os responsáveis do Clube.

A adaptação deveu-se à dificuldade e à estranheza de apresentar um texto desse cariz na língua portuguesa sem que o mesmo estivesse cultural e linguisticamente adaptado para ser apresentado ao público português e assim poder cumprir o seu objetivo comunicativo. Atentando ao facto de a relação sociocultural entre Portugal e França não se assemelhar com a relação entre França e Alemanha, revelou-se necessário utilizar aquilo a que a teórica de tradução Christiane Nord chamou “tradução instrumental” (Nord 1997: 49) que consiste em traduzir um texto de uma língua estrangeira para outra, mas adaptando o seu contexto cultural estrangeiro para um que será reconhecido e compreendido pelos leitores nativos da língua para a qual se traduz. Mais especificamente, tratou-se de fazer a tradução de um texto franco-germânico e adaptá-lo para um texto que será lido por um público português.

Com efeito, pode-se acrescentar que, no caso deste texto, a adaptação revelou-se como uma estratégia de tradução necessária. Fez-se uma transposição cultural, mais especificamente, notou-se que o texto de partida (TP) apresentava particularidades de cariz cultural, linguístico e estilístico que chocariam com a língua e com a cultura de chegada. Apenas transpor as palavras de uma língua para outra, levaria o trabalho final a correr o risco de falhar na sua “função apelativa” (Nord 1997: 51) pois apenas apelaria à cultura de partida. Assim, tornou-se necessário levar o texto a ser apelativo para o público-alvo português e a única forma de o conseguir foi adaptando-o para as normas e convenções da cultura de chegada, “função referencial” (Nord 1997: 51), e para as necessidades e expectativas do público de chegada (encontros binacionais com franceses). Como o foco desse manual era a promoção de encontros binacionais, a adaptação não se tornou numa atividade diferente da de tradução porque se ela não tivesse sido feita geraria uma forte sensação de estranheza e de deslocamento, no leitor português, e originaria um texto em português sem público-alvo definido e sem uma “função fática” (Nord 1997: 51) ou seja, sem atrair a atenção do público de chegada.

O texto apresentava muitos aspetos culturais e linguísticos relacionados com a França e com a Alemanha para ilustrar as atividades, as dificuldades e os objetivos apresentados pela animação linguística que os animadores pretendiam conseguir através do seu trabalho com jovens destas duas nacionalidades distintas. Aquele “outro” texto preservou todas as ideias,

pensamentos e expectativas que o original continha, limitando-se somente a adaptar todas as referências à língua e à cultura alemã e transferi-las para a língua e cultura portuguesa.

Faz-se notar que, apesar de grande parte do texto ter sido submetida a adaptações culturais e linguísticas, não foi possível proceder ao mesmo tipo de alterações no capítulo 3 e em metade do capítulo 4 do mesmo manual que se dedicam a relatar a evolução da animação linguística nos encontros franco-germânicos, com exemplos e resultados específicos conseguidos durante a dita evolução. Essa evolução conseguiu-se devido aos financiamentos do OFAJ e a um estudo levado a cabo pela Universidade de Bielefeld, na Alemanha, durante a década de 90. Considerando que se trata de um tema relatado para fins do TP e de ainda não ter sido realizado nenhum encontro franco-português entre jovens, não havia motivo para adaptar esses dois capítulos específicos para a evolução da animação linguística que puderam, no entanto, ser generalizados: ou seja, em vez de estar frequentemente a mencionar que o objetivo do projeto eram os encontros franco-germânicos pôde-se antes fazer uma adaptação consciente e explicar que o objetivo era organizar encontros binacionais entre jovens de dois países.

Numa nota introdutória, que decidi adicionar ao texto adaptado, expliquei aos leitores que as adaptações linguísticas e culturais introduzidas em nada iriam interferir na compreensão do texto e das descrições das atividades propostas aos jovens pois a maior parte das mudanças efetuadas não implicaram alterações substanciais que pudessem ir contra a lógica do texto e contra os objetivos visados.

Mais especificamente, os principais desafios nesta tarefa de tradução/adaptação consistiram em adaptar todas as especificidades culturais “Culture is not something people have; it is something that fills the spaces between them. And culture is not an exhaustive description of anything; it focuses on differences, differences that can vary from task to task and group to group” (Agar 1992: 11, em Nord 1997: 44-45) e linguísticas encontradas ao longo do texto: num subcapítulo em que é explicada a relação sociocultural entre França e Alemanha, com alguns estereótipos, clichés, diferenças culturais entre os dois países e semelhanças/diferenças entre as duas línguas, revelou-se necessário adaptar grandemente essas partes.

Para começar, a relação entre a França e a Alemanha é diferente da relação entre França e Portugal. A primeira começou a ter origem nos anos pós 2ª Guerra Mundial e, atualmente, a

Alemanha, os alemães e a língua alemã são frequentemente alvo de troça por parte dos franceses e vistos como motivo de riso; os próprios alemães não deixam de se sentir desconfortáveis com esses pontos de vista enquanto eles próprios chegam a admirar os franceses pelo seu estilo de vida mais livre e mais solto; não obstante, também se dão conta dos muitos defeitos dos franceses. Porém, é diferente a relação entre Portugal e França; durante as décadas de 50, 60 e 70 foram muitos os portugueses que se viram obrigados a emigrar para fora de Portugal e muitos deles escolheram a França como novo destino. É grande o número de portugueses que vivem em França desde essa época até hoje; no entanto, a população francesa nem sempre foi muito calorosa para os emigrantes que se tornavam cada mais. Recentemente, nota-se que os franceses já se habituaram aos novos habitantes, apesar de muitos estereótipos e clichés ainda estarem presentes nas mentes dos gauleses, como se pode ver no filme luso-francês *La Cage Dorée* (2013)¹: os portugueses continuam a ser associados ao bacalhau (para os franceses, a alimentação dos portugueses é muito à base de bacalhau), continuam a ser vistos como porteiros e/ou operários de construção civil (eram os empregos disponíveis para a maioria dos emigrantes portugueses) e Portugal continua a ser associado a um país de férias pelas suas praias e pelo seu clima ameno que atrai muitos franceses durante o verão. Por outro lado, os portugueses admiram a França pelo seu passado histórico, pela sua riqueza cultural e pela beleza das suas paisagens; mas também são muito mal vistos por serem nacionalistas, arrogantes e com tendências para a xenofobia.

Para além de diferenças culturais entre os dois países, o manual também estava repleto de palavras e frases em ambas as línguas que serviam de exemplo aos animadores enquanto estivesse a decorrer o encontro binacional. Por exemplo, em algumas das atividades propostas durante o encontro, o manual sugere que o animador ensine aos jovens uma ou duas palavras/frases da língua do parceiro para facilitar um pouco mais os diálogos entre eles. No TP, as palavras/frases sugeridas nessas partes estavam em francês e em alemão; obviamente o trabalho de adaptação consistiu em manter a palavra/frase francesa intacta e adaptar a palavra/frase alemã para português. Houve também outras ocasiões em que as atividades propostas exigiam que os jovens formassem frases e escrevessem poemas na língua do parceiro; mais uma vez foi necessário adaptar as palavras/frases alemãs para português. No

¹ *La Cage Dorée* (*A Gaiola Dourada*, título português), 2013, realização de Ruben Alves, distribuição “Pathé”.

Tem-se também o exemplo do Museu das Migrações e das Comunidades, sedado em Fafe.

Cf. os seguintes livros sobre a imigração portuguesa em França:

José Luís Peixoto (2010), *Livro*, Lisboa: Quetzal Editores.

Júlio Magalhães (2010), *Longe do meu coração*, Lisboa: A Esfera dos Livros.

entanto, descobriu-se que as palavras/frases nas duas línguas, usadas nessas atividades, não eram traduções umas das outras; como tal, foi preciso que eu próprio inventasse frases e até mesmo poemas em português para servir de exemplo aos participantes da outra nacionalidade.

Desta forma, o relatório em curso propõe, de seguida, um enquadramento teórico com uma breve reflexão sobre a relação entre tradução e adaptação, principalmente baseada nas teorias de Christiane Nord, seguida pela descrição dos principais desafios que a tarefa de tradução do primeiro texto me trouxe: as estruturas sintáticas, problemas relacionados com a gramática das línguas com que nos deparamos ao longo do texto (mais especificamente, existe um momento no texto em que é sugerido aos jovens franceses que aprendam um pouco da gramática do alemão, particularmente sobre a regência preposicional que influenciará a escolha da declinação a usar em certas frases. Obviamente que, na adaptação, não se pode usar esse exemplo dessa maneira), o uso de colocações especializadas no âmbito da pedagogia, jogos de linguagem (mais especificamente, fonologia, semântica, entre outros), problemas causados pelas semelhanças/diferenças entre português e francês ou seja homonímia, falsos amigos/cognatos e até mesmo internacionalismos (i.e. empréstimos), até que ponto nós enquanto tradutores temos de ser fiéis ao TP (ou seja, se existe no TP um pequeno lapso de compreensão, será que cabe aos tradutores corrigir esse lapso no TC?) e, por fim, também problemas causados pela fraseologia, particularmente, locuções e colocações.

Na segunda parte será analisado um texto mais especializado do que o primeiro, com uma presença constante de siglas de organizações de apoio à economia social e solidária existentes em França, mas não em Portugal, uma estrutura frásica que levava a pequenas dúvidas sobre a compreensão do sentido do texto e mais particularmente problemas na escolha das palavras portuguesas a usar num texto técnico, que não chegavam a ser muito semelhantes às usadas no original francês. Para ser mais específico, nessas duas traduções existem problemas que são semelhantes. Problemas como os seguintes: até onde vão as semelhanças entre a língua portuguesa e a língua francesa; que palavras/frases fazem mais sentido numa língua e na outra, tendo em conta que muitas das palavras usadas em ambas as línguas são idênticas; até onde nós, enquanto tradutores, podemos interferir no texto que estamos a traduzir e o que fazer quando estamos perante um léxico de especialidade na língua de partida (LP), que não tem equivalente na de chegada.

Por fim, falar-se-á brevemente sobre o terceiro e último texto traduzido. Esse texto corresponde a um documento que explicava de forma sucinta a situação de assédio nas escolas (situações que acontecem de igual forma em Portugal e em França): a origem do problema, a identificação e o conhecimento das vítimas e dos agressores, os vários participantes, a própria situação de assédio, as soluções e a prevenção.

O relatório será concluído com uma apreciação geral do trabalho realizado ao longo dos nove meses de estágio, as aprendizagens adquiridas, a evolução geral e o crescimento do tradutor ao fim de três trabalhos de tradução muito distintos.

No geral, todos os trabalhos foram muito enriquecedores e interessantes de realizar, apesar de todas as particularidades e desafios que cada um dos textos apresentava – uns mais do que outros – que nem por isso impediram que as traduções ficassem bem conseguidas e permitissem que as mensagens a transpor ficassem mais claras e evidentes do que estavam nos textos de partida.

Um dos pontos mais interessantes que estava no centro de todo o trabalho realizado foi o facto de o trabalho tradutório ter sido feito a partir do francês, idioma que tem fortes semelhanças com o português, não só em termos linguísticos como também em termos culturais. Com efeito, certas semelhanças culturais entre Portugal e França facilitaram a adaptação de algumas partes do texto sobre a *Animação Linguística*. Partes que tinham a ver com a cultura entre os países: certas atitudes e modos de pensar em França eram muito diferentes dos da Alemanha, mas, curiosamente, não eram muito diferentes dos de Portugal (e foi por esse mesmo motivo que, nas situações que apresentavam diferenças culturais entre os países, mas que eram idênticas em Portugal, se revelou necessário encontrar outras diferenças culturais mais visíveis entre os portugueses e os franceses). Poder-se-á concluir que ler em francês e traduzir/adaptar para português podia levar a algumas dificuldades e dúvidas, mas enquanto as construções lexicais podiam originar problemas de tradução, a adaptação era compensada em termos culturais.

Finalmente, este trabalho foi muito enriquecedor e levou mesmo a refletir sobre as relações entre as línguas e os países, que podem estar ou não interligados entre si, levou especialmente a melhorar as técnicas de tradução e a reconhecer as diferenças/semelhanças entre tradução e adaptação.

O estágio profissionalizante iniciou-se no dia 19 setembro 2016 e terminou a 20 junho 2017, durou trinta e quatro semanas, realizando-se presencialmente duas vezes por semana (2ª e 3ª feiras das 14h às 17h e das 14h às 18h, respetivamente), com a duração de sete horas semanais e um total de 240 horas; para além de outro número de horas de trabalho não-presencial. A presença nos locais da empresa permitiu um conhecimento do funcionamento da própria instituição e a construção de relações tanto com os funcionários como com os meus colegas estagiários. Ao longo do estágio traduzi os textos que me foram pedidos para traduzir.

Em suma, este estágio profissionalizante no Clube foi, como já referido, um elemento imprescindível para a minha formação enquanto futuro tradutor profissional. O trabalho desenvolvido faz com que um estagiário consiga desenvolver e aperfeiçoar determinadas capacidades, como por exemplo: a diversificação das formas de pesquisa; a rapidez no acesso à informação; um melhor controlo na utilização das memórias de tradução; um melhor desenvolvimento de capacidades cognitivas, como, por exemplo, a memória, o processamento e o armazenamento lexical. No fundo, tudo o que era necessário para se formar um tradutor que trabalha em todo o tipo de textos, conhece os seus limites e sabe como apresentar um trabalho de tradução no prazo estipulado com o/a cliente. Foram essas aprendizagens adquiridas durante o estágio que configuram conhecimentos e experiências que nunca serão esquecidos durante toda a vida profissional enquanto tradutor.

Capítulo 1: Enquadramento Teórico

De uma forma geral a maioria das tarefas que se efetuam ao longo da vida profissional tem – ou deve ter – um forte apoio teórico, baseado nos trabalhos de especialistas cuja experiência e conhecimento lhes permitiram refletir sobre todos os aspetos ligados às problemáticas em questão. Mas em paralelo, não existe melhor maneira de aprender uma profissão do que observar os procedimentos e práticas dos profissionais dessa área. Foi precisamente isso que aconteceu quando se efetuaram os trabalhos de tradução no Clube; o enquadramento teórico de autores conceituados como Christiane Nord, Antoine Berman, George Steiner, João Barrento, Miguel Serras Pereira, Umberto Eco, Schleiermacher, entre outros, foi muito útil para se poder considerar e decidir quais as melhores estratégias a utilizar nas situações encontradas ao longo dos trabalhos de tradução efetuados durante o estágio.

A teórica de tradução Christiane Nord fala particularmente sobre a teoria funcionalista (em oposição a uma abordagem descritiva) que defende que as decisões do tradutor durante o processo de tradução devem ser tomadas de acordo com a função comunicativa que o texto alvo pretende cumprir numa determinada situação da cultura alvo. Esta ideia é defendida em oposição a outro tipo de abordagens que afirma que os estudos de tradução devem apenas basear-se em pesquisas empíricas. A teoria defendida por Nord ajuda principalmente a refletir sobre quais as funções do tradutor ao longo de uma tradução. Essas funções, de que a autora fala, ajudam o tradutor a compreender certos tópicos que precisam de ser compreendidos antes de começar a sua tarefa: é preciso ter a certeza das finalidades do texto em causa. Quem o escreveu e porquê? Para quem foi escrito? Precisar-se-á o texto de ser apelativo para os seus leitores? Se sim, de que modo? Será um texto de cariz técnico escrito para um público que perceba do assunto, ou um texto explicativo para leitores que não tenham fortes conhecimentos do tema? Estas foram, entre outras, algumas das principais perguntas feitas antes de iniciar as três tarefas de tradução no Clube, e às quais Nord ajudou a responder. Essas respostas foram extremamente úteis para decidir que rumo havia de tomar quando estava a transferir linguisticamente o conteúdo dos três textos em questão. As funções referidas, de que Nord fala, podem ser listadas e explicadas da seguinte maneira, segundo a própria autora:

- Referential function: (objective) reference to the objects and phenomena of the world; sub-functions: informative, metalinguistic, metatextual, directive, didactic etc.

- Expressive function: expression of the sender's (subjective) attitude or feelings towards the things and phenomena of the world; sub-functions: evaluative, emotive, ironical etc.
- Appellative function: appeal directed at the receiver's sensitivity, previous experience or disposition to act; sub-functions: illustrative, persuasive, imperative, pedagogical, advertising etc.
- Phatic function: establishing / maintaining / ending (social) contact between sender and receiver; sub-functions: small talk, taking leave, introductory "peg" for text opening etc. (Nord 1997: 48)

Como se poderá ver no capítulo seguinte, as teorias apresentadas por Nord ajudaram muito a guiar o tradutor durante a tradução do primeiro documento, mais especificamente o texto sobre animação linguística. Poder-se-ia pensar que, na maioria dos casos, a principal tarefa de um tradutor é trabalhar a letra do texto de partida e transferi-la para a língua de chegada (LC), sem mais. Porém, existem muitos textos e muitas situações tradutórias que exigem uma abordagem diferente. É o caso de documentos que foram escritos a pensar somente na língua e na cultura de partida (esses textos foram pensados dessa forma pelos seus autores e fora isso que agradara aos seus públicos-alvo porque lhes tocara no coração, porque lhes fizeram sentido e porque era assim que conseguiam compreender os seus objetivos).

Tal apelo, do autor para os seus leitores, fazia sentido; mas isso era algo que poderia não acontecer de igual forma para os leitores da língua de chegada que, numa fase posterior, se deparassem com um texto que falasse sobre uma língua e sobre uma cultura que não era deles. Pelo menos era isso que sucederia se o tradutor apenas trabalhasse sobre a letra desses textos.

O exemplo do texto sobre a animação linguística é pertinente por se tratar de um documento escrito por franceses, ajudados por alemães, com o objetivo de usar as línguas francesa e alemã e as respetivas culturas para tornar o texto apelativo tanto para os franceses como para os alemães. Em boa verdade, não seria de esperar nada de muito diferente de um texto cujo objetivo era aproximar mais esses dois países, muito diferentes entre si em termos culturais e, obviamente, linguísticos, apesar de serem vizinhos próximos. Quando se compreende esses objetivos de escrita (atendendo aos tópicos apresentados sucintamente por Nord, que visam ajudar o tradutor a chegar a conclusões como as mencionadas) percebe-se rapidamente que se o documento de partida pretende tocar nos seus leitores, um texto algo diferente desse tem de

ser apresentado aos leitores de chegada, sob pena de se perder boa parte dos objetivos visados.

Neste caso em específico, quando se propõe traduzir documentos como o da animação linguística, o tradutor tem de recordar os tópicos apresentados por Nord e saber com clareza quem pede a tradução e porquê? Se a tradução fosse feita, quem iria lê-la? Se a tradução fosse feita para um público que só quisesse saber o que estava escrito, então bastaria trabalhar sobre a letra. Mas se o objetivo da tradução fosse transferir os objetivos do texto de partida para a língua e cultura de chegada, outras estratégias mais naturalizantes (consoante a LP [Cf. p. 16 deste relatório]), mais rigorosas e mais viradas para a língua e para a cultura de chegada teriam de ser adotadas. Aquilo que chama a atenção de franceses e alemães pode não ser o mesmo que atrai, digamos, os portugueses.

Basically, these communicative functions may be considered to be universal or at least, to put it more carefully, transcultural, whereas the verbal or nonverbal indicators used to mark them are determined by culture-specific norms, traditions, preferences, etc. Therefore, we may assume that translations would have to bear the markers used in the target culture in order to be meaningful to the target receivers, unless the receivers are made aware of the fact that they are reading a translation and have to re-interpret the function markers themselves. (Nord 1997: 48-49)

O que se pretende dizer, em termos práticos, é que as teorias de Nord ajudam o tradutor a não ficar limitado à ordem mais vaga que um cliente pode dar: “Traduza isto para português!”. E ajudam também o tradutor a estar ciente de que antes de traduzir é preciso considerar certos tópicos, para lá do texto físico, e pequenos detalhes que decidirão o modo como a tradução deverá ser feita corretamente. O que funciona para um texto, não funcionará necessariamente para outro.

Após olhar cuidadosamente para as respostas aos tópicos de Nord, concluiu-se que o primeiro texto a traduzir precisava de ter uma tradução adaptada à LC e ao país de chegada, no presente caso Portugal. O mesmo, no entanto, já não foi preciso efetuar nem no segundo texto a traduzir nem no terceiro, pois esses apresentavam ideias e pensamentos que também se podiam realizar em Portugal visto estarem de acordo com a realidade portuguesa – apesar de

os textos de partida terem sido redigidos a partir da realidade francesa que, em última análise, não era muito diferente da portuguesa.

Dessa forma, o apoio de Christiane Nord serviu para olhar para lá das palavras e das estruturas do texto propriamente dito. As funções que um texto pode ter dependem de cada um deles. Estão dependentes dos seus públicos-alvo e das funções que podem ter para os seus leitores. Quando o tradutor identificar quem é o público-alvo e qual a função do texto poderá efetuar a tradução de acordo com esses tópicos e em conformidade com os objetivos da entidade que pediu a tradução.

É certo que esses tópicos constituem o ideal a seguir quando se está a efetuar um trabalho padrão, que consista em apresentar um texto estrangeiro na LC da forma mais correta possível. Não obstante, também é possível ocorrer uma situação menos regular em que o cliente pede uma tradução mais baseada na letra do que no conteúdo. Nessas ocasiões, o tradutor tem de pôr de lado esses cuidados e obedecer aos requisitos definidos para o documento, independentemente das suas opiniões pessoais/profissionais. Vejamos, por exemplo, uma situação específica em que um cliente pede uma tradução de um texto que contém linguagem atualmente considerada imprópria. Se o cliente solicita uma tradução mais normativa do texto, que visa não deixar os leitores de chegada incomodados ou chocados, o tradutor deve traduzir de forma normalizada (de acordo com os requisitos do cliente) e adaptada aos gostos do seu tempo (convém recordar as *Belles Infidèles* [Lechevallier 1967 e Mounin 1994]), num tempo em que as traduções francesas eram feitas em prol dos gostos da época e não do conteúdo de partida). Se, pelo contrário, for exigida uma tradução mais próxima da letra de partida que queira deixar os leitores de chegada tão chocados quanto os de partida, o tradutor assim deverá traduzir mesmo que isso implique o uso de um determinado tipo de linguagem menos próprio ou mesmo vulgar – linguagem tabu, mais concretamente.

Ou seja, um tradutor deve por norma cingir-se aos pedidos do cliente e, dentro deles, deve invocar todas as estratégias de tradução ao seu dispor a fim de poder satisfazer o cliente e, desejavelmente, os seus leitores.

Outro teórico cujas ideias muito guiaram o autor deste relatório foi o francês Antoine Berman. Este autor trouxe ao pensamento da tradução outras reflexões que vieram enriquecer a experiência e a reflexão sobre tradução. Berman introduziu de forma clara a diferença entre a

tradução à letra e a tradução da letra. Certo é que, à primeira vista, o primeiro conceito parece ser aquele que todos os tradutores seguem “Thanks to such translation, the language of the original shakes with all its liberated might the translating language.” (Berman 1985: 300). Porém, a realidade da tarefa tradutória é outra. Na verdade, um tradutor raramente pode trabalhar única e exclusivamente em prol da letra de partida – em certas línguas de partida – sem correr o risco de originar um TC completamente estranho que dificilmente será compreendido pelo seu público-alvo.

When it is affirmed today that translation (including non-literary translation) must produce a “clear” and “elegant” text (even if the original does not possess these qualities), the affirmation assumes the Platonic figure of translating, even if unconsciously. All the tendencies noted in the analytic lead to the same result: the production of a text that is more “clear”, more “elegant”, more “fluent”, more “pure” than the original. They are the destruction of the letter in favor of meaning. (Berman 1985: 296-297)

Acontece que as línguas são diferentes umas das outras, têm estruturas frásicas dissemelhantes e cada uma tem o seu próprio modo de exprimir uma determinada ideia ou pensamento (como se verá nos próximos capítulos). Quando um tradutor está a traduzir para português a partir de idiomas como por exemplo o inglês, o alemão, o sueco ou o norueguês, dificilmente poderá fazer traduções à letra pois acabará por criar um texto que causará fortes sentimentos de estranheza aos seus leitores. É de notar que as quatro línguas estrangeiras mencionadas são germânicas (sendo as duas primeiras línguas germânicas ocidentais e as duas últimas línguas germânicas setentrionais); como se sabe, essas línguas têm uma estrutura frásica muito diferente do português e é por isso que é impossível traduzir literalmente textos escritos nessas línguas. Contudo, idiomas como o francês, o espanhol e o italiano são latinos como o português, e como tal as estruturas são em geral razoavelmente semelhantes, pelo que é frequentemente possível efetuar traduções quase literais sem com isso causar estranheza.

Mas regressando à envolvente teórica, convém também realçar as teorias de Schleiermacher que falam das metodologias de tradução, das quais fazem parte a tradução literal e a tradução menos literal. De facto, ambas são boas metodologias de tradução e são igualmente úteis, mas um tradutor só pode optar por uma delas quando inicia uma tradução. Há situações em que a escolha cabe ao tradutor e outras em que cabe a terceiros, ou a algo para lá do controlo do “eu” falante (imaginando momentos em que possa existir um texto que exija, por si só, uma

tradução literal). Quando a escolha é feita, o texto inteiro tem de ser traduzido de acordo com a maneira escolhida e nunca deverá haver alternância entre os dois métodos, a menos que certas situações do texto assim explicitamente o exijam.

Estes dois caminhos são tão diferentes que é necessário seguir exclusivamente um deles, com tanto rigor quanto possível, pois que qualquer mistura entre ambos dará um resultado altamente insatisfatório e é de recear que entre escritor e leitor se dê o desencontro total. (Schleiermacher 1813: 61)

Quando se decide traduzir literalmente, opta-se por deixar o autor de partida intocado e intacto no seu posto de pessoa que escolheu todas as palavras que deveriam constar no TP. Nota-se que uma tradução literal não quer forçosamente dizer que o documento inteiro foi traduzido de modo literal, palavra a palavra. Pelo contrário, é um trabalho de mensuração entre estruturas frásicas, palavras de partida e as mesmas na língua de chegada. O que se pretende dizer é que, enquanto traduz, o tradutor tem de medir bem a que ponto quer ser literal. Se for muito literal, origina um TC francamente estranho para os seus leitores; se não for muito literal, cria um TC de razoável compreensão, mas que não deixa de fazer com que os leitores sintam uma certa estranheza. Basicamente, é um método de tradução que tem mais em conta a língua de partida e a forma como esta funciona.

Pelo contrário, a tradução menos literal corresponde a um método no qual o tradutor opta por levar o autor ao encontro do leitor de chegada e, como tal, é uma estratégia que tem mais em conta a língua de chegada. Quando se opta por esta estratégia, é necessário que o tradutor conheça muito bem a sua língua materna e a forma como funciona, para poder então decifrar a mensagem de partida e descobrir a forma mais correta e apropriada de a dizer no seu idioma. Mais concretamente, quando se estiver a traduzir será necessário submeter o TP a alterações mais ou menos substanciais – consoante o género e o estilo do TP – para se poder originar um TC que não pareça um texto traduzido, mas antes um texto escrito originalmente na LC.

A outra, porém, não mostrando o autor como ele teria traduzido, mas sim como ele teria originalmente escrito em alemão, enquanto alemão, dificilmente terá outro critério de perfeição senão o seguinte: (...) a própria obra seria para eles [os leitores alemães] em todos os aspectos a mesma que para eles é agora a tradução, uma vez que o autor se transformou num alemão. (Schleiermacher 1813: 63-65)

O género textual em que mais se pode ver a diferença entre estas duas estratégias de tradução é a poesia. Sabe-se que os textos poéticos são mais ricos do ponto de vista estilístico e apresentam jogos de linguagem interessantes, mas por outro lado, constituem desafios constantes para o tradutor. Quando se faz uma tradução literal de poemas, por exemplo com rimas, tem-se mais em conta a estrutura poética de partida e faz-se somente uma pequena transferência interlinguística dos versos de partida. No final da tradução, o resultado é um poema que pode soar como tal mas que tem menos rimas, sendo que essas geralmente só existem se algumas das palavras de partida forem equivalentes na LC e preservarem as mesmas rimas; de qualquer maneira, o poema em tradução afasta-se do poema original. Contrariamente, quando se faz uma tradução menos literal, tem-se mais em conta a forma, a musicalidade, as rimas e os efeitos poéticos dos elementos linguísticos na língua de chegada. É por esses mesmos motivos que, no caso de traduções portuguesas, muitos poemas estrangeiros são traduzidos para português por poetas portugueses que sabem como criar poemas que respeitam a estrutura estilística e a linguagem metafórica de origem e as sonoridades na língua de chegada. Nessas situações, este método de traduzir exige alterações muito substanciais à estrutura das frases, à escolha das rimas (pode-se optar por rimar nos mesmos momentos que no TP, ou em momentos diferentes, e usar outras palavras) e à ordem das palavras; tudo isso sem alterar o sentido do poema.

Verifica-se que alguns teóricos de tradução consideram a tradução literal como a melhor, visto que o tradutor não é o autor, e que é preferível apresentar aos leitores de chegada um texto na LC que revele o documento tal como foi apresentado na língua de partida. Pessoalmente concordo que essa estratégia possa ser usada em determinados textos de alguns géneros; porém, a poesia certamente não será um desses géneros em que se possa considerar empregar esta estratégia, que certos investigadores denominaram como estrangeirante. Para traduzir poesia é francamente melhor usar a outra estratégia, conhecida como naturalizante, pois origina um texto natural na língua de chegada – como se o texto tivesse sido escrito originalmente na LC. Esse método é melhor para traduzir poesia porque, caso contrário, o tradutor estaria a privar os seus leitores da experiência particular e de se deixarem levar pelas inexplicáveis emoções e sensações que uma frase musicalmente poética pode transmitir.

Um ponto interessante a respeito das teorias de Berman e de Schleiermacher é que o primeiro fala sobre técnicas de tradução e o outro, diferentemente, sobre metodologias de tradução. Apesar de não serem teorias associadas nem no tempo nem no espaço, poder-se-á encontrar

alguma relação entre elas: a tradução da “letra” bermaniana pode comparar-se, mesmo que indiretamente, ao método de Schleiermacher que privilegia o autor em detrimento do leitor, propondo uma espécie de tradução estrangeirante, tal como a encontramos em Berman. Esta não será, ao longo dos séculos e do próprio século XX, a opção mais consensual entre os tradutores nem a opção mais escolhida por eles. Das leituras que fizemos, a opção naturalizante parece uma prática tradicional de tradução e talvez bem mais consensual.

Há momentos em que parece que o tradutor confunde uma tradução naturalizante com uma adaptação; basicamente, quando um tradutor dá uso àquilo que Berman denominou como *Tendências Deformantes* (Berman 1985), que correspondem às tendências mais usadas pelos tradutores e que mais alteram o texto de partida, naturalizando-o, mexendo no texto, alterando-o, introduzindo comentários, explicações, isto é, apropriando-se do texto original. Com estas “tendências” o tradutor intervém diretamente no texto, anulando as estranhezas, subestimando grandemente a capacidade de compreensão textual dos seus leitores e podendo criar um TC com frases longas, enaltecidas, exageradas, demasiado clarificadas, enobrecidas, empobrecidas em termos qualitativos e quantitativos, muito homogeneizadas, destruídas ritmicamente, destruídas em termos das redes significantes subjacentes, em termos dos sistematismos, em termos das redes vernáculas da fala e em termos das locuções, apagadas em termos das locuções e em termos das superposições de línguas pois vai longe demais na forma como traduz.

Quando “criticamos” o sistema das tendências deformantes, fazêmo-lo em nome de uma outra essência do traduzir. Porque se, sob alguns aspectos, a letra deve ser destruída, sob outros – mais essenciais – ela deve ser salva e *preservada*. (Berman 1997: 56)

Em resumo, existem inúmeras maneiras de traduzir determinados tipos de textos: pode-se traduzir fazendo uma tradução mais literal ou uma tradução mais naturalizante. Contudo, essas escolhas dependem maioritariamente do texto que se tem em mãos.

A escolha tem de ser feita tendo em consideração tudo o que seja parte integrante do texto em si. É preciso olhar cuidadosamente para o texto e fazer aquilo a que João Barrento chamou um trabalho de escavação, para chegar ao âmago do produto escrito, da sua interpretação essencial. Quando se faz esse trabalho compreende-se mais aprofundadamente o material de

partida, desvendam-se os seus objetivos, as suas raízes, as suas fontes e a sua própria essência. Assim, o tradutor atinge um conhecimento mais profundo do texto.

A analogia arqueológica tem-me servido ultimamente de referência (...) como um processo afim, no qual, mais que desenterrar cinzas do passado, é preciso tentar fazer reviver a luz, a chama que animou uma cultura, ou um simples objecto. (Barrento 2002: 98)

Quando essa parte estiver concluída, o tradutor tenderá a adquirir por momentos uma nova voz. Uma voz que não é nem a do autor, nem a do tradutor que se sente influenciado pelo autor de partida. É, em vez disso, uma “terceira voz” que se encontra entre as outras duas: uma voz que fala de modo independente através da mão do tradutor; uma voz que ninguém domina e ninguém influencia. Barrento defende que é essa terceira voz que fala na tradução e que não é nem o “eu” tradutor nem o autor, é antes uma figura que se encontra entre as línguas de chegada e de partida, é alguém que conhece ambas mas que só se faz notar num dado momento da tradução.

(...) mas a uma terceira coisa: nessa nova realidade textual fala uma terceira voz, que eu definiria, de momento, como a *memória* (múltipla, estratificada) da minha língua e da sua tradição poética, ou *o meu inconsciente* delas – (...) Voz essa que, na situação esquizofrénica da tradução, se cruza sempre, necessariamente, com a voz do Outro – que é uma voz de sereia (...) (Barrento 2002: 109)

Passado algum tempo, após a tradução, o tradutor pode voltar a olhar para o texto traduzido e não se reconhecer nele, ou seja não reconhecer aquele trabalho como sendo seu. Fica então com a forte dúvida de quem terá redigido aquele TC – ele pergunta-se sobre isso de uma forma positiva, deve-se salientar. O tradutor não olha para aquela terceira voz como se fosse uma voz intrusa que veio transformar um bom trabalho num trabalho calamitoso; pelo contrário, veio dar ao texto traduzido uma forma nova que o tradutor não conseguiria se estivesse completamente consciente. O que se pretende dizer é que essa nova voz é produto do inconsciente, sobre o qual o tradutor não tem poder, que emerge irrefletidamente do fundo do nosso subconsciente e que fala através do “eu” tradutor. Assim originando um TC que é produto do momento e ao qual só se consegue chegar uma única vez.

A terceira língua de que Barrento fala é então uma voz que fala única e exclusivamente durante a tradução. É uma língua que ninguém consegue controlar ou dominar. É, portanto, aquilo a que Miguel Serras Pereira chamou uma *Língua de Ninguém* (Serras Pereira 1998). Um dos pontos mais interessantes nas ideias deste teórico é que a tradução pode chegar a atingir o seu estado mais puro e perfeito quando vai buscar algo que nunca tenha sido dito ou feito, quando vai criar conceitos nunca antes pensados, quando vai buscar aquela terceira língua que não é nem a do autor de partida nem a do tradutor e que não pertence a ninguém.

Basicamente, estes dois teóricos portugueses olham para o episódio bíblico da torre de Babel como uma bênção ou uma maldição para o mundo, no domínio das línguas. Anteriormente a esse episódio, quando só existia uma única língua, tudo o que era dito e feito estava sempre claro, preto no branco. Existia a compreensão entre os homens e entre os homens e Deus. Porém, a criação, a mistura e a baralhação de uma infinidade de novas línguas vieram enriquecer ou baralhar as capacidades interpretativas e cognitivas de todos nós. Assim nasceu a confusão linguística.

De repente, em cada uma das línguas faladas deixou de haver apenas uma forma de expressar uma certa ideia ou pensamento. Os tradutores e intérpretes foram aqueles que mais se deleitaram com as variedades de significação e com o facto de cada língua ter a capacidade de expressar e testemunhar as vivências do seu mundo de origem (como se estivesse a escrever o mundo e a realidade em que vive diariamente). Pode-se facilmente concordar com estes pensamentos porque o mundo é capaz de forjar palavras e sentidos. O mundo não é mudo, é dotado de fala e a fala é dotada de flexibilidade e foi-se metamorfoseando no próprio ser, tornando-se quase como um membro vital sem o qual pode viver plenamente.

A tradução presente na linguagem, que representa o mundo e torna outras a sua presença e a sua realidade, é criação de sentido, e o poder de traduzir da linguagem revela o modo de ser poético do seu ser. (Serras Pereira 1998: 24-25)

Em termos de tradução, a terceira língua, que não é de ninguém, é uma parte psíquica de nós próprios que pega naquilo que estamos a tentar traduzir, traduz e ainda expressa no texto traduzido uma emoção e um estado de espírito que possam estar contidos dentro do tradutor e que acabem aliados ao texto traduzido, enriquecendo o seu sentido e expressando-o como nunca antes fora expressado. Por esse motivo, esta outra língua não arruína o texto traduzido

mas fá-lo parecer como se tivesse sido compreendido na sua totalidade e pureza. Se se for bem a ver, “compreender é traduzir” nas palavras do autor (Serras Pereira 1998: 28).

A cultura é, sem dúvida, uma das partes mais importantes no ramo da tradução porque sem cultura uma língua fica como que inexistente e sem um alicerce sólido que a preserve e fortaleça ao longo dos anos e dos séculos. O mundo também não pode existir sem cultura porque senão uma parte do mundo poderia ficar como que congelada no tempo sem poder evoluir, ou até mesmo retroceder de volta a uma época de obscuridade.

George Steiner foi um dos muitos teóricos de tradução que pensou no seu próprio ramo de atividade em conjunto com a língua e com a cultura às quais está inerente. Em primeiro lugar, a língua é – tal como já se foi vendo ao longo deste capítulo – uma parte de extrema importância para a tradução e para o mundo: sem a língua o ser humano não pode expressar as emoções mais fortes que contém dentro de si, nem modelar ou transformar o mundo que o rodeia.

Desde que nascemos, fazemos a nossa língua materna evoluir e modelar-se a nós que a usamos e dominamos. Uma criança “papagueia” as palavras e frases que vai ouvindo, mas também começa a pensar na forma como a própria língua devia funcionar; é por isso que há momentos em que junta aquilo que aprendeu e inventa novas palavras e novas frases que usa para expressar aquilo que é inexistente ou que vê, mas que ainda não compreende. É também pelos mesmos motivos que uma criança pode tender a referir-se a si mesma na terceira pessoa do singular e a referir alguns objetos do quotidiano através de palavras ou frases que os adultos consideram “engraçadas”. Isso vai acontecendo até ao momento em que se começa a aprender a língua na sua forma mais rígida e invariável e a tornar a gramática um processo consciente e refletido; momento no qual só restam as memórias de uma língua que foi evoluindo graças a influências de outras línguas e de nós próprios que forjamos conhecimentos e combinamo-los numa língua sempre flexível e rica.

Mas é no interior da linguagem dada (*langage donné*) que conduzimos as nossas vidas, tanto enquanto seres humanos comuns como enquanto linguistas. Não temos outra. (Steiner 1975: 143)

Um falante multilíngue (que domina mais do que duas línguas estrangeiras) tem a hipótese de compreender e aglomerar dentro de si idiomas mais ou menos diferentes, que enriquecerão os seus conhecimentos cognitivos e linguísticos. Isso, porém, de acordo com Schleiermacher, não seria útil na tradução porque a chave para esse trabalho é estar-se ciente das diferenças e das “estranhezas” que cada língua tem separadamente. Um falante bilingue (que domine tanto a LP como a LC) não tem, contudo, essas percepções porque compreende tão bem essas línguas ao ponto de não sentir estranhezas em nenhuma delas, e falha então nesse requisito-chave.

Por outro lado, a cultura também é muito importante porque marca todo o espírito de uma época. Uma cultura é marcada por pontos fulcrais, que moldaram o mundo numa ou mais épocas históricas: entre eles, a língua e o pensamento. Esses dois pontos foram evoluindo ao longo dos anos e em cada século foram gravando civilizações, pessoas e pensamentos que se desvaneceram com o vento. A cultura gravou para sempre muitas eras através de escritores e de pensadores como Sócrates, Chaucer, Shakespeare, entre outros que eram as encarnações do espírito dos seus tempos.

Um dos pontos mais interessantes sobre a cultura, em termos de tradução, é que quando se traduz linguisticamente uma cultura pode ser preciso ir procurar, na LC, a linguagem usada na época do texto de partida. Ou seja, para traduzir, por exemplo, Shakespeare para português poder-se-ia optar por usar a linguagem falada em Portugal nos séculos XVI e XVII – talvez da época das primeiras traduções – como também se podia optar por um estilo de linguagem menos denso do que o seiscentista, mas que ainda assim preservasse a erudição e a força das palavras do famoso poeta inglês.

A própria cultura pode ser traduzida ou substituída para outros tempos – quer isto dizer, pode ser transferida para uma outra cultura de um tempo muito posterior ao de origem, mas esse trabalho requer retoques muito mais cuidadosos do que os para uma simples transferência interlinguística. É isto que Steiner denomina “a topologia das culturas”. Basicamente, uma cultura é um conjunto de traduções, ou seja, de transformações e essas transformações podem ser reformulações culturais em que se transforma as formas usadas para apresentar algo. Usando mais uma vez o exemplo de Shakespeare, é também tradução quando se vai buscar o seu *Romeu e Julieta* para transformá-lo num espetáculo de ballet, ou numa pintura, ou até mesmo num filme. Quando se efetuam as transformações, tanto se pode preservar a sua época

e cultura de origem como também se pode alterá-las. Quando se opta por fazer isso, há-que submeter o produto de partida a alterações muito mais drásticas, uma vez que seria inconcebível que jovens do século XXI pensassem e falassem como os jovens do século XVI. Em resumo, as culturas são espelhos de épocas e também estão aliadas a traduções que não precisam de ser somente inter ou intralinguísticas.

Estas teorias e pensamentos muito me fazem lembrar Umberto Eco, um tradutor e teórico de tradução, que também muito falou sobre a importância que a língua e a cultura têm para a tarefa tradutória. A cultura também é alvo de tradução, mas é uma tradução que não precisa de estar tão ligada ao material de partida como nos textos escritos; este é mais um trabalho de adaptação do que de tradução. A própria língua também é algo de vital importância na tradução pois somos muitas vezes obrigados a dizer algo mais ou menos parecido com o material de partida, no texto traduzido. A língua ajuda-nos a dar conta das perdas que somos obrigados a aceitar numa tradução, assim como também nos permite fazer compensações pelas perdas sofridas. Noutras palavras, a tradução não existe sem a língua e sem a cultura, mas elas também não existem sem a tradução.

Deste ponto de vista, a tradução, como vimos, é uma constante associada à sobrevivência orgânica. A vida do indivíduo e da espécie tem por condição a possibilidade da leitura adequada ou instantânea (ou de uma leitura que seja as duas coisas ao mesmo tempo) e da interpretação de uma rede de informações vitais. (Steiner 1975: 467)

Em conclusão é seguro dizer que o apoio destes teóricos foi fundamental para este trabalho, como se verá nos próximos capítulos, para se conseguir detetar formas de resolver os diversos problemas encontrados durante as três traduções efetuadas no Clube. Mas *para que serve a teoria?* perguntar-se-ão muitos. Mesmo que a teoria não existisse um tradutor continuava a saber que estava a traduzir ou em prol da língua de origem ou em prol da sua língua materna, continuava a não se reconhecer na sua tradução, continuava a concluir por si só que um *Romeu e Julieta* passado nos tempos modernos não podia ser *ipsis verbis* como a peça de Shakespeare e continuava a saber reconhecer uma perda e uma compensação numa tradução. Os teóricos nomearam e falaram sobre coisas que um tradutor já sente e presente inevitavelmente quando traduz. A principal vantagem que têm é que, assim, é mais fácil fazer um mapeamento do problema que se tem à frente e da(s) solução(ões) para esse mesmo problema. Assim, resolvem-se mais facilmente as dificuldades típicas da tradução. E a

tradução torna-se reflexão sobre a própria experiência de tradução. É a teoria que nos permite pensar o objeto da tradução e verbalizar e descodificar o trabalho envolvido na atividade tradutológica.

Basicamente, a tradução é um ramo tão complexo e variável que permite que haja tanto regras escritas como também falhas quase indetetáveis. A tradução tem normas e éticas, que teóricos como Gideon Toury ajudaram a colocar por escrito, baseando-se em regras que antigamente eram como não-ditas, mas conhecidas inevitavelmente pelos tradutores; e existem igualmente falhas neste ramo e singularidades praticamente psíquicas na arte de traduzir, de acordo com Maria Paula Frota (Frota 2000). Tudo é variável e tudo é único; a tradução não é exceção.

Capítulo 2: Primeira Tarefa de Tradução

2.1 Tradução e Adaptação

Conforme se encontra estipulado no índice a respeito do presente relatório, vou iniciar a apresentação de todos os passos realizados durante o trabalho de tradução e de adaptação do manual *Animação Linguística nos encontros franco-portugueses entre jovens* que constituiu o primeiro trabalho que me foi pedido quando iniciei o estágio no Clube. No caso deste trabalho a tarefa de tradução não poderia ter sido efetuada sem a adaptação do contexto sociocultural franco-germânico para o contexto sociocultural franco-português que levaria o trabalho final a cumprir a sua missão apelativa para o público de chegada. Isso sem, de forma alguma, alterar a estrutura do TP e sem dar uso a estratégias que o teórico de tradução francês Antoine Berman denominou como *tendências deformantes* (Berman 1985) que alteram toda a estrutura do texto de partida: clarificam o que devia estar implícito; embelezam o vocabulário que não devia ser tão rebuscado; alteram a ordem das palavras, das frases e das ideias e assim por diante. Em última análise, este foi um trabalho que procurou efetuar uma tradução naturalizante (Berman 1985) que trabalhou sobre a letra – não foi uma tradução letra por letra, mas sim uma tradução em prol do sentido – e, igualmente, sobre a cultura de chegada em detrimento da cultura de partida. Tarefa que foi realizada sem me tornar naquilo que Alessandra Matias Querido chamou um tradutor “traidor” (Querido 2011: 49), ou um tradutor antiético² no TP.

O trabalho no Clube Intercultural Europeu iniciou-se com a tradução do manual já referido, “tradução implica duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”³; essa tarefa de tradução sem adaptações sucedeu-se de setembro até dezembro e em janeiro tornou-se notório que o texto precisava de ser adaptado para o contexto sociocultural português pois sem essa adaptação o manual tornar-se-ia um texto sem público de chegada por não ter uma “função apelativa” (Nord 1997: 51). Assim, desenvolveu-se um trabalho de pós-tradução que consistiu em efetuar adaptações a nível cultural e a nível linguístico, pois como diz João Barrento ao

² De facto, esta teórica apresenta diferentes géneros de tradutores, entre eles: o tradutor eremita (um solitário com os seus livros), o tradutor intelectual (tradutores catedráticos), o tradutor traidor (que rouba [tradutor-ladrão, tradutor cleptomaniaco e tradutor bandido] e corrompe os TPs [tradutor antiético]) ou até mesmo o tradutor detetive, tradutor como autor frustrado, tradutor fiel e tradutor facilitador (Querido 2011).

³ Jakobson resumido por Alberto Zuluaga (Zuluaga 1999: 537) – Tradução minha.

resumir um pensamento que Goethe escreveu nas notas das suas versões de poesia persa “no *Divã Ocidental-Oriental*, que o objectivo da tradução mais acabada será «o de tornar a tradução idêntica com o original, mas de modo a que ela possa ser avaliada, não como alternativa ao outro, mas porque surge no lugar do outro»” (Barrento 2002: 108), em conjunto com a teoria de que “(...) a linguagem é, sob muitos aspectos, apenas uma especialização restritiva e uma inflexão da evolução que assegura ao homem a dominação que exerce sobre o mundo natural” (Steiner 1975: 467).

2.2 Adaptações culturais

Podemos começar pela definição que George Steiner dá sobre a cultura: para este teórico, “(...) uma cultura é uma sequência de traduções e de transformações de constantes (tenhamos presente que a «tradução» tende sempre para a «transformação»)” (Steiner 1975: 480). Foi exatamente isso que aconteceu durante este trabalho que só pôde estar concluído quando se traduziu a cultura franco-germânica para a cultura franco-portuguesa ou quando se transformou uma cultura na outra, visto que a cultura francesa e a portuguesa tanto são semelhantes como diferentes, como se uma fosse tradução da outra. Quer isto dizer que se traduziu a cultura de partida para a de chegada visto que a cultura de partida era constituída por um conjunto de códigos cuja compreensão faltava aos leitores de chegada.

Ao iniciar o segundo trabalho de adaptação do manual já traduzido, o primeiro passo realizado foi o de alterar todas as referências aos jovens franco-germânicos. Nos capítulos 1, 2, 5, 6 e durante as descrições das atividades propostas aos jovens foi apenas necessário substituir “franco-germânico” por “franco-português” uma vez que se tratava de capítulos que falavam sobre a animação linguística de uma maneira geral. Nos capítulos 3 e em metade do capítulo 4 não se pôde proceder da mesma forma pois esses capítulos eram mais específicos, relatando especificamente a evolução da animação linguística num contexto de encontro entre jovens franceses e alemães graças a uma investigação realizada pela Universidade de Bielefeld financiada pelo OFAJ; como tal, em vez de proceder novamente à adaptação ou simplesmente manter “franco-germânico” nesses dois capítulos, foi possível generalizar o objetivo da animação linguística: o objetivo não eram os encontros franco-germânicos entre jovens mas sim encontros binacionais entre jovens. Dessa forma não se confundiu

indevidamente os leitores a respeito dos países de origem desses grupos de jovens dos quais o manual fala frequentemente.

Os principais desafios durante a tarefa de adaptação consistiram em adaptar diversos aspetos culturais entre franceses e alemães para outros aspetos culturais referentes aos franceses e aos portugueses. Tomo como exemplo um excerto traduzido e não adaptado do primeiro capítulo do manual:

O passado histórico partilhado entre a França e a Alemanha irá condicionar a forma como os jovens veem o outro país. A Alemanha, ainda hoje, continua a ser associada pelos jovens franceses a Hitler. Quanto à língua alemã, gozada e caricaturada em filmes franceses do pós-guerra, soa sempre como um guincho cortante aos ouvidos de muitos franceses. Como diz um jovem alemão ao regressar de um estágio de um ano, subsidiado pelo OFAJ, realizado na área franco-germânica de uma associação francesa: «Foi-me difícil ver algumas imagens que as pessoas têm (agora e desde sempre) da Alemanha e dos alemães. Os clichés da *chucrute*, do trabalho, da disciplina e da tendência para querer reconquistar o mundo são tenazes». Por outro lado, a força económica da Alemanha desperta nos franceses uma sincera admiração: inspira um respeito ambíguo misturado com medo (como se pôde constatar durante a reunificação), mas é uma verdadeira referência no discurso político e jornalístico francês. A imagem dos franceses na Alemanha também tem duas facetas. Por um lado, são *bons-vivants*, detentores de um saber-viver que os alemães invejam, são também vistos com defeitos causados pelas suas qualidades: superficiais, desorganizados, individualistas e nacionalistas.

Neste excerto encontramos diferentes maneiras que demonstram a forma como a Alemanha, os alemães e a língua alemã são vistos pelos franceses: continuam associados a Hitler, e aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial que marcaram ambos os países, a um extremo autoritarismo e a uma língua vista como motivo de riso pelos franceses; inversamente, os alemães admiram os franceses pelo seu saber-viver e pelo seu *à-vontade* natural, mas também são vistos como superficiais, individualistas e nacionalistas. Obviamente que, na nova “versão” do manual, o subcapítulo citado teve de ser adaptado para a forma como os franceses veem os portugueses e como os portugueses veem a França. Essa tarefa não originou dificuldades pois Portugal tem uma forte ligação à França que já vem de séculos anteriores e se reforçou na década de 50 quando muitos portugueses para lá emigraram em busca de melhores condições de vida. No texto de partida, a França troça do outro país e usa todos os estereótipos e clichés a ele associados; o mesmo pôde ser preservado no TC com vários

estereótipos e clichés associados aos portugueses que fazem parte da maneira como o povo português é visto pelos outros. Os portugueses, para os franceses, são pessoas provenientes de ambientes rurais, com uma alimentação à base de bacalhau e pastéis de nata, que trabalham maioritariamente como porteiras, mulheres-a-dias, pedreiros e operários de construção civil; além disso Portugal é visto como um país de férias, principalmente durante o verão devido às suas praias principalmente no Algarve e ao seu clima particularmente ameno. Por outro lado, os portugueses também admiram a França, não pelos mesmos motivos que os alemães, mas pelo facto de o outro país carregar um grande passado histórico e uma grande riqueza cultural devido aos seus intelectuais e aos seus ideais filosóficos que os portugueses sempre admiraram e em que sempre os inspiraram. O principal exemplo disso é o grande cineasta português Manoel de Oliveira que ganhou fama internacionalmente graças aos seus filmes, com um estilo único, que começaram por ser muito apreciados e aclamados pelo público francês, “Paris é, por exemplo e sem qualquer dúvida, o centro nevrálgico da produção de cinema português”⁴. Em suma, o lado histórico e cultural dos franceses é admirado pelo povo português, mas o país não deixa também de ter um lado menos positivo aos olhos dos portugueses: os franceses são igualmente vistos como nacionalistas e principalmente arrogantes, condescendentes e até mesmo maus-perdedores. Recentemente, todos os portugueses e luso-descendentes em França sabem como uma parte significativa da população francesa não aceitou bem a vitória da equipa portuguesa durante a Final do Euro 2016.

Com a aplicação das alterações e adaptações a este subcapítulo referidas anteriormente o TC do excerto acima referido assumiu a seguinte redação definitiva:

O passado histórico e cultural partilhado entre França e Portugal irá condicionar a forma como os jovens veem o outro país. Portugal, ainda hoje, continua a ser associado pelos franceses ao bacalhau e a um país de férias de verão, sobretudo o Algarve. Quanto aos portugueses, frequentemente vistos pelos franceses como porteiras, mulheres-a-dias ou trabalhadores da construção civil e/ou pedreiros, durante as décadas de 50, 60 e 70 muitos saíram de Portugal para fugir à ditadura salazarista e em busca de melhores condições de vida. França foi o destino mais escolhido por essas pessoas. Só em 1968 havia 300.000 portugueses em França. Mas a integração fora difícil para os emigrantes, que se viram obrigados a aceitar trabalhos exigentes, com muitas horas de trabalho e por pouco dinheiro. Por outro lado, a força de vontade dos portugueses desperta nos franceses uma sincera admiração: inspira um respeito por esse povo que, apesar das muitas horas de trabalho por

⁴ http://24.sapo.pt/article/sapo24-blogs-sapo-pt_2016_07_17_696802300_portugueses-e-franceses--mas-guest-ce-qu-il-se-passe-com-os-nossos-intimos-vizinhos: consultado a 22 fev.17.

um curto salário, consegue sempre encontrar um motivo para se alegrar e mostrar publicamente orgulho das suas origens. A imagem dos franceses em Portugal também tem duas facetas. Por um lado, a França é objeto de todo um imaginário romântico em torno da sua tradição artística e intelectual, da riqueza do seu património arquitetónico e da diversidade das suas paisagens resplandecentes, são também vistos com defeitos causados pelas suas qualidades: superficiais, desorganizados, individualistas, preconceituosos e nacionalistas.

Convém também adicionar o facto de, antes do excerto apresentado, o TP ter feito referência à “fronteira comum partilhada entre a França e a Alemanha” que teve de ser omitida e substituída pela informação de que apesar de não haver uma fronteira comum entre a França e Portugal sempre existiram múltiplos contactos entre os dois países.

Outra parte que necessitou de ser adaptada em termos culturais foi ainda no capítulo 1 do manual quando o TP faz referência a um contraste de atitudes e modos de pensar (obviamente diferentes) entre a França e a Alemanha: a relação entre mãe e filho. Na França é comum que uma mãe, após terminar a licença de maternidade, volte à sua vida profissional e comece a criar uma separação parcial com o seu filho que assim rapidamente se adaptará e começará a entrar em contacto com outras pessoas e com outras crianças da sua idade; pelo contrário, as mães alemãs acham que a atitude das francesas é desvantajosa e principalmente prematura para a criança que poderá ficar traumatizada, contudo as francesas acham que as mães alemãs “sufocam” os filhos.

Neste caso sucede que a atitude das francesas após o término da licença de maternidade é igual à das portuguesas que assim começam a abrir os horizontes dos filhos para outras pessoas e a permitir que iniciem o desenvolvimento das suas capacidades sociais que são positivas para o seu desenvolvimento global. Assim, foi necessário encontrar para este caso outro aspeto de diferenciação entre a cultura portuguesa e a francesa. Depois de alguma pesquisa, optou-se por escolher um outro aspeto cultural diferente entre os dois países: a pontualidade. Em Portugal é habitual as pessoas chegarem com cinco, dez ou quinze minutos de atraso ao trabalho e/ou ocasiões sociais como jantares em casa de um amigo ou colega; com efeito, em ocasiões de jantares em casa de outros, chega a ser de bom-tom um ligeiro atraso para dar tempo aos anfitriões para ultimar os preparativos finais. Em contraste, em França, a pontualidade é extremamente apreciada pois revela boa educação, respeito e é

considerada um sinal de sucesso profissional; a falta de pontualidade é, pelo contrário, vista como desrespeito, desorganização e, a médio e longo prazo, pode arruinar carreiras.

O facto referido no TP revelou uma situação em que um modo de pensar diferente entre dois países – a França e a Alemanha – não o é em relação a Portugal, que tem nesta situação um modo de pensar semelhante ao dos franceses. Neste caso, poder-se-ia simplesmente dizer que, a respeito desse tipo de relações, em Portugal se pensa da mesma maneira que em França mas não era isso que se pretendia. Foi, então, necessário identificar diferenças entre os dois povos que partilham origens idênticas e uma língua e cultura próximas entre si.

Como terceiro ponto sobre adaptações a nível cultural, vou agora falar sobre uma situação com que me deparei no quinto capítulo do manual. A dada altura, nesse capítulo, o TP fez referência a músicas francesas e alemãs semelhantes, usando como exemplo as duas canções *Vent frais* e *Hejo, spann den Wagen an*. Numa breve análise às duas canções descobri que ambas eram músicas infantis que à primeira vista não tinham nada a ver uma com a outra e, portanto, a melhor solução para esse tema seria preservar a canção francesa e encontrar uma música portuguesa do mesmo estilo e que fosse conhecida pelo público jovem, uma música como por exemplo *Doidas andam as galinhas* do famoso Avô Cantigas.

Numa análise mais cuidada das duas músicas que constavam no texto de partida, descobriu-se que, na verdade, a canção alemã fora traduzida e adaptada a partir da canção francesa *Vent frais* – sendo este um caso de transformação topológica de que fala Steiner, “(...) topológicas a estas transformações múltiplas, a estas reordenações de relações entre um acto verbal e as suas sucessivas ocorrências, sob outras formas, verbais ou não.” (Steiner, 1975: 479). À luz dessa constatação, a opção inicial da música portuguesa deixou de ser a mais adequada, tendo em conta a ligação que as duas canções deviam ter entre si. A única opção era tentar encontrar uma canção portuguesa que tivesse sido traduzida e adaptada a partir de uma francesa. Após alguma pesquisa descobriu-se que uma das soluções seria escolher a música infantil – conhecida como músicas da carochinha – *Frei João* que fora traduzida e adaptada a partir de uma cantiga francesa do século XVIII, *Frère Jacques*.

A única diferença entre o TP e o TC reside no facto de no de partida a canção germânica foi somente adaptada da francesa e como tal a letra alemã é diferente da francesa e só o sentido geral se manteve entre as duas canções; contrariamente no TC em que a canção portuguesa foi

traduzida literalmente para português mas tendo em conta o ritmo, a melodia e as rimas; ou seja, a canção portuguesa preservou muitas palavras usadas na francesa e limitou-se a alterar um verso em que era necessário haver uma entoação na letra “i” e a alterar o nome da personagem de título para um nome português mais fácil de pronunciar pelo público-alvo.

Encontrar a versão portuguesa da canção foi um pouco problemático porque existia mais do que uma tradução portuguesa da música francesa, cada uma delas diferente da anterior. Dessa forma, o nome que coloquei no trabalho final é o da versão mais divulgada em coletâneas de canções infantis, de acordo com uma pesquisa feita no Google.

Verificou-se ainda a existência de um tópico que precisou de ser adaptado ao contexto português. Na penúltima parte do texto, existe uma pequena atividade na qual os jovens têm de encontrar pares de pessoas famosas de cada uma das duas culturas. O TP faz referência a Charles de Gaulle com Konrad Adenauer e à dupla Astérix-Obélix. Pôde-se manter este último par de pessoas famosas como sendo o par famoso de origem francesa; no entanto, foi necessário encontrar um par de pessoas famosas portuguesas. Após algumas pesquisas, concluiu-se que seria interessante escolher o par José Mourinho e Cristiano Ronaldo que pertencem ao mundo do futebol e são muito conhecidos internacionalmente – uma vez que era preciso que essa dupla fosse de pessoas muito conhecidas não só no país de origem como no estrangeiro, como é o caso dos dois craques do futebol e da dupla de heróis gauleses.

Houve uma última situação de adaptação cultural muito semelhante à relatada no segundo ponto das adaptações culturais efetuadas no TC. Nesta situação, tal como na segunda, deparei-me com um tópico cultural que era diferente na França e na Alemanha; na verdade, o objetivo dessa parte não era realçar as diferenças entre as duas culturas, mas antes uma questão de constatar os procedimentos em cada país a respeito desse assunto. O assunto em causa encontra-se quase no fim do manual quando é apresentado um vocabulário de sobrevivência para os jovens no outro país. Trata-se de um vocabulário de diversas situações quotidianas, incluindo quando se está num restaurante; é nesse momento que o texto faz um parêntesis para explicar como funcionam as gorjetas.

No TP, em francês, explica-se que no outro país, ou seja, na Alemanha, não é habitual deixar-se em cima da mesa uma gorjeta para o empregado que nos serviu. Pelo contrário diz-se de imediato ao empregado a quantia que lhe queremos dar e damos-lha diretamente; na versão

alemã do manual diz-se que em França basta apenas deixar em cima da mesa umas moedas de gorjeta depois de se ter pago a conta.

Desse modo, o TC em português teve de ser alterado. Em vez de se falar sobre as gorjetas na Alemanha, falou-se antes sobre a forma como as gorjetas são dadas em França. Na verdade, a questão das gorjetas em França é semelhante em Portugal. No nosso país também é costume deixar a gorjeta em cima da mesa depois de se ter pago a conta; e foi isso que eu escrevi no TC em conjunto com as explicações que o texto alemão dava sobre esse tópico (traduzindo-o e adaptando-o sucintamente no TC).

2.3 Adaptações linguísticas

Ao longo do texto não só foi necessário submeter algumas partes do texto a adaptações em termos culturais, como também houve outras situações em que se revelou necessário fazer algumas adaptações em termos linguísticos, designadamente nos momentos em que o TP usava exemplos de comparação linguística entre as línguas dos dois países que iam interagir um com o outro durante a animação linguística – francês e alemão, no texto de partida; francês e português, no texto de chegada. O TP mostrava exemplos que tiveram de ser adaptados para um público de outra nacionalidade: português.

O primeiro exemplo de uma adaptação linguística encontra-se no primeiro capítulo do manual em que o texto de partida refere que a própria linguística não estava livre de ambiguidades, tal como as culturas, e que uma dessas principais ambiguidades linguísticas eram os falsos amigos/cognatos «Refere ainda que normalmente a classificação dos “falsos amigos” usa quatro critérios semânticos. Primeiro aqueles que são totalmente diferentes nas duas línguas, segundo aquelas palavras cuja ampliação ou restrição de sentido é mais adequada na língua A ou B. Um terceiro critério é aquele em que o significado da palavra é mais extenso numa língua que noutra. Por fim o quarto critério, segundo o qual não há tradução de uma língua para a outra, o que favorece a distorção»⁵ Os falsos amigos entre o francês e o alemão que foram apresentados eram os seguintes: “die Garderobe: le vestiaire; die Kamera: l'appareil photo; der Automat: le distributeur”.

⁵ Gomes da Silva (2013), *Os falsos amigos no ensino do PLNM: interferências decorrentes da proximidade linguística*.

No entanto, esses exemplos de falsos amigos já não funcionavam como falsos amigos entre o francês e o português; como tal foi necessário encontrar exemplos de palavras cujos significados não eram aqueles que pareciam à primeira vista. Com efeito esse foi o principal desafio dessa atividade porque, ao contrário do alemão, tanto o português como o francês têm origem latina e como tal existem muitas palavras semelhantes em ambas as línguas. Para além do facto de muitas palavras serem semelhantes, ainda havia outras que em francês tinham mais do que um significado em português: o principal significado não tinha a ver com o que parecia à primeira vista, mas os outros significados mais específicos já significavam em português aquilo que a palavra francesa parecia querer dizer – esses eram na verdade casos de internacionalismos que não contavam como exemplos de falsos amigos para esta situação mas que puderam ser usados na secção final do manual dedicada a internacionalismos entre as duas línguas de trabalho.

Dessa forma, foi necessário analisar muito bem as palavras que eram sugeridas como sendo falsos amigos entre francês e português. Houve momentos em que se parecia ter encontrado bons exemplos, mas, como já referi, veio a descobrir-se que um dos significados dessas palavras encontradas era aquele que a palavra francesa dava a entender que era (por exemplo “carte” tanto pode ser “menu” como também pode ser “carta”). Assim, ao fim de algumas pesquisas, consegui finalmente encontrar três exemplos de verdadeiros falsos amigos existentes em francês e em português: “Pourtant: todavia; garce: prostituta; veille: véspera”

Para além dos falsos amigos outros exemplos de ambiguidade linguística podiam ser encontrados em palavras de uma língua que passam por internacionalismos mas que não cobriam o mesmo campo semântico. O exemplo disso usado em francês e alemão era: “«animation linguistique» e «Sprachanimation»”.

Este foi igualmente difícil devido aos mesmos problemas apresentados no exemplo anterior. As línguas portuguesa e francesa são latinas, são muito semelhantes entre si e assim ia ser difícil tentar encontrar palavras em ambas as línguas que para além de serem sinónimas, tivessem outros significados na outra língua.

A tarefa foi desafiante mas nem por isso impossível de resolver e encontrar uma solução adequada. Ao fim de algumas pesquisas sobre palavras francesas e o seu significado em

português, foi possível encontrar o item lexical “peinture” cujo principal significado em português é “pintura”; no entanto a palavra de partida tem mais um outro significado do que na palavra de chegada: “tinta”. Assim, foi possível encontrar uma palavra francesa com mais um significado do que aquele que se usa em português. “A visão da linguagem como equívoca, ou seja, como uma estrutura que, flexível, não se fecha ao sujeito (...) traz implicações da maior importância para a redefinição de conceitos que vêm norteando o ofício tradutor, como os de in/fidelidade, in/traduzibilidade, equivalência.” (Frota 2000: 207).

Durante a atividade acima referida, mais do que uma tarefa de adaptação, está-se perante uma clarificação da parte do tradutor para os leitores. Como já referi na introdução, muitos elementos deste texto foram adaptados cultural e linguisticamente para português exceto o capítulo 3 e metade do capítulo 4 que usavam exemplos concretos de como realizar uma animação linguística num encontro franco-germânico entre jovens. O exemplo que vou agora analisar encontra-se no fim do terceiro capítulo em que o TP menciona algumas palavras de outro idioma que os jovens captam durante o encontro ou que aprendem por eles mesmos. As palavras são as seguintes: “cassette, match, spring, raquette, Zugabe, malen, surfen”.

Como se pode ver duas das palavras são inglesas, duas francesas e as restantes alemãs. Tendo em conta que essas palavras fazem parte dos resultados conseguidos durante um encontro franco-germânico específico que decorreu nos anos 90, não posso adaptar para o contexto sociocultural português nenhum dos exemplos apresentados nesses capítulos. Tendo isso em conta, podia tê-las simplesmente ignorado e continuar a adaptar outras partes do texto que fossem necessárias. Apesar disso achou-se que se justificava colocar uma nota de tradutor a explicar o significado português de algumas dessas palavras, o que já podia fazer algum sentido para os leitores que não só veem as palavras estrangeiras que os jovens encontram como também podem perceber o seu significado.

Optei por fazê-lo somente nas três palavras alemãs, que seriam mais difíceis de compreender. A respeito das palavras inglesas, crê-se que o público-alvo tenha conhecimentos suficientes de inglês para as compreender; as palavras francesas não necessitavam de tradução pois representam internacionalismos foneticamente semelhantes em português.

Para tal utilizou-se um dicionário bilingue alemão-português *online* para encontrar o significado dos três itens lexicais. Apesar de cada um deles ter diversos significados

consoante as situações, decidi colocar como tradução os seguintes: oferta, pintar e surf, respetivamente. Quando os três significados foram encontrados criou-se uma nota de tradutor a explicar que o significado dos três últimos itens lexicais alemães ia ser apresentado de seguida, obviamente com a sigla N. do T [Nota do Tradutor]. Apesar de alguns teóricos de tradução, como por exemplo Umberto Eco, não serem muito a favor do uso de notas de tradutor em determinadas situações, há, porém, certos elementos do texto (elementos culturais, linguísticos e talvez científicos que podem ser compreensíveis na língua de partida e até mesmo noutra língua, mas não na língua de chegada) que não podem ser preservados na tradução pois os seus leitores não os conseguirão compreender. Alguns teóricos como Eco acham que essas notas comprometem a fluência da leitura. Apesar disso, achei que assim os leitores de chegada não só veem, como também ficam a saber o que querem dizer as palavras que são exemplificadas no manual, contribuindo assim para enriquecer os conhecimentos do leitor. Basicamente nunca se pode ser exatamente fiel ao TP pois o tradutor tem de ser o mediador entre o texto e a mensagem de partida e com aquilo que os leitores da tradução conheçam ou não e que poderão ou não compreender.

Vou agora referir um exemplo em que no TP era mencionado o nome de um jogo de cartas muito conhecido nas duas línguas de trabalho. O jogo em causa chama-se “O jogo das 7 famílias” e no TP o nome é apresentado em francês e também em alemão.

Durante o trabalho inicial de tradução, no qual simplesmente traduzi as frases francesas e deixei as frases alemãs permanecerem no original, traduzi o nome do jogo francês para português que ficou ao lado do seu equivalente alemão. No entanto, durante a adaptação, tornou-se óbvio que era melhor voltar a colocar no TC o nome francês e que o nome alemão não podia permanecer; como tal podia ter optado por simplesmente eliminá-lo no outro idioma. Ainda assim achou-se que seria melhor fazer de outra maneira: eliminar o nome alemão e substituí-lo pelo nome em português. Dessa forma, os dados de contraste entre duas línguas no TC ficariam tal como no TP, mas em vez de ser o nome francês e o alemão, substituiu-se pelo nome francês e português, “Jeu des 7 familles” e “Jogo das 7 famílias”.

Dentro do mesmo tipo de técnica de adaptação, houve uma outra situação que necessitou de ser tratada da mesma maneira que o exemplo anterior: mais adiante no manual o texto de partida menciona a possibilidade de se ajudarem os jovens a descobrir a forma como funciona a língua do parceiro, dando exemplos de palavras muito semelhantes em ambas as línguas. O

TP usava um exemplo em alemão e em francês: “Kaffeemaschine – machine à café”. Neste caso foi igualmente necessário preservar a palavra francesa e adaptar a alemã para português. Tendo em conta que a palavra francesa era semelhante em português, não foi preciso tentar encontrar outro exemplo que servisse para ilustrar a explicação apresentada. Assim, no TC, a explicação foi ilustrada da seguinte maneira: “Máquina de café – machine à café”. Houve mais exemplos de palavras apresentadas em francês e alemão que tiveram de ser adaptadas para francês e português, mas estes foram considerados como paradigmáticos da situação.

Seguidamente relata-se a adaptação linguística do título de uma atividade de animação linguística. A primeira metade do manual (dos capítulos 1 a 6) dedica-se a relatar a evolução da animação linguística em encontros binacionais de jovens e a segunda metade a mostrar uma lista de atividades criadas para os jovens no decorrer de um encontro binacional, em conjunto com as descrições de cada uma dessas atividades.

O principal desafio de tradução e adaptação da segunda e última parte do manual consistia em tentar traduzir os nomes das atividades da maneira mais fiel possível, mas tendo também em conta as palavras e o modo de se expressar em português em contraste com o francês. Sobre isso falarei mais adiante neste relatório; por agora vou falar de um título linguisticamente interessante que necessitou de uma tradução adaptada para a linguagem corrente portuguesa.

É o caso de uma atividade cujo nome em francês era “L’espace dico/le jeu du post-it”. Essa atividade consistia em colocar os jovens a circular por um espaço à procura de objetos escolhidos por eles mesmos; quando escolhessem um objeto tinham de colar nele um post-it com o nome do objeto em francês e em alemão/português. À partida, nem a atividade nem a sua descrição ofereciam qualquer problema ou desafio para o tradutor.

A principal dificuldade estava no nome da atividade, “L’espace dico”, pois a palavra “dico” é um diminutivo em francês para a palavra “dictionnaire” e consiste numa espécie de truncação da palavra. Nesta situação, a solução mais adequada era encontrar um diminutivo em português para a palavra “dicionário”. Contudo, na língua de chegada não é muito comum usar diminutivos para referir a palavra dicionário e foi por essa razão que se tornou difícil encontrar a palavra certa para usar nesta situação. Primeiro só consegui encontrar alguns exemplos de diminutivos para a palavra em espanhol e em português do Brasil; após algumas tentativas consegui encontrar um diminutivo português para a palavra “dicionário”. Dessa

forma, a atividade ficou com o título português “O espaço dic. O jogo do post-it”. Essa era a única parte do nome que precisava de ser adaptada pois no país de chegada também é comum chamar “post-it” aos papéis autocolantes comumente usados como lembretes, mas também como etiquetas, tal como são usados nesta atividade. Foi um caso que fez lembrar as palavras de Steiner “Entre a «tradução propriamente dita» e a «transmutação» abre-se um vasto terreno de «transformação parcial». Os signos verbais da mensagem ou do enunciado modificam-se através da influência exercida por um de entre um grande número de meios (...) incluem-se (...) a variação temática (...) e muitos outros processos ainda.” (Steiner 1975: 467-468)

Entre as duas partes do manual existia uma grelha que servia de apoio aos animadores para certos comportamentos dos jovens que eles deviam ter em atenção durante o encontro e um questionário pensado para os jovens no fim do encontro. Durante a grelha e o questionário, pergunta-se no texto de partida como decorriam as interações entre franceses e alemães. Obviamente, todas essas perguntas tiveram de ser adaptadas: cada vez que se falava nos alemães, tinha de se passar a falar sobre os franceses como estrangeiros e passava-se a falar sobre os portugueses cada vez que se falava sobre os franceses como nacionais do país de base (França no TP [francês] e Portugal no TC).

De seguida, vou relatar uma ocorrência na segunda atividade proposta aos jovens. No texto de partida é apresentada uma atividade muito semelhante ao conhecido jogo de tabuleiro, *Scrabble*. Nessa atividade, os jovens tinham de formar palavras na língua do parceiro e recebiam pontos consoante cada letra que usavam. No TP o uso da letra “j” valia cinco pontos e o uso da letra “y” valia 10 pontos.

Certamente que se podia preservar essa pontuação no TC. No entanto, faz-se notar que tanto a língua francesa como a alemã usam frequentemente a letra “y” que pode ser muitas vezes confundida com o som da letra “i” e por isso essa letra era das que mais pontos valia. Porém, a letra “y” há muitos anos que não é usada na língua portuguesa, pelo que foi necessário encontrar outra que pudesse valer por um “y”. Açou-se que a melhor hipótese era a letra “x” que é uma das que são usadas em ambas as línguas; para além de os estrangeiros a confundirem por um “z”, ou por um “ch”. É exatamente por isso que se achou que essa era a melhor escolha de adaptação de uma letra que pudesse valer dez pontos num jogo como aquele, porque escrever corretamente palavras portuguesas e francesas com a letra “x” ajudava a ter uma maior proficiência na outra língua.

De seguida, houve uma situação encontrada um pouco mais à frente no manual; numa outra atividade proposta, o animador dizia aos jovens uma palavra e eles tinham de descobrir outras palavras em ambas as línguas que pudessem estar associadas a ela. Ou seja, era uma atividade que visava levar os jovens a adquirirem vocabulário do outro idioma.

No TP é dado um exemplo de conjuntos de palavras associadas entre si que os jovens podiam descobrir enquanto decorresse a atividade. As palavras foram apresentadas em forma de lista: começava por uma palavra francesa seguida por uma palavra alemã associada à primeira e depois repetia-se a ordem, primeiro uma palavra francesa e depois outra alemã que lhe estivesse associada.

A princípio pensei que tudo o que tinha de fazer era eliminar as palavras alemãs e colocar palavras portuguesas no seu lugar. No entanto isso não faria sentido porque essas palavras na língua de chegada seriam traduções das francesas e não palavras que estivessem associadas às francesas. Ao olhar para a versão alemã do manual constatei que a opção da tradutora alemã foi apresentar a lista de palavras em ambas as línguas de outra forma: traduziu para alemão as palavras francesas e traduziu para francês as palavras alemãs. Ou seja, começava por uma palavra alemã seguida por uma francesa associada à primeira e por aí adiante. Então, optei por usar a mesma estratégia da tradutora alemã: olhando somente para o texto de partida, traduzi as palavras francesas para português (as palavras a partir das quais os jovens iam ter de encontrar outras que estivessem associadas) e depois fui ao texto alemão e transcrevi as palavras francesas (as associadas) para o meu TC. Dessa forma consegui preservar a ideia de as palavras de base terem de estar na língua a partir da qual se lê (francês na versão francesa e português na versão portuguesa) e as que lhes estavam associadas, na língua estrangeira (alemão no TP e francês no texto de chegada).

Vou referir agora uma situação em que não só se traduziu e adaptou partes do texto de partida como também foi preciso corrigir uma situação em que o próprio texto continha algo que não era propriamente um erro, mas sim um pequeno lapso de transcrição de expressões de orientação francesas. Tratou-se de uma atividade na qual o animador começava por lançar as palavras de vocabulário de orientação e os jovens deviam, à vez, dizer uma dessas palavras na língua do parceiro e os outros deviam dar saltos na direção que o outro disse.

Esse vocabulário de orientação estava apresentado da seguinte maneira, no texto de partida: “avant – arrière – à gauche – à droite”. Durante o processo inicial de tradução sem adaptações limitei-me a traduzir esses advérbios franceses para os respectivos equivalentes em português, “para a frente – para trás – para a esquerda – para a direita”. Quando o trabalho de adaptação foi realizado, o texto de chegada iria ser apresentado com os advérbios franceses em primeiro lugar seguidos depois pelos portugueses. No entanto, dei-me conta de que na realidade as expressões francesas não estavam tão completas como as portuguesas, mas não se queria que o texto de chegada efetuasse uma “(...) suplementaridade linguística pela qual uma língua dá à outra o que lhe falta, (...)” (Derrida 1987: 222 em Barrento 2002: 83). As expressões francesas deviam ser efetivamente semelhantes em todos os aspetos com as portuguesas.

À luz disso, revelou-se necessário fazer uma pesquisa sobre as expressões francesas a fim de as poder apresentar na sua forma mais completa e correta possível no TC. A diferença entre a forma inicial e a nova não é muito substancial, foi apenas necessário adicionar as preposições “en” nas duas primeiras e “à la” nas restantes.

Essas preposições tinham a função de dar aos restantes termos a noção de serem direções que outros iam ter de seguir para conseguir cumprir o objetivo da atividade, que era o de ajudar os jovens a familiarizarem-se com o ambiente e com os restantes jovens ao mesmo tempo que iam aprendendo de forma lúdica as direções na outra língua.

Em relação a esta última atividade, levanta-se a questão da interferência do tradutor no texto que traduz. Será que nos cabe a nós, tradutores, decidir quando é que existe um erro no TP ou que estamos a ver a “(...) língua como um instrumento sempre submetido ao controle do falante” (Frota 2000: 195)? Poder-se-ia simplesmente deixar as palavras francesas da mesma forma que eram apresentadas no TP, mas achou-se mais ético apresentar os termos do outro idioma igualmente corretos, como os termos portugueses. Se essa correção não tivesse sido feita, os leitores do texto traduzido continuariam a compreender a atividade e o que se esperava que os participantes fizessem. Por outro lado, achou-se melhor efetuar essa correção porque se assegurou dessa forma a qualidade do texto, demonstrando-se com exatidão certos pontos fulcrais de semelhanças gramaticais entre as duas línguas de trabalho.

A atividade seguinte necessitou também de algumas adaptações linguísticas que tornaram essa parte do texto final diferente da forma como estava depois de traduzida sem adaptações.

Trata-se de uma atividade na qual os jovens eram convidados a criar um pequeno poema, tendo por base algumas instruções do animador sobre como proceder.

O primeiro passo de adaptação estava numa demonstração de pequenos versos poéticos que os jovens podiam usar como inspiração para os seus próprios poemas. Esses versos estavam, naturalmente, em francês no TP. Quando fiz a primeira versão de tradução do manual, traduzi esses versos para português; quando estava a adaptar não sabia em que língua os versos tinham de ser apresentados. Mais uma vez fui ver a versão alemã para ver como a tradutora alemã fizera; nessa versão, os versos permaneceram em francês. Como tal, eliminei a minha versão traduzida e repus os versos na sua língua de origem; entre o primeiro e o segundo verso estava uma breve palavra de anotação que mantive traduzida pois reparei que a versão alemã fizera o mesmo.

Ainda dentro da mesma atividade, houve outra situação que necessitou de uma abordagem diferente da anterior. Depois da lista acima referida, havia outra com duas rimas usadas em cada uma das línguas. Neste caso limitei-me a deixar as rimas francesas e alterei as alemãs para rimas portuguesas. Efetivamente, existem muitas rimas em português, aquelas que são frequentemente usadas e outras que apesar de também serem muito usadas não são consideradas boas rimas, como por exemplo a rima em “ão”. Portanto, decidi colocar duas rimas portuguesas que não só são das mais comuns, como também são consideradas boas rimas. São rimas em “ar” e “ir” para as quais criei exemplos que substituíram os exemplos alemães. Depois da lista de rimas, o texto apresentava exemplos em cada uma das línguas de versos que se podiam fazer com uma dessas rimas. Como tal, deixei os exemplos franceses como estavam e acrescentei dois versos criados por mim que rimavam com uma das referidas rimas.

Seguidamente, deparamo-nos com outra situação de adaptação nesta atividade quando o manual dá um exemplo em cada uma das línguas de como se podia fazer um pequeno poema com todas as especificações pedidas pelo animador. No TP apresenta-se em linhas alternadas um exemplo de poesia nas duas línguas: primeiro um verso em francês, depois outro na segunda língua seguido de um novo em francês e assim por diante. Nesse caso tive de eliminar o exemplo alemão e substituí-lo por um exemplo em português criado por mim. “(...) o texto a traduzir é implacavelmente submetido à lei/ao destino dos deuses e ao mesmo tempo desafia-os.” (Barrento 2002: 85). “(...) transposição (...) essa plurivocidade textual

agudiza-se, potencia-se, porque não tem apenas de ser compreendida, mas re-feita.” (Barrento 2002: 89).

Este foi um exemplo em que era necessário o tradutor ter alguns conhecimentos de poesia para poder criar exemplos novos e inventados que posteriormente servirão para dar instrução ao animador de como incentivar e inspirar os jovens a criarem poemas não só nas suas línguas maternas, mas também nas outras e assim terem noção de como dizer frases suaves, musicais e quase sentimentais na outra língua.

Refiro mais um exemplo encontrado mais adiante no manual, para o qual foi necessário encontrar algumas fontes de erros ortográficos no outro idioma que fossem causados pela estranha relação/separação entre som e grafia. Refiro-me a uma atividade na qual os jovens formavam dois grupos e depois, à vez, um membro de cada grupo escrevia num quadro uma palavra, ora na sua língua materna, ora na outra língua, começada por cada uma das letras do alfabeto (os participantes nº 1 escreviam palavras começadas pela letra A, os participantes nº 2 palavras começadas por B e assim por diante).

Na descrição da atividade são apresentadas palavras ortograficamente erradas em duas situações em que os jovens estão a escrever palavras no outro idioma. Neste caso tive de encontrar uma forma de exemplificar um erro ortográfico que um português poderia fazer ao escrever em francês e tive também de encontrar uma palavra portuguesa que levaria um francês a cometer um erro ortográfico.

No texto de partida apresentava-se a palavra francesa “assortiment” que tinha sido mal escrita por um alemão e que decidi manter mas adaptando para um erro ortográfico que um português poderia cometer nesta palavra: para nós é difícil distinguir quando se escreve “ent” e quando “ant” pois o som é exatamente o mesmo. Ou seja, a fonte do erro ortográfico da parte de um português é a semelhança sonora entre duas palavras diferentes.

Depois era apresentado um outro exemplo de erro ortográfico, mas este de um francês a escrever na outra língua. Ao contrário do exemplo anterior, neste tive de encontrar uma palavra portuguesa começada pela letra D que pudesse ser difícil de escrever para um francês. A palavra que decidi usar era “dosagens” (“duzajões” no TC), escolha que foi devida ao facto de a palavra apresentar fortes diferenças entre som e grafia que um francês não conhecerá e,

como tal, não a escreverá corretamente: por um lado saber quando se usa a letra “o” ou a letra “u” que são pronunciadas de maneiras semelhantes; o mesmo entre um “s” e um “z” que se leem da mesma forma e principalmente o som “ens” que muitos estrangeiros não sabem soletrar e, como tal, podem frequentemente confundir com “ães” que é um som tipicamente português e não usado em outras línguas como o francês.

Este caso de adaptação foi conseguido devido a memórias dos meus próprios erros ortográficos durante a aprendizagem da língua francesa e também devido a conhecimentos das maiores fontes de erros de estrangeiros que aprendem português. Esta foi uma opção que me surgiu quase instantaneamente, demonstrando assim “(...) escrita do tradutor como uma escrita (também) do inconsciente” (Frota 2000: 195). No meio destas perdas e substituições surge uma das qualidades de tradutor que Umberto Eco elogiava, a capacidade de conhecer não só a língua a partir da qual se está a traduzir mas também a língua para a qual se vai traduzir, a fim de se poder dar uma imagem quase semelhante do TP para os leitores do texto de chegada (e decidir sabiamente que elementos devem ser substituídos e o que se tem de perder do texto de partida para conseguir um texto de chegada onde se diz quase a mesma coisa). Em suma, nesta situação tratou-se de ilustrar erros que podem ocorrer em todas as línguas: cada língua tem o seu modo de soletrar os sons próprios do seu idioma e isso frequentemente condicionará a forma como os falantes de uma língua pensam que um som semelhante se escreve no outro idioma. Certo é que, a seu tempo, esses erros são superados quando se ganha fluência na outra língua, mas até lá são esses erros que levam os alunos estrangeiros a aprender as formas de ler e escrever no outro idioma.

Posso igualmente mencionar uma outra situação em que o TP apresentava uma atividade na qual os jovens de uma língua diziam aos da outra língua frases imperativas com preposições espaciais às quais eles tinham de obedecer. Ao longo da descrição dessa atividade, o texto de chegada apresentará muitos exemplos de frases em francês (que, durante o processo de tradução sem adaptação, foram traduzidas para português a fim de ficarem ao lado de uma frase com preposições espaciais alemãs; mas, quando o texto foi adaptado, trouxe-se de volta as frases francesas e eliminou-se a frase alemã que foi substituída por uma frase com preposições espaciais portuguesas). Algumas atividades tinham uma variante geralmente mais difícil para os que tivessem um nível mais avançado na outra língua; esta atividade tinha uma variante na qual os jovens franceses tinham de dizer as preposições do outro idioma e não da deles pois assim podiam praticar aquilo a que o TP denominou “regência preposicional;

acusativo ou dativo”. Tendo em conta que esse era um caso próprio da gramática alemã, foi necessário adaptar um pouco essa situação para algo que se enquadrasse na gramática portuguesa. Decidiu-se, então, preservar a ideia de ser trabalho sobre a regência preposicional, mas em vez de ter a ver com as declinações alemãs, teria a ver com o uso das preposições e a sua relação com os verbos e os nomes. Foi então um caso em que foi preciso conhecer um pouco da gramática de ambas as línguas em questão para se poder saber qual a opção gramatical na nossa língua que melhor serviria para substituir a opção gramatical alemã.

Mais adiante no texto deparei-me com outra atividade na qual os jovens tinham de formar grupos com os jovens da outra nacionalidade e juntos tinham de formar uma palavra de quatro letras numa das línguas (o animador selecionava a língua de trabalho). Depois de formarem uma palavra, separavam-se e juntavam-se com outros jovens para criarem outra palavra de quatro letras. Essas palavras, no entanto, não podiam ser as mesmas, mas podiam formar uma que se escrevesse de forma semelhante em ambas as línguas.

Nesse caso, o texto de partida usava como exemplo a palavra “idee” que significa “ideia” e se escreve de igual forma tanto em francês (idée) como em alemão (idee). Esta situação precisou claramente de uma adaptação para outra palavra que se escrevesse da mesma forma em francês e em português. À primeira vista, a adaptação podia ser muito fácil de fazer pois, como já mencionado anteriormente, o português e o francês têm as mesmas origens e, portanto, têm muitas palavras com grafia semelhante.

Apesar disso não podia escolher uma palavra qualquer que se escrevesse da mesma maneira em ambas as línguas, tinha de ser uma palavra com quatro letras. Esse facto reduziu as possibilidades de escolha porque a maior parte dessas palavras tinha mais do que quatro letras. Não obstante, o próprio texto forneceu-me uma palavra que podia usar nesta situação. A palavra de quatro letras que mais útil se revelou para ilustrar as explicações da atividade foi “café”.

Na longa lista de internacionalismos com grafias semelhantes entre as línguas portuguesa e francesa, havia muitas palavras que se podia escolher para esta situação, não fosse o caso de haver um requisito especial – uma palavra com quatro letras. As hipóteses de encontrar uma palavra que cumprisse com esses dois requisitos eram consideravelmente menores. Apesar disso a tarefa não foi impossível de realizar pois muitas vezes não é necessário ir muito longe

para procurar uma palavra específica para uma certa situação. Foi esse o caso desta atividade: só precisei de me recordar de um outro exemplo anterior no qual me deparei com uma palavra que parecia ter o número certo de letras e que se usava de igual forma em ambas as línguas de trabalho.

De seguida vou relatar outra atividade na qual foi necessário proceder a adaptações linguísticas cuidadas e específicas. Refiro-me a uma atividade em que os jovens vão efetuar um jogo da força em que têm de adivinhar as letras de uma palavra em cada uma das línguas. As palavras usadas nessa atividade são equivalentes uma da outra e têm na ortografia uma letra em comum. Primeiro apresenta-se um número de traços equivalente ao número de letras das palavras e com as respetivas palavras escritas entre parêntesis, depois refere-se que quando um jovem disser uma letra que pertença às duas palavras (há um caso disso) o animador tem de escrever essa letra no lugar de um dos traços de cada palavra (consoante a posição que a letra ocupa em cada uma das palavras).

Tendo isso em conta, tive de encontrar uma palavra cujos equivalentes em português e em francês tivessem pelo menos uma letra em comum, que de preferência estivessem em posições diferentes na palavra, e que tivessem um número reduzido de letras (as palavras em francês e em alemão tinham um número reduzido de letras) para não destoar das palavras de partida. Depois de pesquisar algumas palavras em ambas as línguas, consegui encontrar uma palavra portuguesa, “vaso”, cujo significado em francês é “pot”. Tinham pelo menos a letra “o” em conjunto e em posições diferentes nas palavras. Um outro motivo que me levou a escolher estas palavras foi porque, na variante desta atividade, também se pedia aos jovens que depois de terem adivinhado as palavras em ambas as línguas trabalhassem nos seus campos lexicais. Tendo em conta que a palavra escolhida em francês e em alemão significava flor, na variante o manual apresentava exemplos de palavras que pertencessem ao campo lexical de flor: a flor, o vaso, o jardim, semear, brotar, plantar, conservar, arranjar...

Então, numa tentativa de preservar esses campos lexicais, procurei escolher palavras em português e em francês que fizessem parte do mesmo campo lexical. A palavra selecionada cumpria esse propósito. Depois, ao observar as instruções da variante, constatei que a primeira palavra da lista de campos lexicais começava por flor e seguia dali em diante; para preservar a métrica do TP fiz a variante do texto de chegada começar pela palavra “vaso” que depois era seguida pelas restantes palavras na mesma ordem em que surgiram primeiramente.

Esta foi uma adaptação em que se teve o cuidado de tentar encontrar palavras em francês e em português que tivessem a mesma função e a mesma métrica que as palavras que constavam no texto de partida que foram pensadas para as línguas francesa e alemã.

Apresento agora uma tarefa de adaptação de uma atividade para a qual foi necessário que o tradutor criasse uma frase em português de acordo com os objetivos da atividade e com os exemplos dados na língua francesa e alemã. Era uma atividade que começava quando o animador dissesse uma frase em ambas as línguas com apenas um sujeito e um verbo e depois os jovens eram desafiados a tentar prolongar as frases na outra língua da forma mais correta possível e em tempo recorde.

Na descrição dessa atividade o manual apresenta exemplos de como deveriam ser as frases nas duas línguas que os jovens iriam criar. No TP eram apresentadas frases em francês e em alemão. Na primeira tradução do manual traduzi a frase francesa para português e preservei a frase alemã na sua língua de origem. Quando se passou para o trabalho de adaptação, concluiu-se que não era dessa forma que esta atividade deveria ser exemplificada. Tornou-se claro que, mais uma vez, teria de efetuar outra adaptação linguística no texto. Assim, a frase francesa foi repostada e a frase alemã foi eliminada e substituída por uma frase em português. Porém, a principal dúvida estava na forma que ia dar à frase em português: podia simplesmente manter a frase que tinha antes da adaptação, que fora traduzida literalmente a partir do francês. Não obstante, resolvi pegar na frase em alemão, coloquei-a num *site* de tradução automática e perguntei a falantes de língua alemã para ver a relação entre a frase em francês e a frase em alemão, o que me ajudaria a escolher o caminho a adotar na tradução para português. Descobri então que a frase em alemão se afastava da frase em francês e assim decidi criar uma outra frase em português.

Em última análise este foi um caso de adaptação que teve uma ajuda importante de uma outra tradução do mesmo texto numa língua que não é conhecida pelo tradutor, ou seja, a tradução alemã desta situação particular ajudou-me a refletir sobre qual seria a melhor solução para o português. Será que se poderia ter frases em que uma foi traduzida a partir da outra, ou seria melhor encontrar outra frase nova? Ambas as hipóteses eram legítimas, mas, ocasionalmente, torna-se mais fácil seguir as ideias da tradutora para a língua alemã que não só pode ter tido as mesmas dúvidas como também deve ter estado em contacto direto com a autora do TP –

afinal de contas o texto foi criado numa parceria entre França e Alemanha que visava desenvolver os contactos entre ambos os países.

Posteriormente, numa outra atividade houve uma situação que praticamente não necessitava de nenhum tipo de adaptação. Contudo resolvi submeter essa atividade a uma breve adaptação: apenas traduzir um nome francês para o seu equivalente muito semelhante em português.

Tratava-se de uma atividade na qual um dos participantes tinha de contar o fim de uma pequena história criada por si e os outros participantes tinham de adivinhar o resto da história fazendo perguntas de resposta fechada, “sim” ou “não”, àquele que a inventou. Nessa atividade, o manual dava dois exemplos de histórias que podiam ser usadas (o manual começava por dizer o fim da história, seguida pela versão integral). A primeira história apresentada tinha como personagem principal um homem com o nome francês Pierre (e uma outra personagem com o nome Maria – forma do nome não só na Alemanha, mas também em Portugal) e na segunda história a personagem principal chama-se Alfred (um nome usado tanto em francês como em alemão e que se escreve de igual forma em ambas as línguas).

Realço, mais uma vez, que de um ponto de vista cultural não havia uma forte necessidade de adaptar os exemplos dados para a língua e cultura portuguesa pois geralmente não se traduzem nomes. Com efeito, segundo Newmark (1988: 214-215) a respeito da tradução de nomes:

Normally, people's first and surnames are transferred, thus preserving their nationality, and assuming that their names have no connotations in the text.

There are exceptions: the names of saints and monarchs are sometimes translated, if they are 'transparent', but some French kings (Louis, Francois') are transferred. The names of popes are translated. Some prominent figures of classical Greece (Platon (F), Thucydide (F), Aeschyle (F), Sophocle (F), and Rome (Horace, Livy, Tile-Live, Catulle) and the Renaissance (Anaste, Le Tasse, Le Grec) are naturalised in the main European languages- (See other examples in Newmark, 1981.) Romance languages often translate the first names of prominent foreigners, if these are transparent. Some Renaissance and eighteenth-century personalities (e.g., Copernicus, Spinoza, Linnaeus (von Linne), Melanchthon, which translates Schwarzerd, his original name) adopted classical names which are then sometimes naturalised - e.g., Linne, Copernic (F). In some languages, such as Hungarian, surnames precede first names (e.g., Kadar Janos). Even now there is no standard-ised

transliteration system from Cyrillic, and it is a pity that the Soviet (unlike the Chinese) government has made no recommendations.

There remains the question of names that have connotations in imaginative literature. In comedies, allegories, fairy tales and some children's stories, names are translated (e.g., Cendrillon), unless, as in folk tales, nationality is important.

Pessoalmente achei que seria melhor haver no TC um exemplo de uma história com franceses e outro de uma história com portugueses. Então, à luz disso, decidi utilizar a segunda história com a personagem chamada Alfred e traduzi esse nome para o seu equivalente em português que era Alfredo.

Tanto o primeiro nome em francês como o outro tinham equivalentes em português. Ainda assim decidi usar o segundo nome pois dessa forma dava para realçar a diferença entre os nomes em ambas as línguas. Pierre é um nome com uma sonoridade e uma grafia tipicamente francesa e Alfred é um nome ortograficamente semelhante em muitas línguas e usado em muitos países; como tal pareceu ser o mais adequado para traduzir para o seu equivalente português que termina com a letra “o” contrariamente à sua forma ortográfica em inúmeros países como França e Alemanha. Se era esse o objetivo do TP, não se sabe pois “(...) a intenção do autor não está ao nosso alcance. O que está ao nosso alcance é uma construção de sentido verbal, o texto como um todo, na sua «plurivocidade textual»” (Ricoeur 1987: 87 em Barrento 2002: 88), mas achou-se que isso poderia enriquecer um pouco mais o texto de chegada sem alterar substancialmente nada do texto de partida. Enriqueceu-se assim o trabalho final pois mostrou-se aos jovens que, mesmo que não conheçam nomes da outra língua, podem realizar uma atividade como esta, usando nomes utilizados em ambos os países mas com grafias diferentes, o que os levará a aprender de uma forma verdadeiramente lúdica como se dizem certos nomes semelhantes em ambas as línguas.

De seguida, encontrou-se outra atividade que precisou de receber duas adaptações linguísticas para a língua portuguesa. Refiro-me a uma atividade na qual o animador dá a cada jovem o nome de uma fruta, de forma a que quando o animador mencionasse duas dessas frutas, os dois jovens a quem tivessem sido atribuídos esses nomes deveriam levantar-se de onde estavam sentados e trocar de lugar um com o outro. O manual também menciona que, para um grupo de iniciantes, o animador poderia escolher nomes de frutas que fossem semelhantes em ambas as línguas de trabalho.

No TP, o manual dá exemplos de frutas cujos nomes eram semelhantes tanto em francês como em alemão: banane/banane, orange/orange, citron/zitrone, kiwi/kiwi, etc. Tendo em conta que os nomes sublinhados de duas dessas frutas eram parecidos naqueles dois idiomas, mas não em português (eram quatro frutas no total, mas apenas duas delas entre francês e português), revelou-se necessário tentar encontrar outras frutas cujos nomes fossem semelhantes entre o francês e o português.

Após um exercício de memorização para lembrar o nome das frutas existentes em português, comparadas com os respectivos nomes em francês para ver se eram semelhantes (pois, como João Barrento explica, a tradução requer um trabalho de escavação no meio dos escombros para juntar todas as peças, que aparentemente formam um padrão oculto, e assim poder-se apresentar esses materiais a gerações estrangeiras que querem conhecer o outro lado do qual pouco sabem), identifiquei uma variedade de fruta e um fruto silvestre que se revelaram apropriados para usar nos exemplos dados à descrição daquela atividade, que como muitas outras, procurava dar aos jovens alguns exemplos de palavras que fossem semelhantes em ambas as línguas. Palavras que poderão ser das que os jovens irão aprender mais facilmente ao mesmo tempo que se vão dando conta das diferenças e das semelhanças entre a sua língua e a língua do parceiro.

As frutas com nomes semelhantes entre o francês e o português que decidi colocar no texto de chegada foram: cereja/cerise e mirtilo/myrtille. Os restantes dois podiam ser semelhantes entre o francês e o alemão, mas também o eram em português. Dessa forma, o texto de chegada apresentou os exemplos da seguinte maneira, começava por mostrar os exemplos em português seguidos pelos seus equivalentes em francês – tanto nos exemplos que já eram semelhantes em francês e alemão, como nos outros que foram alterados para exemplos mais interessantes entre o francês e o português, como seria de esperar num trabalho de adaptação como este.

Posteriormente, apresentou-se uma outra atividade que tanto podia necessitar de uma adaptação linguística como também poder-se-ia ter deixado ficar na forma como estava depois da tarefa inicial de tradução sem adaptação. Era uma atividade na qual um grupo de cinco jovens da mesma nacionalidade escolhia na sua língua uma palavra com cinco sílabas,

depois dividiam cada sílaba entre si para posteriormente as apresentarem por ordem salteada perante os outros, que depois teriam de reconstituir a palavra.

No TP em francês, o manual apresentava uma palavra francesa de cinco sílabas que significava “autorização”. Quando traduzi o manual sem adaptações mantive o equivalente da palavra, escolhida como exemplo para os franceses, pois a palavra escolhida em português também tinha cinco sílabas e como tal achou-se que poderia servir igualmente como exemplo para o leitor português.

Porém, quando comecei a fazer as adaptações socioculturais ao manual, lembrei-me que na versão alemã desta mesma atividade os alemães tinham escolhido uma outra palavra com cinco sílabas na língua deles. Ao constatar que a palavra alemã não era de forma alguma um equivalente da palavra francesa, decidi que talvez fosse melhor encontrar eu próprio uma outra palavra portuguesa de cinco sílabas que pudesse servir de exemplo para aquela atividade específica.

Após alguma reflexão concluí que a palavra portuguesa de cinco sílabas mais apropriada para servir de exemplo na descrição daquela atividade seria “calculadora” que não só tem cinco sílabas como também não tem nada a ver nem com a palavra francesa nem com a alemã.

Desta forma não só se manteve a ideia da atividade de colocar grupos unilingues de jovens a dividirem as sílabas de uma palavra com cinco sílabas como também se escolheram exemplos diferentes de palavras de cinco sílabas em cada uma das línguas de trabalho, de modo a ajudar os jovens a aumentar as suas próprias listas de vocabulário aprendido, mesmo sem a ajuda de internacionalismos. Se tivesse mantido a palavra “autorização” os jovens franceses perceberiam facilmente a semelhança com a palavra francesa e perderiam a oportunidade de aprender o modo como funciona o léxico do português, e vice-versa.

Relembro mais uma vez que para além das adaptações culturais e linguísticas que já relatei ainda havia outros exemplos de adaptações linguísticas menos importantes espalhadas pelo manual. Já referi anteriormente que em todas as ocasiões em que o TP falava de franceses e de alemães adaptei o texto de chegada para falar de franceses e de portugueses; as frases em francês que o animador deve ensinar aos jovens da outra língua devem permanecer na sua língua de origem, e as alemãs têm de ser adaptadas para português; a maior parte das vezes

que o texto de partida falava da França e da Alemanha, o texto de chegada passou a falar da França e de Portugal – exceto, claro, nos capítulos 3 e 4 do manual – e em vez de se explicar que se vão formar *tandems* franco-germânicos, diz-se antes que se vão criar *tandems* franco-portugueses. Para além disso, o TP também se encontrava repleto de exemplos de frases que os animadores podiam ensinar aos jovens no decorrer de um encontro.

Nas descrições de algumas das atividades nas quais os jovens tinham de trazer e/ou encontrar e/ou criar objetos que cumprissem os objetivos de dada atividade, o manual sugeria aos animadores que ensinassem os jovens a dizer no outro idioma que tinham escolhido/criado o tal objeto porque... (os jovens continuariam a partir daí). O TP apresenta esses exemplos em francês e em alemão, naturalmente na adaptação preservei a frase francesa mas troquei a frase alemã – traduzida do francês – por uma frase portuguesa que também fora traduzida a partir do francês. E depois havia muitos outros casos idênticos, como por exemplo aqueles que explicam como se dizem os números nas duas línguas, entre outros.

De seguida, vou falar de uma outra situação que surgiu mais adiante no manual. Refiro-me a uma atividade que consistia em encontrar pares, ou seja o animador dava a cada um dos jovens um cartão com metade de uma palavra para depois os jovens circularem pela sala à procura do jovem que tivesse o cartão-par com a outra metade da palavra. Cada par formava uma palavra numa das línguas que podia ser o nome de uma cidade francesa ou alemã ou algum objeto banal usado frequentemente no quotidiano.

Os cartões tinham palavras respeitantes a cidades da França e da Alemanha e a objetos do quotidiano escritos ora em francês ora em alemão; o TP explicava em que consistia a atividade e dava também exemplos de palavras que cada par devia formar. Quando o texto foi traduzido sem adaptações apenas traduzi os nomes franceses para português e deixei os que estavam em alemão. Quando passei para a adaptação, voltei a repor os nomes franceses e troquei os alemães por nomes portugueses. Enquanto o texto de partida usava exemplos de cidades alemãs como Hamburgo e Berlim, decidi adaptar essas cidades para duas cidades portuguesas muito conhecidas como Porto e Lisboa.

Os outros pares de palavras em francês e alemão não foram propriamente adaptados. O que se fez foi trocar as palavras alemãs pelos seus equivalentes em português que foram aproveitados de algumas das palavras já usadas depois da primeira tarefa de tradução. Apercebi-me que

algumas das palavras alemãs eram equivalentes das francesas e, portanto, preservei algumas das palavras usadas; no entanto notei que outras eram diferentes das francesas – estavam relacionadas umas com as outras mas não eram equivalentes. Com essas foi preciso pegar nas palavras alemãs, pesquisar o seu significado num dicionário bilingue alemão-português para assim poder substituir a palavra alemã pelo seu equivalente na língua de chegada.

Dentro do mesmo estilo, ainda na mesma atividade há também um caso em que o TP apresenta uma variedade da atividade que em vez de usar cartões indeterminados o manual sugere o uso de cartões de uma cor para a primeira metade das palavras e outros de cor diferente para a segunda metade. Ao explicar essa variante o TP dá como exemplo que os dois cartões teriam metades de uma palavra alemã cuja tradução era “bilhete”.

O TP francês usava como exemplo da variante uma palavra alemã, mas a versão alemã não usava como exemplo uma palavra francesa. Não obstante, resolvi preservar o facto de o texto de chegada ter de usar neste caso em particular uma palavra numa das línguas (francês) para os jovens das duas nacionalidades reconstituírem e depois traduzirem juntos para a outra língua.

Este foi um caso em que se teve de decidir em que língua se iria apresentar um exemplo. Certo era que a escolha de língua não era importante, pois o objetivo era os jovens das duas nacionalidades reconstruírem uma palavra num dos idiomas e depois traduzirem-na para outro. Se o idioma fosse português, preservava-se o objetivo porque tanto os portugueses como os franceses iam ter de tentar descobrir juntos como se dizia a palavra na língua do parceiro.

Num outro tema, vou relatar uma situação muito interessante em termos linguísticos porque fala da forma como cada idioma entende e transcreve os sons produzidos por diversos animais. Trata-se de uma pequena atividade na qual o animador dá aos jovens de cada nacionalidade um cartão com o nome de um animal na sua língua materna; aí os jovens têm de andar de um lado para o outro na sala a fazer o som do animal que estava no cartão e tentar encontrar o jovem da outra nacionalidade que faça o som do mesmo animal.

No TP são usados exemplos de sons feitos por uma galinha, por uma vaca e por um cão conforme são entendidos pelos alemães e pelos franceses. Como é óbvio foi necessário

adaptar essa parte para a forma como os portugueses imitam os sons feitos por cada um desses animais. Essa parte começou por ter a dificuldade de, a princípio, não ter sido fácil ver no texto de partida qual era o som em francês e qual era o som em alemão; além disso existem diversos *sites* na internet que têm cada um a sua própria interpretação de como se pronunciam os sons em francês.

Não obstante também houve a dificuldade de não haver na internet uma fonte para pesquisar, com alguma fidelidade, a forma de como se pode soletrar em português os sons feitos pelos animais. Tendo em conta que não foi possível encontrar uma fonte segura que referisse a ortografia dos sons, tive de fazer a adaptação conforme o modo que achei adequado para soletrar os referidos sons.

Dessa maneira o texto de chegada foi apresentado da seguinte maneira: começava pelos sons soletrados à maneira francesa seguida pelos respectivos sons em português que ficaram a substituir os sons interpretados pelos alemães. Então os sons feitos pelos animais foram apresentados em português da maneira mais correta possível. As galinhas, achou-se, em português fazem o som “cocorocó” – tendo em conta a forma como as ouvimos a cacarejar –, as vacas fazem “muu” (apesar de ter sido um pouco difícil ter a certeza se era assim que se devia soletrar) e os cães fazem inequivocamente o som “ãõ ãõ” que é soletrado por um som que muitos estrangeiros têm dificuldade em captar ou mesmo imitar. Assim, com esta atividade, os jovens aprendem de forma engraçada os sons conforme são captados por cada um dos idiomas, com o benefício adicional de terem uma introdução facilitada às especificidades do som “ãõ” em português.

Aproximando-me mais do fim do manual vou agora relatar uma situação ocorrida na descrição da penúltima atividade apresentada para os jovens. Refiro-me a uma pequena atividade na qual os animadores entregam aos jovens cartões onde estão escritos um nome, um adjetivo ou uma expressão; depois, sabendo que outro jovem tem um cartão com um par contrário, os jovens após receberem os seus cartões têm de andar em redor da sala à procura do jovem que tiver o cartão com o seu par contrário.

O manual, para além de referir as instruções da atividade, também dá exemplos de pares contrários que os jovens terão de descobrir ao longo da atividade. As expressões/nomes/adjetivos podiam estar em francês ou em alemão no texto de partida, mais

especificamente os pares estavam escritos na mesma língua, portanto alguns pares estavam em francês e outros em alemão; como tal revelou-se necessário adaptar as expressões/nomes/adjetivos que estavam em alemão para português.

Um ponto que ajudou a realizar esta tarefa de adaptação sem problemas foi saber que os pares apresentados no manual eram equivalentes um do outro. Como tal não foi preciso tentar encontrar outros pares contrários diferentes dos franceses e que pudessem ser bons exemplos em português.

Tendo isso em conta, esta situação ficou assim representada no texto de chegada: começava-se primeiro com a demonstração dos exemplos de pares contrários em francês para depois serem seguidos pelos exemplos em português. Esses exemplos foram somente dois, os pares contrários eram doce/amargo e quente/frio em ambas as línguas. Esta atividade deve ser uma continuação de outra atividade com o mesmo nome, apresentada mais atrás no manual, na qual os jovens também tinham de encontrar os pares contrários; mas nesse caso os exemplos eram apresentados na língua de leitura (francês no TP e português no texto de chegada). Como tal esta pequena atividade descrita quase no fim do manual devia ser uma variante da outra atividade. Nesta dá-se a entender que os jovens têm de encontrar pares contrários não só na língua deles como na do parceiro para assim aumentarem os seus conhecimentos linguísticos.

Por fim vou falar sobre a última situação de adaptações linguísticas efetuadas no manual. Esta situação encontra-se no último subcapítulo que apresenta uma lista de vários internacionalismos entre as duas línguas de trabalho. O TP apresenta esses internacionalismos em francês e em alemão e como tal teve de ser adaptado para apresentar internacionalismos entre francês e português.

No manual são apresentados um total de setenta internacionalismos entre as duas línguas. Quando no início traduzi sem adaptar, fiz uma tradução de todos os itens lexicais apresentados em francês; muitos desses itens em português também podiam passar por internacionalismos, mas outros não e foi a esses que apresentei na sua forma traduzida para português em conjunto com o item lexical de partida entre parêntesis (para os leitores saberem o motivo pelo qual alguns desses itens lexicais franceses traduzidos para português eram considerados internacionalismos com alemão).

Posteriormente, quando efetuei o trabalho de adaptação, decidi que os itens lexicais portugueses semelhantes aos franceses podiam contar como internacionalismos entre francês e português; mas os restantes quinze – que durante a tradução sem adaptação foram apresentados com o seu equivalente francês entre parêntesis – já não podiam contar como internacionalismos. Afinal de contas “o linguista não se pode desprender do tecido móvel da linguagem efectiva – da sua própria língua e das muito poucas línguas que conhece –, do mesmo modo que um homem não se pode descoser da sua sombra.” (Steiner 1975: 141). Como tal, revelou-se necessário tentar encontrar quinze novas palavras que fossem idênticas em francês.

O principal desafio nesta atividade foi o facto de ter sido necessário pensar em palavras portuguesas e consultar um dicionário português-francês para ver se o seu equivalente na outra língua era semelhante. Como é óbvio os itens lexicais não precisavam de ser totalmente semelhantes pois cada língua tem a sua própria grafia e as suas próprias formas de soletrar certas palavras (muitas palavras portuguesas terminam em “a” ou em “o”, mas em francês geralmente acabam com *ent* e *ant*, ou seja, com um som nasalado). Ainda assim, conseguiu-se encontrar quinze palavras para servirem de exemplo de internacionalismos entre francês e português. Dessa forma o texto de chegada conseguiu adaptar corretamente a ideia apresentada pelo manual de dar exemplos aos jovens de palavras semelhantes em ambas as línguas. Palavras que foram apresentadas no TC (em conformidade com o TP) em forma de lista com duas colunas: uma em francês e a outra com os respetivos equivalentes semelhantes em português.

Na última página do manual é apresentada uma ficha técnica com todos os participantes que realizaram cada parte do texto de partida, que teve a colaboração não só de especialistas franceses, mas também de especialistas alemães. No TP começou-se por apresentar a área creditada, por exemplo autora, coordenadora do projeto, etc. em francês e em alemão para depois na linha de baixo se apresentar o nome da(s) pessoa(s) que ficou/ficaram responsável(eis) por essas partes, como por exemplo o nome da tradutora alemã. Mais uma vez, mesmo essa parte necessitou de algumas adaptações linguísticas para português.

A princípio, quando só se efetuou a tradução sem adaptações, os nomes das áreas creditadas em francês foram traduzidos para português para depois serem apresentados ao lado dos

respetivos equivalentes em alemão. Quando se passou para a adaptação, adotou-se outra estratégia: eliminou-se os equivalentes em alemão de modo a que o TC ficasse apresentado da seguinte maneira, primeiro o nome em português (que já ficara da tarefa de tradução) e depois o seu equivalente em francês.

Por um lado, o texto de partida fora pensado para ser um livro bilingue francês-alemão. Como tal a tradução de francês para alemão era uma das áreas creditadas, na qual seriam apresentados os nomes das pessoas que a efetuaram. Por outro lado, o texto de chegada seria um texto monolingue português pelo que se revelou necessário eliminar os nomes dos tradutores para alemão e deixar apenas o meu nome como tradutor.

A única parte que permaneceu inalterada da estrutura do texto de partida foram os créditos das pessoas que trabalharam em partes do manual a partir do OFAJ e da sua vertente na Alemanha. Essa parte permaneceu porque o texto de chegada continuou a falar dos resultados da experiência intercultural franco-germânica realizada na Alemanha nos anos 90 e financiada pelas duas vertentes do OFAJ; e essa parte, como já referido anteriormente, não podia e nem devia ser alterada, uma vez que nunca se realizou até à data um encontro interlinguístico entre franceses e portugueses.

Capítulo 3: Segunda Tarefa de Tradução

Neste capítulo vou falar sobre os passos que foram necessários para efetuar a tradução do segundo texto que me foi pedido pela responsável do Clube Intercultural Europeu. Trata-se de um documento de 14 páginas que visa informar um público especialista sobre a economia social e solidária, referindo as origens desta economia e o modo como pode ser usada na atualidade e nos anos vindouros.

Efetuar esta tarefa revelou-se mais desafiante do que a primeira tarefa de tradução pois este segundo texto usava mais léxico de especialidade do que o primeiro, com uma presença constante de siglas (cujo principal problema estava no facto de a maior parte delas não ter equivalente em português) e o próprio texto de partida tinha uma estrutura frásica peculiar. Ao longo deste capítulo ver-se-á que nesta segunda tarefa de tradução o texto apresentava vários problemas semelhantes aos do primeiro trabalho, por exemplo: até onde vão as semelhanças entre a língua portuguesa e a francesa; que palavras/frases fazem mais sentido numa língua e na outra e até onde pode um tradutor interferir no texto traduzido [“(...) we have an end in view, but we don’t know (immediately) how to get there from where we are now. How do we get from our present state to the desired state?” (Chesterman & Wagner 2002: 57)].

Na verdade, ao contrário da primeira atividade de tradução, este novo texto não ia ser usado para cumprir os fins do próprio Clube. De facto, esse texto foi traduzido praticamente por encomenda para depois ser enviado a um consórcio que se encontrava a organizar uma conferência internacional sobre o tema da economia social.

Traduzir este texto não necessitou de adaptações culturais [“(...) govern the selection of material to formulate the target text in, or replace the original textual and linguistic material with.” (Toury 1980: 203)] pois tratava-se de um tema organizado somente pela França e que tinha em conta a forma como a economia social funcionava naquele país. Acresce ainda o facto de não ter sido necessário tornar o texto culturalmente apelativo para os leitores de chegada, pois traduzir as ideias apresentadas no TP era suficiente para cumprir os objetivos dos clientes que pediram a tradução. Por esses mesmos motivos não se revelou necessário adaptar culturalmente o texto de chegada [tornando-se quase possível uma «elevation of a foreign “culture”» (Katz 2007: 6)]; essa era uma tarefa que cabia mais a especialistas dessa

área visto que só eles podiam ver quais as diferenças entre a ESS em Portugal e em França, atendendo às especificidades históricas e culturais de cada um dos países.

3.1 Siglas, Acrónimos e Nomes de Instituições

Um dos principais desafios na tradução deste documento consistiu em decidir a forma como lidar com as siglas, acrónimos e nomes de instituições com que me fui deparando e que fui resolvendo ao longo do texto. A única certeza que havia a respeito deste tema é que todas essas siglas, acrónimos e nomes de instituições eram de origem francesa e muitas não tinham equivalentes em português.

Em primeiro lugar refiro o caso da sigla ESS cujo significado se encontrava explicado no texto de partida, logo após a sua primeira aparição (*Économie Sociale et Solidaire*). A tradução desse significado não revelou qualquer desafio pois o seu equivalente em português é uma palavra frequentemente usada neste tema; além disso, a própria sigla de partida também pode ser compreendida no país de chegada, apesar de não ser usada em português. Desse modo decidiu-se preservar a sigla no TC.

Como mencionado frequentemente ao longo deste relatório, as semelhanças entre o francês e o português beneficiaram em diversas ocasiões os trabalhos de tradução efetuados porque mesmo que certos nomes de empresas e/ou instituições sejam usados somente em França, os seus equivalentes diretos em português permitem a sua fácil compreensão. No entanto, embora seja possível reconstruir de forma inequívoca a sigla e os seus equivalentes lexicais, a realidade que engloba em português não remete para a mesma realidade organizada ou a mesma categoria que lhe corresponde em francês.

Dessa forma, o primeiro exemplo de tradução de um nome de sigla foi realizado sem problemas pois pôde-se preservar a ligação entre sigla e significado. Com efeito, o TC ficou apresentado como se estivesse a dar a ideia de que a referida sigla existia na língua de chegada, apesar de não ser efetivamente assim⁶. Pode até pensar-se que, neste caso, o tradutor criou uma nova sigla portuguesa a respeito do tema da economia social (que corresponde a

⁶ Poder-se-á argumentar que, neste caso, esta criação não levanta muitos problemas, no entanto, não se está a ser fiel ao leitor (está a ser induzido conscientemente em erro), tem de salvaguardar o facto que noutras situações pode ser problemático.

uma estratégia que um tradutor pode efetuar quando se depara com diferenças linguísticas entre as línguas de partida e de chegada). Se, de alguma forma, isso não tivesse sido possível, ter-se-ia de fazer o mesmo que se fizera com as restantes siglas sem equivalente em português: colocar no TC uma tradução literal do item lexical de partida e adicionar uma nota de tradutor a expor o item na LP, em itálico.

De seguida, como segundo exemplo, vou falar sobre a estratégia de tradução da sigla LCES. Tal como no primeiro exemplo, o texto de partida começa por apresentar a lei de que vai falar, que neste caso é a *Loi cadre sur l'économie sociale*, que depois será seguida pela respetiva sigla. Este exemplo foi muito diferente do anterior pois dei-me conta da existência de um nome cuja sigla não tem de forma alguma um equivalente na língua de chegada e como tal exigiu uma estratégia de tradução diferente.

O significado do nome apresentado no TP é “Lei de Enquadramento da Economia Social” – algo que fez lembrar (apesar de não se ter usado as mesmas estratégias) as palavras de Emma Wagner “We know, for instance, that literal translation strategies are frequent in certain kinds of translations (e.g. legal texts)” (Chesterman & Wagner 2002: 64). À primeira vista, podia ser apenas mais uma tradução para português do nome de uma lei francesa a respeito da economia social. O principal desafio encontrado estava no facto de a sigla de partida não se assemelhar com o nome traduzido no texto de chegada – algo que se queria preservar no texto traduzido, uma vez que se trata de uma boa prática de tradução tentar preservar a forma com que certos nomes, e o que se lhes está associado, são apresentados no próprio texto de partida.

A forma que encontrei para realizar isso foi utilizar a estratégia de tradução que não cheguei a usar no exemplo anterior. Mais especificamente, optou-se por apresentar o nome completo traduzido para português [“Obrigatoriedade refere-se a transposições e modulações obrigatórias devido a diferenças entre os dois sistemas da linguagem. Assim, o tradutor normalmente não tem escolha no que toca a traduzir (...)” (Munday 2012: 112)], ao lado do qual se apresenta a sigla francesa, adicionando uma nota de tradutor onde se apresenta o significado de partida da sigla em conjunto com um pequeno parêntesis referindo ser esse nome que constava no documento original francês. Já se mencionou antes que muitos teóricos de tradução acham melhor tentar reduzir o uso de notas de tradutor para não quebrar a fluência da leitura; contudo, em casos como este, elas eram necessárias para se poder elucidar

os leitores de chegada sobre a diferença visível entre siglas francesas e os significados em português, que não são semelhantes.

Nesta situação podia-se ter optado por manter simplesmente por extenso “Lei de Enquadramento da Economia Social francesa” (adicionando a informação de se tratar de uma lei francesa), ou então podia-se ter escolhido adaptar a sigla de partida para português (LEES francesa). Porém, achou-se que o melhor era simplesmente apresentar o nome português no TC (sem adicionar a informação extra), para o caso de os leitores de chegada não terem conhecimentos suficientes de francês para perceberem o seu significado original. Isso para depois a sua sigla original ser seguida por uma nota de tradutor com o significado de partida para que os leitores compreendessem o motivo pelo qual essa sigla é diferente do nome português apresentado. Mesmo que os leitores de chegada não saibam francês, fez-se notar que a sigla citada não era usada em português e assim os leitores de chegada já não seriam induzidos em erro.

Em terceiro lugar vou falar da tradução do acrónimo CAMIF. Desde logo este acrónimo era apresentado no texto de partida sem nenhum significado e, como tal, o próprio tradutor teve de ir pesquisar sobre o acrónimo a fim de tentar saber qual o seu significado e se tinha algum equivalente em português. Dessa forma, após algumas pesquisas, descobriu-se que o significado do acrónimo era *Coopérative des Adhérents à la Mutuelle des Instituteurs de France* e que se tratava de uma empresa francesa especializada em vendas de equipamentos privados para casa e para pessoas. Porém, nem a empresa nem o seu acrónimo têm equivalentes em português.

Mais uma vez revelou-se útil usar a mesma estratégia usada no exemplo anterior. O que se fez neste caso foi colocar uma nota de tradutor ao lado do acrónimo a explicar qual o seu significado em francês, mas sem tradução para português (na verdade, o nome francês contém palavras que podem parecer internacionalismos com o português) porque essa empresa não tinha uma importância verdadeiramente relevante para o documento que exigisse que os leitores de chegada compreendessem o que era e o que fazia efetivamente.

Exatamente o mesmo pôde ser feito no exemplo seguinte em que o texto de partida apresentava a sigla MAIF. Este caso era idêntico ao anterior porque o TP também não explicava o seu significado, o que mais uma vez obrigou a pesquisar sobre o seu significado

para colocar no texto de chegada. Após algumas pesquisas, concluiu-se que o nome completo da sigla era *Mutuelle d'Assurance Automobile des Instituteurs de France*⁷.

Verificou-se também que esta companhia francesa de seguros mútuos, com sede em Niort, Deux-Sèvres, não tinha equivalente em português e isso levou o tradutor a usar a mesma estratégia do exemplo anterior. Tendo igualmente em conta que este caso tinha a mesma característica de ser apenas mais um nome de uma empresa que servia de exemplo para um dos objetivos que a ESS procurava, não houve necessidade de dar ao leitor de chegada mais informações sobre esta entidade.

Dessa forma, limitei-me a apresentar a sigla que depois foi seguida por outra nota de tradutor a enunciar o nome completo na língua de partida. Isso independentemente dos conhecimentos de francês do leitor de chegada – se bem que se estava, mais uma vez, perante itens lexicais franceses que podiam ser compreendidos na LC.

De seguida, vou referir outro exemplo que necessitou de outra abordagem da parte do tradutor; refiro-me ao caso do acrónimo SEL. Esta era uma situação em que o texto de partida começava por mostrar o acrónimo seguido por um parêntesis no qual estava explicado o seu nome completo em francês.

Neste caso, a principal dúvida para o tradutor estava em como apresentar o nome completo do acrónimo em questão. Poder-se-ia preservar o nome de partida no TC e depois colocar outra nota de tradutor na qual se mostrasse o nome traduzido para português. Contudo, após algumas considerações, achou-se melhor mensurar cuidadosamente a fluência de leitura com o número de notas de tradutor (tendo em conta as informações que cada uma delas ostenta). À luz disso, concluiu-se que o melhor a fazer era exatamente o oposto da primeira técnica: ao acrónimo seguia-se o parêntesis que passou a apresentar o nome completo em português, para depois se colocar uma nota de tradutor que continha o nome de partida com mais outro parêntesis a explicar que esse nome era o que constava no TP. Dessa forma, mesmo que os leitores de chegada não tenham grandes conhecimentos da língua francesa, já não se irão deparar com o nome de partida no corpo de texto e não se sentirão obrigados a quebrar a

⁷ A sigla inicial era MAAIF; posteriormente tornou-se apenas MAIF (*Mutuelle d'Assurance des Instituteurs de France*) pois essa empresa alargou o seu âmbito de trabalho.

fluência de leitura para irem à nota de tradutor ver o significado do nome – só a irão consultar se assim quiserem, por curiosidade.

Este caso e outros que se seguirão foram apenas resultado de uma escolha pessoal enquanto tradutor que pensa nos leitores que irão ler o trabalho de chegada e esperam por uma tradução que os elucide sobre a palavra do texto de partida cuja percepção lhes escapa. Outros poderão achar que seria melhor outra estratégia [“Refiro-me a tudo aquilo que produzimos em matéria de língua: nossas escutas e leituras, nossas falas, e, menos efêmeros, nossos escritos. (...) É importante reafirmar, portanto, que não se trata aqui de pensar a intervenção de um sujeito na escrita tradutora (...), ou seja, como criação consciente de um Autor. Trata-se de uma intervenção que, singular, implica, sim, uma diferença relativamente ao código, mas uma diferença que é efeito do inconsciente.” (Frota 2000: 199)], mas cada tradutor tem o seu próprio modo de pensar, a sua sensibilidade face ao material de partida e à forma como pensa apresentá-lo aos seus leitores e também pode ter outra noção daquilo que os leitores de chegada podem ou não saber. Enquanto tradutor, considere que seria melhor apresentar aqueles nomes estrangeiros na língua de chegada para os leitores que possam não conhecer a língua de partida; mas, caso conheçam, podem consultar a nota de tradutor onde encontrarão o nome de partida com o qual podem relacionar o acrónimo em questão.

O mesmo pôde ser feito com muitos outros exemplos de siglas ou acrónimos cujos significados eram apresentados na língua de partida entre parêntesis que surgiam logo após a sigla ou acrónimo. O TP apresenta muitos exemplos disso; a solução era apresentar, no TC, o nome completo da sigla ou acrónimo em português que depois seria seguido por uma nota de tradutor a mostrar o mesmo nome na língua de partida.

Foi este o caso de exemplos como as ‘Cigales’ cujo significado em português era “Clube de Investidores para uma Gestão Alternativa e Local da Poupança Solidária”; nome que foi sucedido por uma nota de tradutor a explicar o mesmo nome em francês, *Club d’investisseurs pour une Gestion Alternative et Locale de l’Épargne Solidaire*, que teve de ser apresentado com um parêntesis a dizer que essa nota continha o nome de partida do TP. Tal como este ainda havia outros exemplos como a SCIC, em português “Sociedade cooperativa de interesse coletivo” e no TP *Société Coopérative d’Intérêt Collectif* tal como é explicado no TC (na nota de tradutor após o nome em português). Depois temos outros casos como a MES cujo significado na língua de chegada era “Movimento de Economia Solidária” e na de partida era

Mouvement de l'Économie Solidaire, tal como na nota de tradutor no TC. Temos também a CNCRES que era “Conselho Nacional das Câmaras Regionais de Economia Social” na LC e *Conseil National des Chambres Régionales de l'Économie Sociale* na LP. Seguindo-se igualmente o caso da AMAP cujo significado em português era “Associação de Manutenção da Agricultura Camponesa” e em francês era *Association pour le Maintien de l'Agriculture Paysanne*. O mesmo pôde ser feito com a sigla CAE que na língua de chegada foi apresentada com o nome “Cooperativa de Atividade e de Emprego” e que na língua de partida era *Coopératives d'Activité et d'Emploi*. No fim do documento, apresenta-se o caso da sigla CRESS cujo nome em português era “Câmara Regional da Economia Social e Solidária” e em francês era *Chambre Régionale de l'Économie Sociale et Solidaire*, depois seguida pelo acrónimo URSCOP que na LC significa “União Regional das SCOP” e na LP é *Union régionale des SCOP*. Por fim temos – e para explicar o acrónimo do último exemplo – a SCOP cujo significado em português é “Sociedade Cooperativa Operária de Produção”, e em francês é *Société Coopérative Ouvrière de Production*. Esta estratégia deveu-se ao facto de estas siglas ou acrónimos terem nomes semelhantes em português, apesar de não existirem no país de chegada. Assim os leitores de chegada puderam ter uma ideia do que as palavras de partida queriam dizer em português e supõe-se que, com isso, já saibam de que trata a dita empresa, sigla ou acrónimo.

Mais peculiar é o caso da rede REPAS porque é um dos acrónimos mais frequentemente mencionados ao longo do documento e só na última vez em que é mencionado o TP apresenta o seu nome completo, nome que, tal como nos casos mencionados até agora, apresentei na LC logo a seguir ao dito acrónimo, “Rede de Intercâmbio e de Práticas Alternativas e Solidárias” seguido por uma nota de tradutor com o seu equivalente na LP, *Réseau d'Échanges et de Pratiques Alternatives et Solidaires*. Tendo em conta que o significado deste acrónimo só é explicado na sua última ocorrência, na página 11 do documento, resolvi remeter os leitores de chegada para essa página através de uma nota de tradutor que apresentei na primeira ocorrência do acrónimo, na página 7 do texto. Algo que voltei a fazer com a sigla SCIC que surge, no fim do documento, em conjunto com outra sigla; ao fazer isso, lembrei aos leitores de chegada de onde poderiam encontrar o significado da sigla citada.

Em quinto lugar, temos um caso diferente em que não nos é apresentado nem uma sigla nem um acrónimo, mas sim o nome de uma empresa francesa que não existe no país de chegada, mas cujo nome pode ser facilmente traduzido para português sem parecer substancialmente

diferente do de partida. Refiro-me a um caso no qual o TP apresenta a *Réseau Entreprendre*, associação francesa de utilidade pública com cerca de 9000 líderes de negócios que se oferecem para acompanhar todos os anos 500 novos empreendedores executivos.

Mais uma vez surgiu a dúvida sobre como esse nome deveria ser apresentado no texto de chegada. Poder-se-ia fazer como nos exemplos apresentados anteriormente, ou simplesmente não fazer mais nada para além de apresentar o nome de partida e deixar o seu significado à mercê dos conhecimentos de francês dos leitores. Ou pelo contrário podia-se usar outra estratégia diferente para enunciar uma associação que, como se veio a descobrir, só existe em França e não em Portugal. A estratégia usada neste exemplo foi apresentar no texto de chegada o nome tal como consta no texto de partida em francês, seguido de uma nota de tradutor a explicar que o seu significado em português era “Rede Empreendedorismo”, seguido por um parêntesis a dizer que isso era uma nota do tradutor para os leitores de chegada. Este foi um caso no qual decidi preservar no TC o nome de partida que não tinha equivalente em português, mas que pôde ser traduzido literalmente numa nota à parte.

3.2 Identificação de Alguns dos Principais Problemas de Tradução

3.2.1 Problemas de Ordem Morfossintática

Conforme estipulado para este capítulo, já foram resumidos os passos dados para a tradução das siglas, acrónimos e nomes de empresas presentes no texto respeitante à economia social. De seguida falarei de algumas fontes de resistência à tradução e todos os passos efetuados para resolver esses problemas e apresentar o texto de chegada da forma mais correta possível. Um desses problemas era de ordem morfossintática.

O texto não era propriamente sobre economia, mas essa era uma das vertentes mais visíveis. Um dos principais desafios na tarefa de tradução residiu no facto de ocasionalmente o texto de partida apresentar frases cujas estruturas frásicas eram peculiares e difíceis de compreender.

There may therefore be gaps, even contradictions, between explicit arguments and demands, on the one hand, and actual behaviour and its results, on the other, due either to subjectivity or naïveté, or even lack of sufficient knowledge on the part of those who produced the formulations. (Toury 1980: 207)

Um dos principais exemplos de estruturas frásicas peculiares encontra-se na introdução do manual, na qual são citados alguns artigos jurídicos da lei francesa a respeito da economia social e solidária. Para começar, os artigos apresentados faziam parte da lei francesa, mas não da portuguesa. Como tal foi necessário que o tradutor efetuasse a sua própria tradução dessa parte jurídica do texto.

Na verdade, o desafio está no modo como o artigo é apresentado; as palavras francesas e alguns períodos eram razoavelmente fáceis de compreender, mas o significado geral, a forma como as frases e as palavras se interligavam, deram ao tradutor dificuldade em entender o sentido geral – algo que seria imprescindível para poder tornar o texto de chegada compreensível para os leitores. Considerando que já tive alguma experiência de tradução jurídica de inglês para português, sabia que na maior parte das vezes era melhor fazer traduções sobre a letra do que à letra [«Here “literal” means: attached to the letter (of works). Labor on the letter in translation is more originary than restitution of meaning» (Berman 1985: 297)].

Vejamos o seguinte exemplo :

“Peuvent faire publiquement état de leur qualité d’entreprise de l’économie sociale et solidaire et bénéficier des droits qui s’y attachent les personnes morales de droit privé qui répondent aux conditions mentionnées au présent article et qui, s’agissant des sociétés commerciales, sont immatriculées, sous réserve de la conformité de leurs statuts, au registre du commerce et des sociétés avec la mention de la qualité d’entreprise de l’économie sociale et solidaire”.

Neste caso, decidi utilizar em parte as duas metodologias: tentei seguir de perto a letra do texto de partida ao mesmo tempo que tentava fazer uma tradução naturalizante, privilegiando o texto-fonte em vez do texto-alvo, tornando assim a compreensão do texto mais fácil pelos leitores-alvo que querem chegar ao cerne da mensagem que o TP lhes apresenta.

Desse modo, o texto de partida foi traduzido da seguinte forma: “Podem declarar publicamente a sua qualidade de empresa de economia social e solidária e beneficiar dos direitos aos quais estão ligadas as pessoas jurídicas de direito privado que preencham as condições mencionadas neste artigo e que, no caso de empresas comerciais, estejam registadas, sob reserva da conformidade dos seus estatutos, no registo comercial e de empresas com a menção de empresa de economia social e solidária.”

Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele. (...). Mas se a tradução quer pôr, por exemplo, o seu autor latino a falar como teria falado e escrito se fosse alemão dirigindo-se a alemães: (...), antes acontece que a tradução está a colocá-lo [o autor latino] imediatamente dentro do mundo dos leitores alemães, dele fazendo um seu igual; (...). (Schleiermacher 1813: 61-63)

The conflict between domestication and foreignization as opposite translation strategies can be regarded as the cultural and political rather than linguistic extension of the time-worn controversy over free translation and literal translation (Wang 2002: 24).

Em segundo lugar vou mencionar um exemplo igualmente complicado que não era uma citação, mas sim parte do corpo do texto escrito pelo autor. Refiro-me a uma parte, ainda na introdução do texto, em que o texto de partida apresentava uma frase morfologicamente incorreta e à qual faltava um detalhe que daria mais sentido à frase. Mais especificamente, este foi um de vários casos em que o tradutor teve de corrigir o TP de modo a que os leitores do TC o pudessem compreender plenamente.

A frase em referência estava apresentada assim no texto de partida: «Or à l’heure ou en France (Loi du 21 juillet 2014) comme le Portugal (Loi cadre sur l’économie sociale -LCES- du 8 mai 2013) conceptualise, formalise et encadre cette notion. » Como se pode ver nos sublinhados adicionados por mim esses pontos tornam o sentido da frase inalcançável “O falante produz estímulos – enunciados – a partir dos quais a audiência infere o que ele pretende comunicar” (Ferreira, Goldnadel e Krauspenhar 2007: 4). Para começar, as orações subordinadas não podem ser apresentadas com as conjunções incorretas. Toma-se por exemplo a primeira parte do excerto cujo principal problema de compreensão está no uso de conjunções correlativas/expressões coordenativas erradas como “ou...comme”. Se o objetivo da frase era dizer que tanto em França como em Portugal algo acontecia, então o TP teria de usar as expressões coordenativas mais corretas para a situação, que seriam “tant en France comme au Portugal”. Então, presumindo que era essa a fonte do erro, o TC teve de ser apresentado com as conjunções corretas para a situação, que não eram as apresentadas no TP. À luz disso, a frase ficou assim no texto de chegada: “Na atualidade quer em França (Lei de 21 de julho de 2014), quer em Portugal (Lei de Enquadramento da Economia Social -LCES - de 8 de maio de 2013)”.

Contudo, essa não era a principal fonte de dúvidas neste excerto. Pode-se encontrar outro problema de cariz diferente na segunda parte do excerto. Se pusermos de lado os dois pares de parêntesis, parece-nos que o que a frase quer dizer é que tanto a França como Portugal conceptualizam, formalizam e enquadram a noção de ESS apresentada. Se fosse esse o significado, poder-se-ia concluir que a fonte do problema estava na conjugação errónea dos verbos franceses “conceptualiser”, “formaliser” e “encadrer”, que tinham de ser conjugados na terceira pessoa do plural (pois “France” e “Portugal” aparentavam ser os dois sujeitos da oração) e não na terceira pessoa do singular como são apresentados – o problema com estas conjugações verbais deveu-se à homofonia, ou seja, às pronúncias semelhantes de palavras ortograficamente diferentes em francês. Porém, olhando dessa forma para a frase, concluiu-se que o problema não era constituído pelos verbos pois a frase continuava sem fazer sentido. Isso levou à percepção de que a fonte da dúvida era a falta de alguma coisa, um nome, um sujeito nulo que tornaria a frase mais clara. Dessa forma, após algumas considerações, achou-se que faltava o item lexical “lei” que devia ser o sujeito que faltava para os três verbos acima mencionados. Após essas alterações, chegou-se à conclusão que as lacunas da frase estavam preenchidas e que o texto já estava com o sentido mais clarificado. O TC foi apresentado na seguinte forma: “Na atualidade, quer em França (Lei de 21 de julho de 2014), quer em Portugal (Lei de Enquadramento da Economia Social -LCES - de 8 de maio de 2013) a lei conceptualiza, formaliza e enquadra esta noção.”

(...) and given an explication in such a way as to place them in a narrow and precise framework, lending the resulting explicata the coveted systematic status. While doing so, an attempt should be made to clarify the status of each formulation, (...). (Toury 1980: 207)

Referir-me-ei agora a outro caso cujo problema também era causado por uma estrutura frásica muito estranha, na qual os constituintes de uma frase não são apresentados na sua ordem correta, o que leva a dúvidas de compreensão que dificultam a interpretação do texto de partida e podem conduzir a um TC infiel ao original.

Refiro-me a uma frase apresentada no segundo capítulo do documento que fala sobre um movimento que disponibiliza as necessidades alimentares básicas e que estava a começar a perder força. O texto abre nessa altura um parêntesis para explicar algumas das características desse movimento, uma das quais está exposta de uma forma sintaticamente estranha que

induziu dúvidas quanto ao seu sentido geral. A frase em questão no TP é a seguinte: «panier à un fixe une fois par semaine, problème de distribution basé sur le volontariat».

Como se pode ver “panier” (cabaz), que é o sujeito da frase, é sucedido pela preposição “à” que depois também é sucedida pelo resto da frase que aparenta ser o complemento direto da frase. Atentando à estrutura frásica, parece à primeira vista que o significado literal da frase é aproximadamente: “cabaz num fixo uma vez por semana”. Concluiu-se rapidamente que a oração não só não fazia sentido como também aparentava ter algo em falta para a clarificar.

Após alguma reflexão constatou-se que a única maneira de tornar a frase consideravelmente mais clara era presumindo que se pretendia dizer que o movimento alimentar em questão era um cabaz fixo ou predefinido, que surgia sempre uma vez por semana, mas que só se podia realizar graças a donativos de muitos voluntários. Ao presumir que era esse o sentido da frase foi preciso apenas eliminar os itens lexicais que não contribuía para uma boa fluência de leitura e substituí-los no texto de chegada, de modo a que os leitores portugueses não se deparassem com as mesmas dúvidas de interpretação que os leitores de partida. Foi assim que o mesmo excerto foi apresentado no texto de chegada: “cabaz predefinido uma vez por semana, problema com distribuição baseada no voluntariado”.

Este foi um daqueles casos em que o tradutor teve de interferir no texto de partida de modo a torná-lo mais claro e fácil no TC. Podia ser quase considerada como uma das *Tendências Deformantes* de Berman se não houvesse a noção de que a frase era difícil de compreender no próprio TP. Nessas situações crê-se que o tradutor pode interferir no texto em que trabalha.

No entanto nem sempre é visível se estamos a lidar com um problema colocado deliberadamente pelo autor de partida e com algum propósito particular em mente ou se, pelo contrário, estamos pura e simplesmente perante um erro do qual nem o próprio autor se dera conta e que pode pôr em causa a compreensão do texto. Ainda assim, mesmo que se saiba que se trata de um erro colocado inconscientemente, nem sempre é possível ter a certeza do seu significado efetivo. Nesses casos, à falta de contacto com o autor de partida para indagar sobre a verdadeira mensagem, o mínimo que podemos fazer enquanto tradutores é tentar “escavar” no meio dos escombros do texto para tentar chegar à sua essência, ou seja, tentarmos nós próprios desbravar o sentido oculto do texto da forma mais correta possível “O

processo é como o da escavação de uma estrutura ou de um padrão meio escondidos, respeitando todas as peças e fragmentos significantes (...)” (Barrento 2002: 99).

Em quarto lugar, vou mencionar uma situação peculiar na qual encontramos no texto de partida dois itens lexicais, aparentemente muito diferentes um do outro, mas que são na realidade sinónimos. Este exemplo encontra-se imediatamente após o último exemplo apresentado, num momento em que o texto fala sobre diversos setores de produção e de apoio à produção, nomeadamente sobre o setor de transportes e usa como exemplo os itens lexicais franceses “l’autopartage, le covoiturage”.

Como se pode ver, o principal problema desta situação encontra-se no facto de esses dois itens lexicais serem sinónimos. Ambos os itens significam “partilha de automóveis” em português. Se existisse outra forma corrente e não pleonástica de referir a ideia na língua de chegada não haveria problema em traduzir este exemplo, mas não era esse o caso. Como tal, revelou-se necessário tentar encontrar outra forma de traduzir esses dois itens lexicais sinónimos.

Uma das estratégias que se podia usar era simplesmente colocar no TC um único item lexical (partilha de automóveis) e esquecer o facto de haver ao seu lado outro item lexical que significava o mesmo. Porém, não era isso que se pretendia fazer; achou-se melhor tentar encontrar outro item que tivesse o mesmo significado que o primeiro. Algo que se revelou difícil de conseguir pois não foi possível encontrar outro item lexical na LC que tivesse um significado idêntico. Depois de algumas considerações, chegou-se a pensar empregar um item lexical estrangeiro que significasse a mesma situação.

(...); reconhece que não se pode produzir numa outra língua uma cópia de um objecto artístico discursivo, a qual nas respectivas partes constituintes correspondesse exactamente às partes constituintes do modelo, e acha que, perante a diversidade das línguas, com a qual se entrelaçam por essência tantas outras diversidades, não haveria outra possibilidade senão elaborar uma reconstituição, (...) no seu efeito estivesse tão próximo do todo original (...). (Schleiermacher 1813: 57)

No entanto, essa estratégia revelou-se algo rebuscada pois não se podia ir buscar o item a uma língua qualquer e com isso correr o risco de os leitores do TC não o entenderem. Ainda assim,

a solução revelou-se mais fácil do que aparentava. No final não foi necessário ir procurar um equivalente numa outra língua qualquer; veio a descobrir-se que existe um item lexical com o mesmo significado em inglês, item esse que é igualmente usado na LC para o mesmo propósito – um estrangeirismo, na verdade.

Dessa forma decidiu-se então preservar a ideia de o TC ter, tal como o TP, dois itens lexicais sinónimos um do outro, que em vez de estarem na mesma língua apareciam em dois idiomas diferentes, sendo o item na língua estrangeira uma palavra emprestada do inglês que se usa em português (em itálico) para referir o mesmo ato de partilha de carros. Então, o exemplo ficou assim apresentado no TC: “partilha de automóveis, *carsharing*”.

Outro caso, um pouco diferente deste, aparece mais à frente quando o texto de partida menciona um item lexical inglês que devia ser um empréstimo na língua francesa. Tendo em conta que esse mesmo item também podia parecer um empréstimo inglês na língua portuguesa, e que o objetivo era traduzir a partir do francês, decidiu-se não traduzir o item lexical e apresentá-lo no TC em itálico para lembrar que a palavra era um estrangeirismo usado em ambas as línguas de trabalho “(...) *estranging translation style designed to make visible the presence of the translator (...)*” (Venuti 1995 em Yang 2010: 78).

Em quinto lugar, vou falar de um outro exemplo de uma frase com um problema de tradução causado por um erro, certamente inconsciente da parte do autor de partida, que levou a ter dúvidas a respeito do significado dessa frase. Refiro-me a uma situação na qual o TP fala de maneira geral de muitas ferramentas da economia social e solidária. É nesse contexto que se apresenta a frase de partida: “Néanmoins, une marque a émergé nationale a émergé c’est la «La Fabrique à Initiative» ”.

Como se pode ver nos sublinhados que adicionei ao texto, a principal fonte de dúvidas na tradução desta frase encontra-se na conjugação verbal “a émergé” que aparece repetida duas vezes e em posições diferentes na frase. A única certeza que havia era que se estava perante um caso no qual havia um verbo despropositadamente repetido no texto que era preciso eliminar no TC.

Este caso, em particular, fez-me lembrar a noção de erro binário e erro não binário de Anthony Pym e referido na obra de Maria Paula Frota:

Como argumentou Pym no livro já referido⁸, em um texto de chegada pode haver erros binários, que ele denomina *mistakes*, e erros não-binários, por ele denominados *errors*. Os erros binários são assim qualificados na medida em que implicam uma oposição radical entre o que é consensualmente tido como certo e o que é consensualmente tido como errado, a começar pelo próprio autor do erro. (Frota 2006: 143)

A dúvida estava em saber qual era a ocorrência que tinha de ser retirada: a primeira ocorrência ou a segunda. Ao olhar para o TP tornou-se óbvio que a primeira ocorrência da construção verbal era uma anomalia, pelo que a única maneira de tornar a frase verdadeiramente perceptível era eliminá-la.

Desse modo, corrigiu-se a frase de modo a que ela ficasse apresentada da seguinte maneira no texto de chegada: «Contudo surgiu uma marca nacional, a “La Fabrique à Initiative”». Este foi um caso muito particular durante toda a tarefa tradutória pois não é comum um tradutor deparar-se com pequenos lapsos de escrita, como por exemplo repetições, frases agramaticais, erros de concordância, erros ortográficos, entre outros. Esta foi uma atividade enriquecedora pois levou o tradutor a fazer coisas que raramente se fazem em tradução; foi uma situação na qual o próprio tradutor quase chegou ao estatuto de revisor do texto de partida, ao qual costuma estar preso e obrigado a cingir-se ao seu tecido de palavras e estruturas que não devem ser postas em causa. O que se pretende dizer é que geralmente o tradutor não é o autor do texto, mas, se se tiver em conta que ele chega a ser o representante do texto na sua língua materna, tem o dever cívico de agradar aos seus leitores – principalmente leitores de textos de cariz técnico – apresentando-lhes um texto que não contenha lacunas e erros dos quais nem os autores de partida se deram conta. Acontece que este texto continha essas lacunas e tornou-se claro que era o meu dever, enquanto intermediário entre o TP e o TC, corrigi-las para os leitores de chegada que desconhecem o TP e a forma como esse foi apresentado aos seus leitores.

Estas situações fazem lembrar a explicação de Frota, inspirada pelas teorias freudianas, ao falar sobre os erros que ocorrem durante a tarefa de tradução, mas que também podem remeter para os erros do inconsciente que o próprio autor de partida pode cometer durante a escrita do texto:

⁸ PYM, Anthony (1993), *Epistemological problems in translation and its teaching – a seminar for thinking students*. Calaceit: Ediciones Caminade.

No que concerne às motivações desses erros, (...): a ignorância – ou seja, o desconhecimento acerca de alguma estrutura lingüística, (...) – e um certo fenômeno ou funcionamento psíquico inconsciente que é muito comum e que redundava no lapso de língua. (Frota 2006: 142)

Em sexto lugar vou falar de outro exemplo que originou problemas relacionados com um forte sentimento de estranheza causado por um item lexical francês encontrado no meio do texto de partida. Esse exemplo encontra-se mais adiante no texto, num momento em que se começa a falar sobre algumas ferramentas para a ESS, nomeadamente sobre alojamento. É uma situação em que o TP fala da criação de espaços onde as pessoas se podem juntar para partilharem todo o tipo de experiências como bibliotecas e cafés, entre outros.

Nessa linha de pensamento, o subcapítulo que fala sobre essa questão termina com a seguinte frase: “De plus en plus de lieux réservent des espaces pour ce nouveau type de temps”. Como se pode ver, o principal problema foi encontrado no item lexical sublinhado por mim. É basicamente uma palavra que, no contexto em que surge, causa muitas dúvidas a respeito do seu valor para o resto da ideia que estava a ser apresentada.

Naturalmente que, à primeira vista, não é um item lexical difícil de compreender fora do contexto, mas quando se tem em consideração a linha de pensamento em que é apresentado, fica-se sem perceber o que o TP estava a querer dizer efetivamente.

Neste caso em particular é claro que o item lexical em questão significa “tempo”. De facto, para além de outras possíveis opções de tradução como “momento”, “época”, “estação” e “circunstâncias”, não existe uma forma de traduzir o item lexical fielmente e de modo a estar de acordo com o resto da frase de partida.

Como tal, a única opção que podia ser efetuada neste exemplo era colocar de lado o item lexical de partida e escolher outro na língua de chegada que parecesse mais apropriado para a frase em questão. Após olhar cuidadosamente para o TP, achou-se que era possível escolher o item lexical “atividade” para substituir o item de partida. Com efeito, se se tiver em conta que o contexto em que surge a frase fala sobre a criação de espaços comunitários onde as pessoas se podem juntar para falar e fazer coisas em conjunto, pode-se achar que a nova escolha de tradução/adaptação do item lexical de partida era a ideal não só para o texto de chegada, mas também para o contexto textual em que a peculiar palavra de partida aparece.

Considerando todas as dúvidas causadas pelo item lexical de partida e as suas respectivas soluções, a frase ficou assim representada no trabalho final de tradução: “Cada vez mais lugares e espaços são reservados para este novo tipo de atividade”. Na tradução da frase completa poder-se-ia ter optado por uma tradução mais próxima da estrutura frásica de partida. No entanto, foi minha própria opção enquanto tradutor transpor a frase de uma maneira que pareceu ser a mais correta de a apresentar. Não é a única hipótese de tradução, mas foi aquela que pessoalmente achei mais adequada para o TC.

Um pouco à margem destes exemplos que tenho vindo a apresentar, vou falar de um caso de tradução que não era propriamente um problema nem uma dúvida, mas que se achou pertinente mencionar neste relatório. Refiro-me ao caso de uma palavra encontrada num momento em que o TP falava sobre a área financeira e apresentava um item lexical que era, na realidade, um trocadilho entre duas palavras francesas muito diferentes. Mais especificamente uma amálgama (um tipo de formação de palavras), “consom’action” [“Entende-se por 'amálgama' o processo pelo qual se constrói uma unidade lexical pela aglutinação de partes de outras unidades; também se chama 'amálgama' ao produto desse processo.” (Correia 2007:7)]

Como se pode ver, o item lexical é uma junção de duas palavras francesas, junta as palavras “consommer” e “action”. Porém, em termos de pronúncia, este item lexical pode ser lido como se fosse a palavra padrão que era suposto parecer, nomeadamente “consommation”. O mais interessante neste item lexical estava em tentar encontrar uma forma de o preservar no TC, ou seja, tentar manter um trocadilho entre duas palavras que juntas se tornassem numa palavra padrão. Neste caso em particular, de um ponto de vista formal, e seguindo a literalidade, seria fácil de efetuar e de criar a mesma amálgama, resultante das palavras “consumo” e “ação”; “consum’ação” que ao ser lida remeteria para a palavra que era suposto formar: “consumação”. No entanto, esta nova palavra, resultante da fusão, existe na sua forma derivada e com sentidos diferentes da palavra criativa francesa. Não servindo o propósito da palavra “cosom’action”.

Hegel já intuía que precisávamos, para pensar deveras, de forjar conceitos impossíveis. Para traduzirmos o que há, dizendo aquilo que é, também nós, se quisermos ser tradutores fiéis, teremos que inventar o que não há, o que nenhum já dito ou já pensado contém, (...). (Serras Pereira 1998: 24)

Neste caso, e embora a nossa proposta seja provisória e apenas uma das propostas possíveis, seleccionámos uma das propostas criativas que resultaram do nosso trabalho de interpretação, tendo em conta, simultaneamente, a estrutura formal e o sentido, “consumis’ação”.

Mais desafiante ainda é a situação em que o TP fala um pouco mais aprofundadamente sobre a área financeira e mais especificamente sobre mercados; nesse contexto mencionam-se os consumidores aos quais se refere como “consom’acteurs” no TP. Mais uma vez encontramos uma amálgama que resulta da fusão entre duas palavras muito diferentes como, “consommer” e “acteurs”, que quando são ligadas remetem para outra palavra padrão francesa “consommateurs” – palavra essa que é interpretada como “consumidores”.

Nesta situação, já se revelou mais difícil tentar fazer uma tradução naturalizante na qual se crie uma amálgama entre duas palavras diferentes que, juntas, formem uma palavra padrão na língua de chegada (são exercícios criativos, com algumas perdas claro...). Como isso não foi possível, teve de se encontrar outra maneira de pelo menos transpor para o TC uma amálgama entre duas palavras interessante para o texto. Certo era que aqui também se podia aceitar cometer uma perda, simplesmente eliminar a ideia da amálgama e colocar somente o item lexical na sua forma padrão, “consumidores”. Contudo, não se achou que essa fosse a melhor estratégia para esta situação. Assim sendo, a melhor solução que se conseguiu arranjar foi fazer uma tradução estrangeirante na qual se apresentou um item lexical que junta duas palavras portuguesas diferentes – mas que não formam um trocadilho na LC, ao contrário do que acontece na LP. O item lexical resultante foi “consum’atores”. A esse item lexical seguiu-se uma nota de tradutor a explicar a natureza dessa estranha palavra apresentada, referindo que a palavra francesa para consumidores (consommateurs) permitia criar um trocadilho entre as palavras “consumidor” e “ator”.

Mas se alguém, contra a natureza e a moral, se torna formalmente um trãnsfuga da língua materna e se entrega nos braços de uma outra: então já não será desprezo afectado e simulado o facto de o indivíduo asseverar que já não consegue mover-se na primeira; antes será apenas uma justificação que deve a si próprio por a sua natureza se ter tornado realmente um prodígio contrário (...) será algo de tranquilizador porque, pelo menos, o indivíduo não se duplicou como um fantasma. (Schleiermacher 1813: 127-129)

3.2.2 Erros binários e não binários

Neste subcapítulo começarei por referir outro item que me levantou algumas dúvidas. Na verdade, foi mais uma pequena dúvida que se teve quando o texto de partida mostrou dois itens lexicais que demonstravam erros de concordância. Refiro-me a uma situação em que o TP fala sobre o banco histórico e sobre as pessoas que guardam as suas contas nesse banco. É nesse contexto que encontramos no TP a construção “leur comptes”. Como se pode ver, o problema encontra-se no facto de o adjetivo possessivo não estar em concordância com o nome do objeto que pertence a alguém, neste caso as contas de diferentes pessoas.

Pym, como visto, propõe a oposição binário/não-binário para qualificar dois tipos de erro (*mistakes* e *errors*). Ainda que considere diferenças entre um e outro, ele não coloca em questão o fato de ambos constituírem escolhas erradas ou inadequadas, que precisam ser corrigidas. (Frota 2006: 146)

O adjetivo tal como está no texto de partida só estaria correto se fosse referido a um único objeto que pertencesse – ou fosse partilhado – a mais do que uma pessoa; por exemplo, em francês pode-se dizer “leur mère” (a mãe deles/delas) mas só se o adjetivo se referisse a dois irmãos/duas irmãs com a mesma mãe. No entanto, não é isso que acontece no TP pois “comptes” (contas) não é um único objeto pois refere-se a diversas contas, cada uma pertencente a uma única pessoa. Portanto, o adjetivo possessivo está errado pois parece sugerir que várias pessoas partilham uma conta comum que guardam nesse banco histórico; e isso não é de todo o que o texto pretende dizer.

Nesse ponto conclui-se que se estava mais uma vez perante um problema causado pela pronúncia semelhante de palavras francesas diferentes, pelo que bastou corrigir o adjetivo possessivo errado pelo adequado ao tópico descrito no TP, para poder traduzir bem esse segmento para português. A forma correta que devia constar no TP seria “leurs comptes”. A tradução para português foi muito fácil de efetuar pois os adjetivos possessivos portugueses não têm as mesmas particularidades que os possessivos franceses, ou seja, não seria possível cometer exatamente o mesmo erro na língua de chegada. Dessa forma o TC ficou apresentado da seguinte maneira: “Muitas organizações têm as suas contas neste banco (...)”.

Vou agora falar de mais cinco situações em que surgiram dúvidas semelhantes às do exemplo anterior. Ao longo da tradução das últimas páginas do documento voltei a encontrar erros gramaticais franceses que felizmente não interferiam muito na tarefa de tradução, mas apenas causavam estranheza. Isso decorreu do facto de se estar perante agramaticalidades que um tradutor não espera encontrar nos textos que traduz.

De facto, nas palavras de Frota sobre Anthony Pym: “Cabe dizer que não há como sabermos que pensamento ou desejo inconsciente interveio; a interpretação de um lapso só cabe ao seu próprio autor (e talvez a seu psicanalista), visto que envolve elementos aos quais não é possível ter acesso” (Frota 2006: 153).

Refiro-me, primeiramente, a duas situações de agramaticalidades que encontrei na conclusão do documento. Desde logo temos uma situação na qual o texto de partida começa por falar do trabalho no seu todo; é nesse momento que encontramos no TP a estranha construção gramatical “l’ensemble de cette exposé”. Como se pode ver este erro devia-se à falta de concordância entre um nome e o seu adjetivo demonstrativo.

Neste caso estamos perante um nome do género masculino (exposé) e como tal o seu adjetivo demonstrativo tem de estar em concordância com o género masculino. O adjetivo que nos é apresentado no TP, que sublinhei, apenas se deve usar quando se vai enunciar um objeto do género feminino, o que não é o caso no TP. Este erro deveu-se igualmente a uma certa homofonia entre o adjetivo na forma masculina (cet) e o adjetivo na forma feminina (cette).

Mais uma vez se concluiu que o TP tinha um erro gramatical e que o tradutor teria de voltar a fazer o papel de revisor do texto que está a traduzir, a fim de poder apresentar o seu trabalho final de tradução sem erros gramaticais no português que pudessem ter sido influenciados pelas agramaticalidades francesas. À luz disso, a única maneira de fazer com que o próprio TP ficasse gramaticalmente correto foi corrigir o adjetivo demonstrativo de modo a que esse ficasse em concordância com o nome a que estava ligado; mais especificamente teria de ficar “cet exposé”. Com esse erro detetado e corrigido no TP, não houve problema nenhum em efetuar uma tradução portuguesa gramaticalmente correta. Então, o TC ficou assim: “esta apresentação no seu todo” (sublinhado meu).

Por fim, temos outro caso de uma construção francesa agramatical. Refiro-me a uma situação na qual o texto está a fazer perguntas finais que visam deixar os leitores a refletir sobre a ESS. É nessa situação que o texto de partida apresenta a seguinte construção gramatical “Elle est présente pour répondre au besoins des acteurs”. Como se pode ver no sublinhado que adicionei, o problema encontra-se mais uma vez na falta de concordância entre o nome “besoins” e a preposição “au” (junção das preposições “à” e “le”). O nome está apresentado na sua forma plural e, como tal, a preposição tem de estar em concordância com o nome, mas não é esse o caso. A preposição está apresentada no TP na sua forma singular que, como já disse, não é de todo o que devia constar. Tal como no caso anterior esse erro foi tido em conta e corrigido.

Neste caso colocou-se a preposição em concordância com o nome a que está ligado, ou seja “aux besoins” (junção das preposições “à” e “les”). Com essa correção já foi possível apresentar uma tradução portuguesa adequada sem interferências das agramaticalidades do texto de partida; dessa forma, o TC ficou apresentado da seguinte maneira: “É proposta para satisfazer as necessidades dos atores (...)” (sublinhado meu).

Muito semelhantes a estes três casos são outras três situações encontradas antes destas. Nomeadamente certas ocasiões em que o TP apresenta adjetivos demonstrativos que não estão em concordância com os nomes aos quais estão ligados. Tomemos por exemplo a frase de partida «dans cette environnement qui semble parfait (...)». Como se pode ver, o erro (sublinhado meu) encontra-se no facto de o adjetivo demonstrativo «cette» (em forma feminina) não estar em concordância com o nome a que está ligado, “environnement” (do género masculino). Considerando que a forma correta do adjetivo demonstrativo nesta frase seria “cet”, foi preciso ter esse erro em conta na tradução, para poder apresentar o TC corretamente. Assim, efetuou-se a transposição linguística da seguinte maneira: “neste ambiente que parece perfeito (...)”.

Situação semelhante foi encontrada um pouco depois, com a frase “La réflexion sur la question des transports est éminemment central dans la réflexion”. Neste caso, o problema (sublinhado por mim) encontra-se no item lexical francês de género masculino “central” que, conforme é típico da língua de partida, tem de estar em concordância com o seu antecedente que neste caso é “réflexion”, um nome de género feminino. A forma correta do item lexical em causa seria “centrale”, pese embora que em português essa incongruência não conduziria a

um erro. À luz disso a tradução ficou assim: “A reflexão sobre a questão dos transportes é eminentemente central na reflexão (...)”.

Diferente é de outra situação em que o TP apresenta num dos artigos iniciais da lei francesa uma conjunção coordenativa aditiva francesa (et) que, ao olhar para o contexto em que surgia, fazia com que a frase ficasse sem sentido. Achou-se que o problema era a semelhança sonora entre “et” e o verbo “être” conjugado no presente do indicativo e na segunda pessoa do singular, (est), que são palavras homófonas. Ao supor que era essa a fonte do problema, e que a palavra certa seria “est”, a frase já começava a ganhar sentido e assim coloquei no TC a palavra correta para o sentido da dita frase, (é).

3.2.3 Estruturas Frásicas de Especialidade

Seguidamente vou analisar outra parte que se revelou muito desafiante de traduzir. Já não se tratava de siglas sobre empresas e/ou instituições de ajuda à economia social e solidária (existentes em França, mas não em Portugal) nem de estranhas estruturas frásicas francesas, ou seja, de problemas causados pela falta de equivalentes diretos entre francês e português; eram antes problemas causados pelas estruturas frásicas próprias de textos de especialidade como o TP.

Temas como este fazem-me recordar as palavras de Gideon Toury, um teórico de tradução, sobre as normas da tarefa tradutória, mais especificamente, nas palavras dele:

Translation is a kind of activity which inevitably involves at least two languages and two cultural traditions, i.e., at least two sets of norm-systems on each level. Thus, the “value” behind it may be described as consisting of two major elements:

1. Being a text in a certain language, and hence occupying a position, or filing in a slot, in the appropriate culture, or in a certain section thereof;
2. Constituting a representation in that language/culture of another, pre-existing text in some other language, belonging to some other culture and occupying a definite position within it. (Toury 1980: 200)

Pode-se, talvez, começar com um caso que ainda não entra necessariamente neste grupo de estruturas frásicas de especialidade, mas que, ainda assim, se considerou pertinente mencionar

neste relatório. Refiro-me ao título deste documento sobre economia social, “Panorama historique et actuel des organisations françaises d’économie sociale et solidaire”.

Na verdade, não existe nenhum problema relacionado com a tradução de francês para português deste título. Todos os itens lexicais têm equivalentes na língua de chegada, que não têm significados diferentes dos itens de partida. O mais interessante de realçar neste segmento é o facto de na tarefa de tradução não se ter achado adequado preservar a conjunção coordenativa “et” (e) no TC por se ter concluído que não havia necessidade de fazer notar um valor de adição entre os itens “historique” e “actuel” que nesta situação pareciam ser os adjetivos de “panorama”.

De facto, tratou-se apenas de uma opção minha enquanto tradutor, que tanto podia ser usada neste ponto como podia ser ignorada “Mesmo admitindo que uma tradução sempre se afasta em alguma medida do original, parece evidente que, entre as possibilidades disponíveis, o tradutor precisará descartar determinadas opções” (Ferreira, Goldnadel, Krauspennhar 2007: 16). Decidi traduzir dessa maneira por me ter parecido que neste caso seria melhor interpretar o item lexical “actuel” como sendo adjetivo do conjunto “panorama historique” e não apenas do item “panorama”.

Esta é uma situação difícil de interpretar porque o texto de partida, como já referido, fala sobre a evolução da economia social e solidária ao longo da história da França e também analisa o modo como aquela nova economia podia ser usada na atualidade e nos anos vindouros. Possivelmente poder-se-ia preservar a conjunção coordenativa; porém, ao mesmo tempo também não é completamente incomum dizer-se “panorama histórico atual” (com o último item lexical a adjetivar o conjunto precedente) quando se quer referir ao contexto histórico e recente de alguma coisa específica.

Basicamente, a opinião do tradutor a respeito deste tema é que pareceu mais correto linguisticamente dizer-se que o título desse documento enuncia que se vai falar a respeito do contexto histórico atual da economia social e solidária. Portanto, à luz disso, e sem querer dizer que essa é a única boa solução de tradução para este segmento apresentado, o título ficou assim traduzido na língua de chegada: “Panorama histórico atual das organizações francesas de Economia Social e Solidária”.

Este caso fez-me lembrar as palavras de Jeremy Munday, quando descreve aqueles que considera como sendo os sete principais procedimentos tradutivos; basicamente sobre o parâmetro da “opção”: “(...) refere-se a mudanças não-obrigatórias que podem ser causadas pelo estilo e preferências do próprio tradutor, ou para alterar a ênfase. Isto pode ser a decisão de amplificar ou explicitar um termo geral (...)”. (Munday 2012: 112).

Ou, então, como o próprio Peter Newmark diz a respeito da tradução de títulos:

If the SL text title adequately describes the content, and is brief, then leave it. *Un neck de courtisans* - 'An age of Courtisans' - is fine. But a sub-title such as *Periode de decadence morale el spiriueile* may not suit the English house-style (for instance, we do not use sub-titles in newspapers-only occasional superscriptions), so delete it. (Newmark 1988: 56)

Entrando agora mais especificamente no subtema proposto, vou falar de uma situação encontrada na introdução do documento na qual o TP começa por mostrar uma citação de uma ação de formação animada pelo próprio autor do texto. É nesse contexto que o texto de partida menciona que um dos objetivos visados pela nova economia era desenvolver condições “d’un vivre (bien) ensemble”.

A princípio foi difícil saber até que ponto se podia e devia traduzir esse segmento da maneira mais equivalente possível. Uma das primeiras tentativas de tradução da frase foi “desenvolver as condições de um (bem) viver em conjunto”, uma tradução mais próxima da letra de partida do que da mensagem e do objetivo de escrita do texto original. Tornou-se, depois, óbvio que não era essa a tradução mais adequada para a frase.

O mais interessante a respeito deste momento de tradução residiu no facto de ter sido dos primeiros que levaram o tradutor a refletir de forma mais aprofundada sobre as semelhanças entre o francês e o português. Quando se traduz textos, por exemplo técnicos, de inglês para português sabe-se que é necessário ter em conta o facto de muitas frases e itens lexicais de partida não terem equivalentes óbvios com português [“(...) where French tends to use an abstract noun, English tends to use a concrete noun or a verb; (...)” (Chesterman & Wagner 2002: 59)]. Não obstante, crê-se em princípio que o mesmo não deverá acontecer quando se traduz de francês para português pois essas duas línguas de trabalho têm as mesmas origens latinas.

Contudo, durante a tarefa de tradução deste texto, concluiu-se que não é bem assim que acontece pois, apesar das origens comuns, cada idioma em cada país tem os seus próprios meios para expressar uma determinada ideia, teoria ou modo de pensar. Foi exatamente isso que aconteceu enquanto se estava a traduzir a parte em questão. Apesar de “vivre” significar “viver” em português, que “bien” quer dizer “bem” e que “ensemble” significa “junto” ou “em conjunto”, esses itens lexicais não podem ser apresentados dessa maneira no contexto do documento pois pode-se causar uma separação entre o cariz técnico do texto e o modo como este expressa as suas ideias.

À luz disso tornou-se claro que era preciso encontrar outra forma mais técnica para transpor a ideia exposta no TP. Para isso, teve-se de procurar algumas bases de dados para tentar encontrar a forma mais adequada de traduzir a frase, ao mesmo tempo que se tentava pedir a opinião de outras pessoas mais conhecedoras dessa forma de se expressar. Ao fim de algumas considerações, chegou-se à conclusão que a melhor forma de transpor corretamente aquela frase de partida era alterar um pouco a estrutura frásica portuguesa inicial e traduzir o item lexical “vivre” de outra maneira. Tendo tudo isso em conta, chegou-se ao fim do trabalho com o segmento de partida traduzido assim no texto de chegada: “desenvolver as condições de uma (boa) vivência em conjunto”.

Em segundo lugar, vou falar de outra situação, um pouco mais específica em termos de leis (a respeito de economia), que se revelou um pouco mais desafiante de traduzir devido à sua natureza técnica. Estou a referir-me a outra situação encontrada na introdução, na qual o TP cita a lei francesa que fala sobre a economia social e solidária. Nesse contexto, é apresentado um artigo onde está escrito: “(...) à incorporer au capital des sommes prélevées (...)”.

O principal desafio estava em como transpor de forma aceitável esta parte retirada de um documento respeitante à lei francesa acima referida que, como já foi dito anteriormente (Cf. p. 65 deste relatório), teve de ser traduzido pelo próprio tradutor do TC.

Tendo em conta que o tema em questão não é dos mais conhecidos pelo tradutor, houve momentos em que se teve em conta as traduções de algumas palavras e segmentos resultantes não só de dicionários bilingues francês-português, mas também de algumas ferramentas de tradução automática. De facto, a tradução automática resultante desta parte era “a incorporar ao capital as quantidades de reservas constituídas”.

Como se pode ver essa não parecia ser de todo a tradução mais adequada para a frase de partida apresentada. O principal desafio encontrava-se na tradução do item lexical francês “prélevées”, cujo significado em português (segundo o dicionário bilingue francês-português da *Porto Editora*) é possivelmente “antecipadas”. Mesmo assim, essa também não parecia ser a tradução mais apropriada para a frase uma vez que é sempre desafiante tentar descobrir a melhor maneira de se apresentar na LC certas palavras e/ou frases, em contextos diferentes.

A solução comum para situações como esta é consultar algumas bases de dados, como por exemplo o *Linguee* e o IATE, para tentar descobrir o equivalente dum item lexical no outro idioma e em temas como aquele que se quer saber (p. ex. economia), bem como também tentar pedir a opinião de outras pessoas que percebam mais sobre o tema em questão. Assim, ao fim de algumas reflexões, achou-se que a tradução mais adequada para este segmento apresentado seria a seguinte: “a incorporar no capital as somas retiradas das reservas constituídas”.

Em terceiro lugar vai-se falar de outra situação desafiante encontrada ainda na introdução do mesmo documento. É uma situação na qual o TP inicia um parágrafo com uma expressão idiomática francesa cuja tradução para português se revelou difícil de encontrar. Essa dificuldade deveu-se ao facto de ter parecido que essa expressão não era das mais usadas em textos franceses.

Refiro-me a uma expressão retirada do início do parágrafo que falará de como a lei em França e em Portugal conceptualiza, formaliza e enquadra a noção de economia social (Cf. pp: 66-67 deste relatório). Essa expressão é “Or à l’heure” e, como já foi mencionado, revelou-se desafiante tentar encontrar o seu verdadeiro significado. Esta expressão não poderia ser traduzida à letra [“No entanto, dizem Vinay e Darbelnet (*ibid.* [1995]: 34-5), o tradutor poderia considerar a tradução literal como sendo ‘inaceitável’ por razões gramaticais, sintáticas ou pragmáticas.” (Munday 2012: 108)] pois o item lexical “or” tanto pode significar “ouro” (literalmente) como também pode ser uma interjeição francesa que significa, aproximadamente, “ora”; ou seja, nenhum dos possíveis equivalentes do item fazia sentido para o contexto de partida. Por outro lado, a expressão “à l’heure” pode simplesmente significar “na hora”, mas pode querer dizer “a tempo”.

Com efeito, quando comecei o trabalho de tradução fiquei com dúvidas sobre qual seria a maneira mais correta de traduzir aquela expressão estranha e peculiar. No entanto todas as opções que encontrava eram expressões como “porém, a tempo” que à primeira vista podiam parecer opções aceitáveis, mas vistas com mais atenção transmitiam um forte sentimento de estranheza.

Na maior parte das vezes que tentava pesquisar sobre a expressão, na esperança de encontrar o seu significado – nem que mais fosse em *sites* franceses que explicassem o que a frase queria dizer para que fosse mais fácil encontrar na LC o equivalente mais adequado –, percebia que muitas dessas tentativas não davam resultado devido ao facto de as fontes consultadas não reconhecerem a expressão. A única fonte que me ajudou a perceber o verdadeiro significado da expressão em causa e a encontrar o seu equivalente português foi a base de dados *Linguee* [“(...) this signals how translators may often act to help others, such as (...) anthology editors (...)” (Jones 2011: 4)]. Então, com isso em conta, já se pôde iniciar o parágrafo no TC com a expressão portuguesa mais próxima da francesa, adequada ao resto do contexto e à ideia do TP. Assim, à luz disso, o TC ficou assim apresentado: “Na atualidade”.

Vou falar agora de uma situação na qual foi preciso ter em conta o estilo técnico do texto e a forma como certas expressões em textos deste género devem ser ditas. Este foi mais especificamente um exemplo encontrado no primeiro capítulo do documento no qual o TP explica que no princípio do século XIX existiam sistemas de entreajuda locais que eram limitados e sobretudo desconhecidos porque a lei da altura não os aceitava bem. É nesse contexto que o TP apresenta a seguinte frase: “(...) au regard de la loi (...)”.

De facto, esta frase não tinha desafios particulares em termos de tradução mas apenas dificuldades na expressão que apresentei em sublinhado. A sua primeira opção de tradução “aos olhos da lei” é à primeira vista tecnicamente ideal. Mas, depois de algumas considerações, concluiu-se que seria melhor encontrar outra expressão mais usada em textos deste género e com o mesmo significado.

Certo é que a primeira opção de tradução também era ideal e possivelmente usada para o mesmo propósito; contudo, achou-se que essa não era das construções mais tipicamente aplicadas e que podia haver outras mais usuais. As opções eram inúmeras, todas elas significavam basicamente o mesmo, o principal desafio estava em escolher a mais adequada.

Era uma escolha não muito fácil de fazer, pois havia hipóteses como “relativo à lei”, “à luz da lei”, “em termos de direito”, “no quadro da lei”, “de acordo com a lei” e também “ao abrigo da lei”, entre outros.

Em termos de tradução, pode-se encontrar um ponto interessante nesta situação porque quando um tradutor se vê a braços com muitas opções de tradução de uma única expressão, tem dúvidas sobre qual deve ser a melhor escolha para o texto de chegada. Certo é que na maior parte das vezes basta tentar encontrar o equivalente mais frequentemente usado na língua de chegada. Ainda assim, nem sempre se deve usar essa técnica pois cada opção de tradução pode ser usada em contextos e em estruturas frásicas muito diferentes; são escolhas que ficam maioritariamente ao critério do autor do texto, ou do tradutor que está a efetuar uma tradução para outro idioma. Dessa forma, depois de algumas considerações, chegou-se à conclusão que a melhor opção de tradução para o excerto apresentado era usar a expressão que pareceu ser uma das primeiras escolhas. Assim sendo, o TC ficou apresentado da seguinte maneira: “(...) à face da lei, (...)”.

Em quinto lugar vai-se falar de uma situação na qual se encontrou no segundo capítulo do texto de partida um item lexical cuja tradução se revelou difícil de encontrar devido às mesmas dificuldades encontradas no terceiro exemplo deste subcapítulo, nomeadamente por se estar perante um item lexical francês que, em princípio, é usado com alguma regularidade. Porém não se conseguiu encontrar uma fonte segura que dissesse qual o equivalente português correto para esse exemplo.

Mais especificamente, o texto de partida menciona que o panorama atual da ESS reúne organizações nas quais há, entre outras coisas, uma propriedade coletiva fundada em fundos monetários. É nesse contexto que o TP apresenta um ponto no qual estava escrita a frase francesa: “Propriété collective, fondée entre autre sur l’impartageabilité des réserves”.

O principal problema neste exemplo apresentado encontra-se no item lexical sublinhado. Procurou-se em diversos dicionários bilingues francês-português mas não foi possível encontrar o seu equivalente português, ou mais concretamente a maioria dos dicionários consultados não conseguia reconhecer o item lexical em questão.

Então, como seria possível traduzir bem um item lexical encontrado no TP se quase nenhum dicionário bilingue consultado o reconhecia? Tornou-se claro que deveria ser o próprio tradutor a tentar traduzir por si próprio uma palavra que aparentava não ter nenhuma tradução já existente na língua de chegada.

Pôde-se ver que o item lexical em questão se referia a algo que não era, que não podia ser, partilhável. A raiz etimológica da palavra estava encontrada e, com isso poderia ser fácil encontrar o equivalente português. Não obstante, não foi de forma alguma possível encontrar uma palavra portuguesa a partir de “não partilhável” que significasse o mesmo que o item na língua de partida. Poder-se-iam encontrar opções de tradução como por exemplo “impartibilidade”, mas não se achou serem as mais adequadas para o tema em questão. Então, à luz disso, ao fim de algumas considerações e pesquisas conseguiu-se identificar a melhor opção a usar nesse momento específico, com o TC a ser apresentado da seguinte maneira: “Propriedade coletiva fundada, entre outros, sobre a indivisibilidade das reservas”.

Quantas vezes, mesmo podendo encontrar um correspondente novo para aquilo que é novo, não sucede que a palavra mais próxima pela composição ou derivação não é a que mais fielmente corresponde ao sentido, e o tradutor é obrigado a suscitar outros acordes, se não quiser ofender o contexto imediato! (Schleiermacher 1813: 81)

Seguidamente, vai-se mencionar a tradução de um item lexical apresentado no TP que, como se veio a descobrir, não podia receber uma tradução letra-por-letra. Isso porque era uma expressão figurada francesa, que precisou de ser antes traduzida pelo sentido e como tal teve de ser apresentada no TC como uma expressão normal.

Mais especificamente, foi o caso da frase “Dans la pratique, l’AMAP «légume» permet souvent le développement d’un écosystème autour de multiples projets (...)” cujo principal problema se encontrava no item lexical “légume”. À primeira vista, o significado deste item lexical parecia ser “legume”. Contudo, como se pôde ver, o item era na verdade uma expressão figurada cujo significado não era de todo aquele que parecia à primeira vista. De facto, podia-se concluir que o item em causa tinha de ser interpretado pelo seu sentido figurado e não pelo seu sentido literal, pois foi apresentado no TP entre aspas.

Neste caso, em específico, procurou-se encontrar um dicionário bilingue que conseguisse explicar o significado figurado do item em questão. Após a primeira tentativa, revelou-se fácil decidir como devia a expressão ser apresentada no texto de chegada: tinha de ser apresentada no seu sentido literal, e não de forma figurada, pois cada língua tem as suas próprias expressões figuradas, que não se igualam nos outros idiomas. Tendo isso em conta, decidiu-se traduzir a frase para português da seguinte maneira: “Na prática, a influência da AMAP permite frequentemente o desenvolvimento de um ecossistema em torno de múltiplos projetos (...)” sem aspas no TC, como é óbvio.

Em sexto lugar vou falar de outra situação, também encontrada no segundo capítulo deste documento, que em última análise não apresentava um grande problema em termos de tradução, mas que levou a uma dúvida a respeito de qual seria o equivalente português ideal para uma expressão francesa de especialidade. Foi uma situação encontrada num momento em que o texto de partida falava sobre regras de afetação de resultados com pouco ou nenhum lucro. É nessa linha de pensamento que o TP apresenta o seguinte ponto: “Règles d’affectation des résultats reposant sur la «non lucrativité» ou la «lucrativité limitée»”. Neste tema em particular o principal desafio encontrava-se na expressão “non lucrativité”. Na verdade, não existe nenhum problema premente com este termo comum em economia, mas foi desafiante para o tradutor conseguir encontrar o equivalente português adequado para o texto de chegada.

Quando se começou a traduzir este segmento pesquisou-se sobre o nome em questão e no princípio encontrou-se um equivalente que parecia ser usado com muita frequência em textos técnicos de cariz económico. O equivalente português, encontrado nessa pesquisa foi “orientação sem fins lucrativos”. Contudo, ao olhar cuidadosamente para a opção de tradução e para outras fontes de procura, chegou-se à conclusão de que aquela não era a melhor escolha e de que era preciso encontrar outra expressão mais simples para o texto de chegada.

Ao olhar para a expressão de partida em causa podia-se perceber que existia um equivalente direto na língua de chegada que também serviria para usar no TC. Ainda assim, quando se pesquisava em dicionários bilingues e em bases de dados, apresentavam-se inúmeras opções de tradução, de tal forma que não se conseguia ter a certeza de qual seria a mais adequada para o texto. A verdade é que em certos idiomas como o português pode haver mais do que uma hipótese de tradução para um item lexical/um nome/uma frase na LC. Porém, nem todas

as hipóteses podem ser usadas nas mesmas situações; uma opção pode ser usada num dado contexto, mas não noutra. Esse era o problema com as hipóteses de tradução da expressão em causa: não se conseguia encontrar uma opção perfeita para o contexto.

Tymoczko argues that literary translation gives better evidence than non-literary translation about interfaces between cultures because it happens less “sporadically” and “locally”, and shows “greater cultural complexity and cultural involvement”. (Jones 2011: 9)

Não obstante, após algumas considerações e dúvidas, chegou-se à conclusão de que a solução para o problema em mãos era muito mais simples do que parecia à primeira vista. Não se revelou necessário continuar a procurar hipóteses de equivalentes portuguesas para a expressão em causa, pois tornou-se óbvio que a melhor solução era de facto a mais simples de todas elas. Mais especificamente, neste caso bastou ao tradutor cingir-se à expressão de partida e transpô-la diretamente para a LC.

Dessa forma, foi da seguinte maneira que a frase inteira ficou apresentada no TC: «Regras de afetação dos resultados apoiadas na “não-lucratividade” ou no “lucro limitado”». A outra expressão apresentada também recebeu uma tradução mais próxima da letra de partida porque se descobriu que não havia outra forma de a expressar e que era a que mais se aproximava da expressão de partida sem causar dúvidas ou desconfortos.

Em sétimo lugar vai-se falar de uma situação muito semelhante à anterior na qual também se encontrou no texto de partida uma expressão francesa que tinha diversas hipóteses de tradução para português, pelo que foi desafiante tentar decidir qual seria a melhor para o texto em mãos. Era uma situação encontrada mais adiante no documento em que o TP fala sobre como o comércio “équitable” (“comércio justo”, como se veio a descobrir durante a tarefa de tradução) era um conceito muito conhecido pelas pessoas em geral, consumidoras ou não. É nesse contexto que o TP fala sobre toda a gente, a quem se refere como o «grand public». Quando se deparou com essa expressão pela primeira vez, percebeu-se de imediato qual era o seu significado em termos de compreensão. Porém, em termos de tradução, fez surgir a dúvida de qual seria a melhor expressão técnica portuguesa para se referir a toda a gente de maneira geral. Uma das primeiras hipóteses de tradução que surgiu foi “público em geral”.

Não obstante, olhando para a expressão de partida e para as outras hipóteses de tradução encontradas, percebeu-se que a opção escolhida podia não ser a mais apropriada e que o melhor seria tentar escolher outra expressão que pudesse estar mais adequada com a de partida.

Concluiu-se que este era um dos casos onde se poderia tirar vantagem da proximidade entre as duas línguas de trabalho e escolher um equivalente português que estivesse mais próximo da expressão de partida, sem danificar a mensagem original. Tendo isso em conta a frase ficou assim apresentada no TP: «(...) conceitos mais conhecidos do “grande público” (...)».

Em oitavo lugar, vai-se falar de uma parte muito peculiar encontrada mais adiante no documento. Refere-se a uma situação na qual o TP menciona o nome de um setor importante da economia social e solidária que é apresentado em francês com dois adjetivos. Quando se efetuou a tradução para português chegou-se à conclusão de que o tradutor teria de cometer uma perda no texto para poder apresentar o TC da forma mais correta possível e suficientemente próximo da língua portuguesa.

No texto de partida fala-se sobre o setor da medicina ou, mais concretamente, sobre algo que em francês se denomina como “*médecine douce, alternative*”. Como se pode ver, está-se perante um nome comum, “*médecine*” (medicina), que se encontra acompanhado por dois adjetivos (“*douce*” e “*alternative*”) que juntos formam um único conceito. É óbvio que quando um tradutor se depara com uma situação destas o seu primeiro instinto é tentar preservar o nome e as suas particularidades no TC. Neste caso, o ideal seria apresentar em português esse nome fielmente com dois adjetivos que são parte integrante dele.

Porém, o problema neste tema em particular era que esse objetivo não podia ser realizado porque a língua de chegada não o permitia uma vez que o seu equivalente só continha um único adjetivo ligado a ele e que os dois adjetivos franceses, como se veio a descobrir, eram sinónimos um do outro. Como tal, não foi possível e nem se achou bem apresentar o nome em português com os dois adjetivos de partida e depois ter de explicar numa nota de tradutor que esse era o nome original francês, traduzido de modo estrangeirante.

Dessa forma, como já se disse, neste tópico foi necessário que o tradutor cometesse uma perda de um item lexical, pois esse item era parte integrante de um nome técnico de

especialidade cujo equivalente português era diferente, pois não continha dois adjetivos sinónimos ligados a ele. Apesar disso, concluiu-se que esse ia ser o caso de uma perda verdadeiramente necessária visto que o tradutor técnico tem de estar “preso” às regras da sua língua e aos nomes (de uma determinada área de especialidade) já consagrados no seu idioma, e não pode alterar nada que já faça parte do “conhecido” da sua língua. Para além de que, no que respeita aos leitores de chegada, a perda não será notada porque não existia nenhum propósito irónico ou interessante – por detrás dos dois adjetivos sinónimos – que pudesse causar estranhezas. Com isso em conta, o nome em questão ficou assim apresentado no TC, “medicina alternativa”.

Em nono lugar, vou falar de uma situação encontrada numa frase de especialidade do TP em que se teve de ter um especial cuidado para a traduzir para português da forma mais correta possível. Em termos linguísticos a frase em questão não apresentava problemas significativos para o tradutor. A principal fonte de dúvidas encontrava-se em conseguir acertar no tom técnico do texto, de modo a conseguir-se apresentá-lo no texto de chegada com o mesmo rigor de especialidade.

Foi um caso encontrado antes do exemplo anterior, numa altura em que o texto de partida falava do setor da indústria e da transformação, principalmente sobre as cooperativas de produção. É nessa situação que os leitores se deparam com uma frase que fala de uma das atividades dessas cooperativas: “D’autres exemples plus récents existent notamment par les aides et appuis aux rachats d’entreprise par les salariés” (sublinhado meu).

À primeira vista pode-se achar que a frase em destaque não apresenta um desafio muito premente em termos de transferência interlinguística dos itens lexicais e frases apresentados. Porém é preciso ter em conta que o TP se destina a ser lido por pessoas que percebam do assunto, de economia social. É um público-alvo que talvez ainda não tenha ouvido falar da ESS e, se assim for, esse tema ser-lhe-á apresentado e explicado por palavras que um público de especialidade compreende. O TC também será lido por especialistas do tema, pelo que o tradutor tem de apresentar a sua tradução com o estilo de linguagem que o público-alvo espera: linguagem técnica e não uma linguagem para um público desconhecedor do tema de economia.

O principal desafio na tradução dessa frase foi precisamente o de tentar preservar no TC o rigor técnico da linguagem do TP. Uma das primeiras opções de tradução pensadas para o segmento sublinhado foi “a ajuda e resgate de empresas pelos assalariados”. Certo era que essa opção não estava de todo errada, mas percebeu-se que podia haver outra maneira de traduzir a frase, pelo que se achou melhor efetuar a tradução de maneira um pouco mais diferente.

Na verdade, a parte da frase que necessitou de uma tradução portuguesa mais cuidada foi o item lexical “aides”, que significa “ajudas”. Ao concluir isso percebeu-se que a frase de chegada precisava de uma pequena adição para que o TC mantivesse uma linguagem técnica sem estar presa à língua de partida. Com tudo isso em conta, a frase ficou assim traduzida no TC, “Existem outros exemplos mais recentes, nomeadamente os resultantes das ajudas à recompra de empresas pelos assalariados”.

Em décimo lugar vai-se falar de uma situação, encontrada numa frase que estava apresentada de acordo com as estruturas frásicas francesas e que teve de ser um pouco alterada na língua de chegada. Refere-se a uma frase que, para ficar exposta corretamente no TC, teve de sofrer algumas alterações na sua estrutura frásica. Afinal de contas, um tradutor não trabalha na letra, mas sim sobre a letra e foi isso que teve de ser efetuado neste tema particular.

A frase em questão pode ser encontrada num momento em que o TP está a falar sobre o alojamento e começa por contar que, há muitos anos, a revolução digital permitiu uma descentralização da atividade e que desde essa época têm surgido novas conceções da organização do trabalho e a multiplicação de organizações de apoio. É durante essa descrição que encontramos a frase em questão quando o TP inicia um parágrafo da seguinte maneira: “Depuis plusieurs années et la révolution numérique qui a permis la décentralisation de l’activité (...)”.

Como se pode ver não parece existir nenhum problema concreto com a frase em questão, mas pode-se também notar que quando se estiver a transpor este segmento para a LC vai-se ter de efetuar uma ligeira alteração. Isso deve-se ao facto de esta parte não poder ser apresentada na língua portuguesa tal como se encontra na LP. Se assim fosse ter-se-ia um texto com uma frase que não fazia sentido na língua de chegada.

Para este tópico foi obviamente necessário efetuar uma tradução naturalizante que tenha em conta a língua e a gramática portuguesa, bem como as formas de se apresentar uma ideia na LC. O principal problema estava em que parecia não haver nenhum elemento de junção entre “plusieurs années” e “la révolution numérique” (sendo que este último conjunto também teve de ser traduzido por um equivalente indireto) que fizesse sentido na LC.

Apesar de o TP usar a conjunção coordenativa “e” para juntar esses dois acontecimentos, ela não podia ser usada no TC pois o que o texto quer dizer é que desde esses dois momentos ocorreram mudanças. Foi precisamente isso que se procurou dizer no trabalho final, pelo que a frase teve de ser apresentada no TC com outra expressão a estabelecer uma ligação coordenativa entre os dois momentos que tinham de estar coordenados, tendo em conta a sua importância para o resto da frase. Dessa forma, ao fim de algumas considerações, o TC foi apresentado da seguinte maneira: “Desde há vários anos e desde que a revolução digital permitiu a descentralização da atividade, (...)”.

Seguidamente apresenta-se uma outra situação encontrada no parágrafo seguinte àquele onde se situava o exemplo anterior, na qual o TP tinha uma frase linguisticamente interessante cuja tradução foi desafiante em termos de compreensão do material de partida. Essa frase apresentava-se na mesma linha de pensamento do exemplo anterior e, dentro desse contexto, o parágrafo em questão começava assim: “Pour le lieu formalisé, à Paris, «La Ruche» a été un exemple (...)”.

À primeira vista a frase de partida não parece revelar nenhum problema muito desafiante para o tradutor, mas achou-se que a primeira parte da frase (sublinhada por mim) apresentava problemas na interpretação do valor que esse segmento inicial tinha para o resto da frase citada. A única certeza quando se iniciou o trabalho de tradução dessa primeira parte foi que talvez fosse melhor voltar a tirar proveito das semelhanças existentes entre o francês e o português e efetuar somente uma tradução estrangeirante, na qual se tivesse mais consideração pela letra de partida do que pelas estruturas portuguesas “A tradução literal é a prescrição do autor para a boa tradução.” (Munday 2012: 108).

Certo é que um tradutor tem de tentar trazer o autor de partida para os leitores de chegada, ou seja traduzir a pensar na sua língua materna e nas suas regras. Porém, é preciso ter sempre presente o facto de que o tradutor não é o autor do texto e, como tal, há momentos em que

pura e simplesmente sente que não está nas suas mãos interferir grandemente no texto que está a traduzir (apesar de essa ser uma tendência). Quando o texto de partida apresenta fortes problemas de compreensão para todos os leitores (de partida e, possivelmente, de chegada), o tradutor pode e deve interferir no texto; no entanto, nem sempre está em seu poder saber se certas particularidades encontradas no TP são parte integrante dele ou se são erros colocados inconscientemente pelos autores de partida. Neste caso em particular a frase poderia causar alguma estranheza aos leitores de chegada, mas dificilmente se pôde saber se se estava perante um caso que necessitava de interferência, da parte do tradutor de chegada, ou não. Pessoalmente, enquanto tradutor, optei por não interferir grandemente.

O principal ponto no segmento de partida em que se decidiu interferir foi na expressão “à Paris” (em Paris) que pareceu criar uma certa redundância com “lieu formalisé”. Tendo em conta que ambas as partes querem dizer que num único local aconteceu uma evolução digna de ser relatada, achou-se que seria melhor simplesmente dizer no texto traduzido que num único local formalizado, Paris neste caso, acontecera essa evolução de que se falava – criando assim uma oração relativa explicativa. Tendo isso em conta, e tendo também certeza de que os leitores de chegada conseguirão perceber o parágrafo na sua totalidade, decidiu-se então traduzir e apresentar o texto de chegada da seguinte maneira: “Para o local formalizado, Paris, ‘La Ruche’ foi um exemplo (...)”.

Este foi um caso no qual foi preciso decidir se o tradutor deveria interferir no texto de partida, ou não. Neste momento optou-se por não o fazer, uma vez que se estava perante um texto que podia não causar estranheza aos leitores de partida, mas que era difícil de dizer corretamente na língua de chegada. Como o tradutor não é o autor do texto, não lhe cabe alterar uma frase só porque o seu significado na LC é um pouco mais difícil de alcançar. Contudo, a frase em questão só servia para dar início ao resto do parágrafo; como tal, decidiu-se que o texto não ficaria estranho só por ter uma única frase de compreensão mais complicada.

Em décimo segundo lugar, vai-se falar de uma situação na qual o TP apresentava um item lexical que teve de ser traduzido para português por um equivalente indireto. Mais especificamente tratava-se de um item lexical cujo significado podia ser percebido mesmo por quem não conhecesse a língua de partida. Contudo, descobriu-se que a tradução direta do item originaria um sentimento de estranheza nos leitores de chegada. Portanto, este foi um caso

que exigiu uma tradução que tivesse em consideração o teor técnico do TP, ou seja foi necessário encontrar outra forma de traduzir a palavra em questão.

O novo tópico encontrava-se mais adiante no documento, num momento em que o texto de partida falava de recursos não mercantis e de todos os aspetos que lhes estavam associados. É nesse contexto que o parágrafo, que fala sobre este assunto particular, termina com a seguinte frase: “Cet aspect rassemble tout l’esprit citoyen ou encore de solidarité”.

Como se pode ver, o principal desafio neste tópico pode ser encontrado no item lexical sublinhado por mim. Quando se olha simplesmente para o item de partida, este não parece apresentar nenhum problema significativo para o tradutor. No entanto, analisando mais atentamente a frase no seu conjunto, pode-se perceber que o equivalente direto do item lexical em questão (cidadão) não pode de forma alguma ser usado no TC pois causaria uma forte estranheza aos leitores portugueses que o estivessem a ler. Concluiu-se que essa escolha de tradução tornaria a frase estranha e pouco compreensível.

Tornou-se então claro que era preciso encontrar outra forma de traduzir o item em causa. O principal desafio estava no facto de este documento ser um texto de especialidade e, portanto, as palavras traduzidas tinham de ser escolhidas em prol dessa especificidade do texto de partida. Itens como o acima citado podem ser usados tal como se encontram no documento francês, mas quando se traduz para outra língua, por exemplo português, é preciso ter-se em conta a forma técnica portuguesa de expressar a mesma ideia.

Note that there is some correlation between formality and emotional tone, in that an official style is likely to be factual, whilst colloquialisms and slang tend to be emotive. In translating, the effusiveness of Italian, the formality and stiffness of German and Russian, the impersonality of French, the informality and understatement of English have to be taken into account in certain types of corresponding passage. (Newmark 1988: 15)

Neste caso em particular, a escolha de item a constar no TC teve de ser feita considerando a ideia de partida de que os recursos não mercantis reúnem aspetos que fazem erguer nas pessoas um espírito de solidariedade e de altruísmo. Era isso que o documento de partida queria dizer e, portanto, também tinha de ser isso a constar no trabalho final de tradução. Escolher a tradução direta do item lexical em causa não iria conseguir esse objetivo de escrita

pois não era essa a palavra portuguesa que mais conseguiria expressar a ideia de altruísmo que era invocada.

A única solução para este caso era voltar a efetuar uma tradução naturalizante, para a qual se teve de procurar na LC o item lexical ideal para demonstrar o pensamento apresentado no documento de partida. Dessa forma, tudo o que teve de ser feito para conseguir uma tradução adequada foi procurar no idioma de chegada a palavra perfeita para o contexto acima referido.

Isto faz lembrar um momento no qual o teórico de tradução, Miguel Serras Pereira, cita Paul Ricoeur ao dizer aquilo a que esse autor chama “*um certo efeito de sentido, segundo o qual uma expressão (...) ao significar uma coisa, significa ao mesmo tempo uma outra coisa, sem deixar de significar a primeira*” (Ricoeur 1969 em Serras Pereira 1998: 23).

Depois de alguma reflexão considerou-se que a palavra portuguesa que melhor se adequava à situação e era a mais frequentemente usada para expressar o espírito de entreatajuda que a ESS queria demonstrar ao seu público-alvo era “cidadania”, pelo que a frase ficou assim apresentada no TC: “Este aspeto reúne todo o espírito de cidadania ou ainda de solidariedade”.

Em décimo terceiro lugar, apresenta-se um caso muito particular em termos de tradução. Na verdade, não sendo uma situação verdadeiramente desafiante para a tarefa tradutória, levou a pensar no facto de que apesar de as duas línguas de trabalho terem as mesmas origens a língua portuguesa chega a ser, em situações como esta, um pouco mais complicada quando se trata de escolher as palavras a usar.

Refere-se mais especificamente a um exemplo, encontrado mais adiante, onde o TP falava de recursos mercantis e explicava em que consistiam. Durante essas explicações o documento de partida apresenta um exemplo que se revelou interessante em termos de tradução, pois a solução levou à perceção das fortes diferenças existentes entre as duas línguas. O exemplo em questão encontrava-se na frase “L’enjeu est central dans la pérennité de toutes ses organisations.”, mais especificamente no item lexical sublinhado.

À primeira vista não existe nenhum problema premente com o item lexical destacado pois quando se lê a frase em que surge percebe-se que o item refere que aquilo que estava em

causa – no assunto dos recursos mercantis – era central para a consistência das suas organizações. O principal desafio nesta situação estava na forma de traduzir aquele item lexical. Em geral quando o TP apresenta uma palavra com forte significado para a frase de partida é quase irresistível para o tradutor querer preservar esse detalhe na sua tradução; porém, neste caso, a língua de chegada representa um obstáculo porque o francês e o português têm semelhanças, mas também diferenças. E numa coisa o português destaca-se dos demais idiomas: nem sempre se pode servir somente de um único item lexical para expressar uma ideia; pelo contrário, frequentemente ela só pode ser expressa através de uma frase que a enuncie sucintamente. Foi precisamente isso que aconteceu neste caso em particular; o item lexical de partida apresentava por si só parte da ideia explicada acima e só podia ser traduzido para a LC através de uma pequena frase a explicitar o seu significado de forma clara “A explicitação pode ser a manifestação de qualquer coisa que não é aparente, mas oculta ou reprimida no original” (Berman 1997: 45).

Certo era que se podia tentar encontrar um item lexical português para este caso, como por exemplo “a implicação”. Contudo, achou-se que esse item não cobria o mesmo campo semântico da palavra de partida. Tendo isso em conta, chegou-se à conclusão que a escolha de uma frase explicativa era a melhor opção para se ser fiel ao material de origem. Dessa forma, a frase ficou assim traduzida no TC: “O que está em jogo é central na perenidade de todas as suas organizações.”

Em décimo quarto lugar, apresenta-se outro caso encontrado no mesmo parágrafo onde aparecera o exemplo anterior, em que o tradutor foi confrontado com um item lexical francês muito peculiar que não precisando das mesmas considerações e estratégias do exemplo anterior, necessitou de bastante ponderação para escolher a melhor tradução portuguesa.

Mais especificamente tratou-se de uma situação na qual o TP seguia a mesma linha de pensamento introduzida no caso anterior e, mais à frente no mesmo parágrafo, apresentava a frase francesa “C’est aussi leur gage de pérennité et de leur indépendance si elle réussit à véhiculer ses valeurs et ses pratiques (...)”. O principal problema neste caso era o item lexical sublinhado que aparentava ser uma palavra francesa de especialidade e, como tal, requeria um equivalente português que preservasse essa característica da maneira mais correta possível.

Uma das primeiras coisas que se tentou fazer nesta situação foi consultar um dicionário bilingue francês-português para identificar os significados do item na língua de chegada. As principais opções de tradução encontradas foram: garantia, promessa e testemunho. Porém, olhando mais atentamente para o TP achou-se que nenhuma dessas opções de tradução era a perfeita para esse contexto. Possivelmente haveria outra hipótese que estivesse dentro do mesmo estilo de especialidade, pois nenhuma dessas primeiras opções parecia adequada.

No entanto era claro que o tradutor não podia colocar no TC um item lexical forte e técnico que não tivesse a ver com o item de partida nem com o contexto do documento no qual surgia. Por isso tentou-se encontrar na LC algo que pudesse estar ao mesmo nível semântico e técnico do item da LP. Após algumas pesquisas e considerações concluiu-se que a melhor escolha de tradução era o item lexical “bitola”, uma palavra aparentemente técnica que significa: valor de referência; medida-padrão; modelo; norma de conduta; princípio, regra e também dimensão fixa ou padronizada de um material. Esta escolha podia não ser um equivalente direto do item de partida, mas achou-se que era igualmente próximo do sentido da palavra e do contexto que falava sobre a garantia, ou o valor de referência, da perenidade e da independência das organizações dos recursos mercantis. Então, a frase de partida foi assim traduzida para português “É também a bitola da sua perenidade e independência se o recurso conseguir veicular os seus valores e as suas práticas (...)”. Mais uma vez, sublinha-se que esta não era a única hipótese possível de tradução do item lexical, mas achou-se a mais adequada para a coerência textual.

Em décimo quinto lugar vou falar do caso de um nome, interessante em termos de tradução, muito típico de linguagem técnica ligada à economia, que não apresentava fortes dificuldades para o tradutor mas que conduziu a pesquisas que visavam encontrar um equivalente português adequado a usar no TC. Ocasionalmente tarefas como esta levam a dúvidas sobre se existe algo com o mesmo valor no país de chegada. Como se pôde ver na primeira secção deste capítulo nem sempre foi possível encontrar um equivalente português para todos os casos em que se deparava com vocabulário de especialidade. No entanto, na situação que se vai relatar seguidamente esses problemas não ocorreram.

O nome em causa está ligado a assuntos de economia cuja tradução só pôde ser descoberta em bases de dados como o *Linguee* e o IATE. Essas fontes ajudaram a identificar a forma portuguesa de nomear a noção apresentada no TP, que podia nem sequer ter equivalente em

português. Se não tivesse sido possível encontrar um equivalente, ter-se-ia optado por apresentar no TC uma hipótese de tradução com uma nota de tradutor a explicar o nome de partida (independentemente dos conhecimentos de francês do público de chegada). O nome em causa era «cercles de convaincus», que surgiu na seguinte frase: “Permet-elle vraiment de sortir des cercles de convaincus ?”.

Este nome revelou-se complicado de traduzir por não ter sido possível encontrar um equivalente que tivesse em conta o seu objetivo para o resto do texto: se aquela nova economia podia ir mais além dos objetivos visados previamente. Dessa forma, uma das primeiras escolhas de tradução para esse nome era “círculos seguros”, mas rapidamente se concluiu que não era a melhor opção para este exemplo. Para conseguir resolver este caso não foi possível recorrer às semelhanças existentes entre as duas línguas de trabalho. Após algumas considerações chegou-se à conclusão de que a melhor tradução seria “círculos estabelecidos”.

Nestes três casos apresentados houve um trabalho de crescimento da parte do tradutor que alargou o seu léxico mais técnico em termos das semelhanças/diferenças existentes entre o português e o francês – em comparação com a experiência de tradução técnica de inglês para português. Com especial referência à oportunidade que estas duas primeiras tarefas de tradução me deram de aumentar os conhecimentos de como usar uma linguagem mais técnica. Essa linguagem era muito frequentemente usada em termos de economia, no caso do segundo texto traduzido; algo que não aconteceu muito no primeiro trabalho de tradução, pois esse também usava uma linguagem científica, mas apenas para explicar a história da animação linguística e as ideias visadas por ela.

Este segundo trabalho de tradução foi mais desafiante em termos de tradução do que o primeiro, que envolveu tradução e principalmente adaptação, “Translation being an activity not only practiced in every nation but subject to national traditions, there are greater pressures in some countries than in others to efface as much as possible the evidence of foreignness.” (Sontag 2007). Ainda assim, conseguiu-se que o TC fosse um trabalho final que aumentou a flexibilidade do tradutor em termos de tradução de diversos temas e de como resolver certas particularidades encontradas nos textos que traduz. Basicamente, apesar de não ter sido um tema muito escolhido pelo tradutor, foi possível efetuar o trabalho e ganhar experiência que perdurará durante toda a vida profissional.

Capítulo 4: Terceira Tarefa de Tradução

4.1 Apresentação Geral

Por último vou relatar a terceira tarefa de tradução que me foi pedida no Clube Intercultural Europeu. Este novo texto era muito diferente dos outros dois que foram apresentados anteriormente. Considerando que a primeira tarefa consistia em fazer uma tradução e adaptação de um texto bilingue pensado para um público binacional (francês e alemão), o trabalho do tradutor consistiu em fazer uma tradução de francês para português e uma adaptação do contexto sociocultural franco-germânico para o contexto sociocultural franco-português. De seguida, produziu-se um TC monolíngue, a pedido da minha supervisora do Clube. A segunda tarefa consistiu em traduzir um texto de índole técnica sobre economia social. Por fim, a terceira e última tarefa consistiu na tradução de um texto que trouxe diferentes problemas para o tradutor.

Este novo texto, tal como o segundo, não precisava de adaptações socioculturais porque nem um nem o outro foram feitos para apelarem única e exclusivamente à língua e à cultura de partida; na verdade, ambos os textos foram feitos tendo como ponto de partida a realidade francesa. Apesar disso, não foram necessárias adaptações socioculturais porque a realidade francesa sobre esses dois tópicos tinha muitas semelhanças com a realidade portuguesa. Por esse motivo estava-se seguro de que um simples trabalho sobre a letra de partida não ia fazer os leitores de chegada sentirem-se deslocados culturalmente quando estivessem a ler os textos. O texto em causa versava a problemática do assédio em ambiente escolar.

O assédio nas escolas é atualmente um problema universal que emerge em várias zonas do mundo. Certo é que o TP fala principalmente sobre a situação de assédio escolar em França, mas as situações que ocorrem em França passam-se de igual forma em Portugal e o assédio escolar nas suas várias vertentes faz parte delas. Se este texto tivesse de ser traduzido para um público americano, por exemplo, seriam necessárias algumas adaptações pois a realidade desse país é diferente da realidade francesa – e na verdade da realidade europeia.

Basicamente a tradução deste texto não trouxe tantas dúvidas como os anteriores. Este novo texto não precisava de adaptações, não tinha uma linguagem de especialidade – pelo contrário

apenas explicava sucintamente os seus pontos de vista – e também não tinha estruturas frásicas estranhas ou invulgares. O principal desafio que o texto continha era a dificuldade em decidir qual a melhor forma de expressar na LC certas ideias expostas no TP.

We may, then, safely assume a *distributional* basis for the study of norms: the more frequent a target-text phenomenon, a shift from a (hypothetical) adequate reconstruction of a source text, or a translational relation, the more likely it is to reflect (in this order) a more permitted (tolerated) activity, a stronger tendency, a more basic (obligatory) norm. (Toury 1980: 209)

4.2 Principais Problemas de Tradução

Para começar vou falar do exemplo de uma palavra que na realidade não continha nenhum problema maior, mas que levantou dúvidas sobre qual a melhor maneira de a traduzir para português. Refiro-me a um momento inicial, ainda antes de entrar no texto propriamente dito, em que é apresentada uma página com informações que poderão interessar aos leitores sobre outros meios a partir dos quais poderão aceder ao mesmo documento em formato digital ou em papel.

Nessa situação o TP apresenta a seguinte frase: «En version papier, vous pouvez les consulter dans notre Centre d'Archives et de Documentation situé». Como se pode ver, o principal desafio nesta frase encontra-se no item lexical sublinhado. Naturalmente, o item parece verdadeiramente simples e é uma palavra que pode ser compreendida mesmo por quem não perceba a LP.

O principal problema encontrava-se na simples dúvida de qual seria a melhor maneira de o traduzir corretamente para português. Uma das primeiras opções de tradução foi a seguinte: “Em versão impressa poderá consultá-las no nosso Centro de Arquivos e de Documentação Implantada”. Essa opção foi equacionada porque algumas pesquisas preliminares pareciam apontar que essa seria uma opção aceitável para o que o documento de partida parecia querer dizer.

A dada altura deu-se conta de que aquela poderia não ser a escolha mais adequada para o contexto textual, pois aquele item lexical português parecia causar uma certa estranheza que

era preferível suprimir. Mais uma vez recomeçaram as incertezas. Quando se pesquisa sobre formas de dizer algo na LC encontram-se inúmeras escolhas que até podiam ser boas opções mas em contextos diferentes daquele que surgia no documento.

Em última análise, poderia ter sido apenas o tradutor que estava a complicar uma situação que na verdade era muito mais fácil do que aparentava à primeira. Voltando a recordar situações anteriores em que se encontrara o mesmo problema, achou-se que este caso poderia ser resolvido da mesma maneira que os outros: era preciso parar de achar que as diferenças entre francês e português eram tão grandes quanto as diferenças entre inglês e português, e simplesmente fazer uma tradução razoavelmente literal do item lexical de partida.

Ao pensar nessa opção, concluiu-se que o texto de chegada iria deixar de apresentar estranhezas como inicialmente e que iria ficar adequado ao seu contexto textual. Então, sem a menor dúvida de que essa era a escolha mais adequada, fez-se uma tradução aproximadamente literal e por fim foi assim que a frase de partida ficou traduzida: “A versão impressa poderá ser consultada no nosso Centro de Arquivo e Documentação situado (...)”.

Seguidamente refere-se um outro caso que se revelou mais complicado do que o anterior. Na introdução o TP apresenta um exemplo real de uma criança que começou a ser assediada na escola por um colega. Apresenta também alguns dos motivos pelos quais isso acontecia, o que a criança sentia e parte do desfecho.

Neste caso em particular o principal desafio encontrava-se na seguinte frase: “(...) *parce qu’il aurait une tête à claque, autrement dit de gentil, de premier de la classe.”. Como se pode ver, traduzir esta frase foi particularmente desafiante por causa dos dois pontos que aqui apresento em sublinhado. Para começar, revelou-se difícil decidir como iria traduzir o primeiro nome sublinhado. Quando se está simplesmente a ler o texto na língua de partida percebe-se que se queria dizer que o miúdo em causa tinha um tipo de cara de quem parecia estar a pedir para ser atormentado, gozado e agredido a bel-prazer. O significado do nome de partida era fácil de perceber, mas não se sabia qual seria a melhor forma de o dizer na LC. A princípio, podia-se achar que seria algo como “cabeça tapa”, tradução um pouco mais literal. Porém, após algumas considerações, achou-se que poderia ser preferível traduzir para “cara de apanhar”, que traduz melhor o tipo de ideia expressa no original.*

No caso da segunda expressão também se conseguia perceber o seu significado, mas teve-se dúvida de como a traduzir de modo a torná-la clara e consonante com o resto da frase. Assim, achou-se melhor tentar interpretar o sentido da frase de partida, o que conduziu à ideia de que o miúdo tinha cara de ser o preferido dos professores, o melhor da turma. Com isso tudo em conta, traduziu-se assim a segunda expressão em causa, “por palavras amáveis, de primeiro da turma”.

Após essas alterações, foi assim que a frase inteira ficou no texto de chegada: “(...) pois ele teria *uma cara de apanhar*, por palavras amáveis, de primeiro da turma”.

Em terceiro lugar vai-se falar de uma situação que não era propriamente uma dúvida, mas sim um momento em que se teve de ponderar sobre qual de duas hipóteses de tradução seria a mais usada na língua de chegada. Foi uma decisão que teve de ser tomada logo no início do trabalho de tradução para permanecer inalterada até ao fim do trabalho – afinal, tratava-se de um caso em que era preciso manter uma certa coerência com as palavras usadas.

Mais especificamente, o caso diz respeito à forma de traduzir dois itens lexicais muito importantes para o TP que aparecem diversas vezes ao longo do documento – “*harcèlement*” e “*harceleur(s)*”. Como se pode ver, nenhum destes itens lexicais apresenta problemas ou dúvidas de tradução; permanecia apenas a incerteza sobre qual de duas hipóteses de tradução seria a melhor para cada um dos itens.

No país de chegada e para o tema em questão costuma usar-se geralmente uma palavra que é um empréstimo do inglês e que é usada para designar o caso em que jovens são perseguidos e atormentados por outros; essa palavra é *bullying*. Usa-se igualmente um outro item lexical, também um empréstimo do inglês, para designar o jovem que persegue e atormenta: *bully*. Porém, apesar de serem os itens lexicais mais tipicamente usados na LC, existem também outros dois que podem ser usados ocasionalmente no tema do texto de partida e que também fazem sentido para o assunto.

As outras duas hipóteses eram “assédio”, para o caso em si; “assediador”, para designar aquele que atormenta. Em última análise, se o TP tivesse sido escrito originalmente em inglês, talvez o tradutor pudesse ter ficado mais inclinado a não traduzir os dois itens lexicais de partida e a deixá-los na sua língua de origem (inglês), o que seria perfeitamente aceitável visto

os dois itens serem aceites na LC como empréstimos do inglês com significados que praticamente toda a gente (que conheça ou não a LP) compreende. Contudo, a LP é o francês e nesse idioma os dois itens lexicais ingleses não são usados; na verdade, o francês não usa os dois empréstimos para designar a perseguição em si e o perseguidor.

Ainda que algumas sejam descartadas, muitas delas permanecem como plenamente justificadas e aceitáveis. A partir daí são feitas as escolhas finais, e percebe-se, nesse momento, como são claramente variáveis as preferências. Concorde-se que há uma gama de escolhas possíveis (...) «a meu ver a mais adequada». (Frota 2006: 147)

Por esse motivo decidiu-se também não usar os dois empréstimos ingleses para traduzir os itens franceses, mas antes as outras duas hipóteses de tradução. Possivelmente, outros tradutores poderão ter uma opinião diferente visto que o objetivo desta profissão é tentar agradar ao leitor de chegada (desde que não macule o material de partida) e usar itens lexicais que façam parte dos seus conhecimentos gerais; neste caso, *bullying* e *bully* são geralmente os que os leitores mais costumam ouvir quando se fala do tema. Sublinha-se que este texto não fora escrito para um público científico de especialidade, mas sim para o público em geral, principalmente pais e professores que lidam com jovens.

Não obstante, os dois itens portugueses também são usados para os mesmos propósitos e qualquer leitor português percebe os seus significados, apesar de os empréstimos ingleses serem os mais frequentes na LC. Tendo tudo isso em conta decidiu-se logo no início da tradução usar os dois itens de origem portuguesa, que foram posteriormente usados em todas as ocasiões em que iam surgindo no TP.

Em quarto lugar, vou falar sobre outro caso que também não apresentava problemas complicados para o tradutor, mas que, mais uma vez, obrigou a refletir sobre qual a melhor atitude de um tradutor numa situação como a que se vai apresentar seguidamente. Refiro-me especificamente a um momento (depois da história, contada no início do texto, sobre o rapaz que se viu subitamente como vítima de assédio) em que o texto de partida nos apresenta o nome de um livro juvenil francês. Nesse livro – *L'enfer au collègue* – conta-se a história do rapaz assediado, história essa que o TP cita.

Geralmente considera-se que o melhor a fazer com títulos de livros estrangeiros é procurar a tradução portuguesa mais recente do mesmo livro e apresentar o título português que conste nessa tradução. Contudo, neste caso em particular, o livro não estava traduzido para português. Isso levou a dúvidas de como iria o tradutor apresentar esse título no seu texto traduzido.

Normally, as a translator, you are entitled to 'change' the title of your text. All titles are either descriptive or allusive; in a non-literary text, a descriptive title that succinctly names the subject and states its purpose is appropriate. (Allusive titles are suitable for some imaginative literature and popular journalism, and may have to be changed.) (Newmark 1988: 156)

Obviamente que uma das estratégias que se podia empregar era simplesmente deixar o título na LP, tal como constava no TP. Porém, os leitores portugueses que não saibam francês poderão ter dificuldades em perceber o significado do primeiro item lexical apresentado no título (“enfer”). Com o segundo item já não havia problema, pois esse era um dos diversos internacionalismos partilhados entre as duas línguas de trabalho (“collège” e “colégio”).

Concluiu-se que a melhor solução para apresentar títulos de livros em línguas que os leitores podem não conhecer consiste em apresentar no TC o título do livro na língua de chegada, acompanhado por uma nota de tradutor na qual conste o título de partida com um parêntesis a dizer que esse era o nome que constava no TP e que foi traduzido livremente. Depois refere-se que o livro em questão não se encontra traduzido para português (informação que servia para avisar os leitores de que caso quisessem ler o livro mencionado teriam de estar cientes de que não o poderiam encontrar em português). O título do livro ficou traduzido no TC como “Inferno no Colégio”.

Em quinto lugar, vou falar de um caso muito particular em que encontramos na capa do documento em questão a sigla de um centro que elaborou um estudo cujos resultados se encontram publicados no texto de partida. Essa capa começa por mencionar em letras minúsculas que aquele era um estudo do CPCP para depois apresentar na linha seguinte o título do documento em letras maiúsculas.

O mais interessante nesse momento de tradução era decidir de que modo se iria tratar daquela sigla no texto traduzido. Estava-se mais uma vez perante uma daquelas situações que

requeriam estratégias similares às usadas no exemplo anterior. Tinha de se começar por ver se existia na LC um equivalente para a sigla que pudesse ser usado no TC. Pesquisou-se a sigla e descobriu-se o seu significado de partida (*Centre Permanent pour la Citoyenneté et la Participation*), mas como seria de esperar não existia nenhum equivalente português.

Este caso distinguia-se do anterior porque nesta situação não era muito importante que os leitores de chegada compreendessem totalmente o significado da sigla, nem que soubessem de que tratava o centro. Tendo isso em conta decidiu-se apresentar a sigla de partida seguida de imediato pelo seu significado em francês no TC.

Neste caso resolveu-se pelos motivos referidos não adicionar uma nota de tradutor que explicasse o nome do centro em português nem a sua área de atividade. Acresce que neste caso não seria difícil aos leitores compreender o seu significado mesmo não conhecendo a língua de partida. Dessa forma verificaram-se duas ocorrências em que foi necessário que o tradutor decidisse o modo de como ia apresentar no texto de chegada certos nomes franceses sem equivalentes diretos na língua de chegada. No caso anterior apresentou-se um equivalente direto no TC, seguido por uma nota de tradutor a explicar que aquela fora uma tradução livre do tradutor. Neste caso só se apresentou o nome de partida sem uma nota para não sobrecarregar o texto com pormenores.

Em sexto lugar vai-se falar de outro caso muito interessante no qual o tradutor decidiu apresentar no texto de chegada uma tradução feita maioritariamente a partir de uma escolha da sua parte. Tratou-se de uma situação na qual o tradutor decidiu traduzir uma frase por apenas um item lexical que, segundo achou, seria mais claro para o contexto em que surgia.

O exemplo encontra-se mais adiante no texto, num momento em que o TP apresenta três pontos para definir o assédio. O segundo desses pontos consistia na seguinte frase: “l’intention de nuire;”. Como se pode ver não existia nenhum problema significativo que pudesse dificultar a tarefa de tradução. Na verdade, se se quisesse ser muito fiel ao material de partida ter-se-ia traduzido a frase por “intenção de fazer mal”, por exemplo. Contudo, achou-se que poderia haver uma forma mais simples e mais curta de a traduzir. Sabe-se que, de uma maneira geral, “Every translation tends to be longer than the original.” (Berman 1985: 290), mas há momentos em que pode ser possível contrariar essa tendência.

Achou-se que esta poderia ser uma situação em que seria possível encurtar uma parte do TC dado que “intenção de fazer mal” traduz uma situação em que uma pessoa parece ter uma certa malícia em mente, uma vontade de ser maliciosa. Neste caso o tradutor optou por traduzir a frase de partida apenas por um item lexical português, que deixa subentendido o significado da frase original francesa – na prática uma paráfrase “Paraphrase: Changes that result in a translation that can be described as loose, free, sometimes even ‘undertranslated’.” (Chesterman & Wagner 2002: 62) – adotando-se para tal a palavra “malícia”.

Em sétimo lugar refere-se outro caso que se revelou bastante interessante pois apresenta uma palavra francesa cujo equivalente português aparentava não ter o mesmo significado que era suposto ter para o contexto de partida. Trata-se de uma parte na qual o TP fala sobre a distinção entre assédio direto e assédio indireto.

Segundo o TP o assédio direto leva a atos verbais e principalmente físicos, ou seja refere-se às situações em que as vítimas são fortemente insultadas e agredidas, magoadas e humilhadas pelos seus agressores. Por outro lado, o assédio indireto é mais sutil e menos expresso, mas igualmente sentido; ou seja, tecnicamente parece que não se está a praticar assédio porque o assediador não faz nem diz nada à “vítima”, mas ela sente-se como tal porque é completamente ignorada e menosprezada por todos. É a isso que o TP define como “harcèlement relationnel”.

À primeira vista, não existe nenhum problema em concreto com o nome apresentado; “harcèlement” quer dizer assédio e “relationnel” quer claramente dizer relacional. Portanto, “assédio relacional” poderia ser a tradução mais adequada para o par de itens lexicais apresentado. Porém, em português, “assédio relacional” parece remeter para atos de assédio ocorridos por exemplo no seio de um casal de namorados – em que um começa a controlar a vida do outro, com quem fala e com quem se dá e a assediá-lo quando as suas “regras” não são cumpridas. Basicamente, parece ser isso que a primeira opção de tradução significa na cultura de chegada, muito embora não fosse esse o sentido do TP.

O TP referia que o assédio indireto se baseava não na força bruta ou verbal, mas sim em algo que fere muito mais do que um murro ou um empurrão: o desprezo. Ou seja, era uma forma de assédio que feria moralmente – e não fisicamente – a vítima. Então, à luz disso, decidiu-se que a primeira opção de tradução podia não ser a mais adequada para aquilo que se pretendia

dizer. Na verdade, a mensagem queria antes dizer que o assédio indireto era na realidade uma forma de assédio moral, uma vez que a intenção é ferir indiretamente os sentimentos da vítima.

Por outro lado, “relacional” também pode significar a forma como as pessoas se relacionam umas com as outras; e, neste caso específico, sabe-se que a vítima é posta de lado dessa teia de relacionamentos entre jovens. “Existem casos em que, se nos ativermos à letra do texto, é inevitável a perda.” (Eco 2003: 99). Com tudo isso em conta não se conseguiu determinar qual das duas opções era efetivamente a mais correta. Dessa forma, resolveu-se apresentar, no TC, o nome em questão mas com dois adjetivos em vez de apenas um, usando-se a forma “assédio relacional ou moral”.

Em oitavo lugar menciona-se um caso no qual se encontra no texto de partida uma palavra que era um empréstimo do inglês, o qual também podia ser aceite na língua de chegada. No entanto, o tradutor decidiu não o preservar porque se achou que pelo contrário seria possível encontrar uma expressão portuguesa para o substituir no contexto em que surge originalmente.

Trata-se de uma situação encontrada mais adiante no texto, num momento em que o TP está a falar sobre todos aqueles que participam indiretamente no ato de assédio. Mais especificamente, os que não são nem vítimas nem assediadores, mas apenas testemunhas. É nesse contexto que o TP apresenta e nomeia as testemunhas como os apoiantes, os defensores e os “outsiders”.

Como se pode ver, a palavra de partida em causa é um empréstimo do inglês, usado para nomear os que assistem ao assédio em segundo plano e não interferem de forma alguma no ato (nem apoiam nem contrariam). Obviamente que o tradutor também poderia ter optado por preservar o empréstimo na sua tradução, uma vez que se trata de uma palavra inglesa que muitos leitores portugueses conhecem e compreendem. Contudo, achou-se que essa palavra poderia ter outra conotação na LC, considerando-se que o item poderia estar a referir-se aos marginais que não fazem parte de nenhuma sociedade, que não se misturam com ninguém e que ficam à margem. Isso não é propriamente o que o TP quer dizer.

À luz disso, preferiu-se procurar outra maneira de traduzir a expressão de acordo com o sentido de partida. Concluiu-se que havia outra forma de a traduzir, não com um empréstimo do inglês, mas sim com uma expressão portuguesa que preservava o sentido de partida.

Escolheu-se essa opção apesar de poder parecer que se cometera uma daquelas pequenas perdas que às vezes acontecem durante uma tradução. Na verdade, não se sabe o motivo pelo qual o empréstimo fora usado, mas certamente não foi devido ao facto de haver algum objetivo intertextual interessante que justificasse a importância de preservar o empréstimo. Com tudo isso em conta, e considerando que foi pura decisão do tradutor, decidiu-se traduzir a expressão de partida por “os neutros”

Em nono lugar fala-se de um caso em que o TP apresenta o nome de uma associação tal como é conhecida na França. Esse nome teve de ser apresentado no TC de uma maneira mais explicativa e informativa do que no texto de partida. Refere-se a uma situação em que se fala de medidas para melhorar o clima nas escolas de modo a acabar com o assédio. É nesse contexto que o TP apresenta a seguinte frase: “(...) l’ASBL Université de paix propose (...)”.

A única maneira de resolver esta situação foi pesquisar sobre esses dois nomes particulares. Descobriu-se que “ASBL” era uma sigla francesa para uma associação sem fins lucrativos, com o nome “Université de paix”, situada na Bélgica. Porém, o mais interessante estava em como apresentar a frase de partida no TC porque ela estava composta sem nenhum elemento de coordenação entre “ASBL” e “Université de paix”. Como tal, decidiu-se traduzir os elementos de partida da forma mais correta possível (consoante as informações pesquisadas) e apresentar assim a frase no TC: “(...) a ‘Universidade da Paz, uma associação sem fins lucrativos, na Bélgica, propõe (...)”, adicionando a informação de que essa associação se situava na Bélgica.

Houve depois outro momento em que o texto de partida apresentou a frase “De plus, la création d’espaces de régulation des conflits permet d’améliorer le sentiment de justice scolaire, (...)”. Apesar de “régulation” querer dizer “regulação”, optou-se antes por traduzir nesta situação o item por “mediação” que pareceu estar mais de acordo com o contexto em questão. Afinal de contas, “mediação de conflitos” parece ser a construção mais adequada para se referir a uma gestão de conflitos, pelo que a frase ficou no TC “Além disso, a criação de espaços de mediação dos conflitos permite melhorar o sentimento de justiça escolar (...)”.

Por fim tem-se um caso em que o TP apresenta o nome de um programa de prevenção contra o assédio. Acontece que esse nome está em inglês: “Olweus Bullying Prevention Program”. Como este título estava numa língua que não era a de partida, e como também não continha uma tradução na LP, decidiu-se não apresentar nenhuma tradução portuguesa para esse nome que permaneceu na sua língua de origem. Decidiu-se deixar assim porque o próprio TP chega para explicar sucintamente em que consistia o referido programa.

De uma forma geral esta terceira tarefa de tradução apresentou desafios de natureza diferente da das outras tarefas anteriores, possivelmente de menor envergadura. Os exemplos acima apresentados foram aqueles que continham os desafios mais interessantes que se resolveu relatar neste relatório. De qualquer maneira, esta foi mais uma tarefa de alargamento de conhecimentos para o tradutor. Trabalhar sobre este tema muito interessante revelou-se uma experiência assaz enriquecedora. É seguro dizer que foram três trabalhos de tradução que trouxeram aprendizagens e conhecimentos dos quais um tradutor dificilmente se esquecerá ao longo da sua vida profissional.

Conclusão

Durante os nove meses em que estagiei no Clube Intercultural Europeu não só conheci uma grande instituição cheia de pessoas que deixarão saudades, como também tive a minha primeira grande experiência de vida como tradutor profissional: as diversidades dos textos a traduzir, as diferentes atitudes que têm de ser tomadas quando se está a resolver um determinado problema/particularidade de cada um dos textos a traduzir, o alargamento de conhecimentos linguísticos e cognitivos, o desenvolvimento dos meios de pesquisa e a oportunidade de crescimento e melhoria pessoal no fim de cada trabalho de tradução.

Quando se chega ao fim de um trabalho como este, quando se terminam três trabalhos de tradução muito distintos, fica-se a meditar em tudo o que se fez e pergunta-se se houve alguma mudança em nós enquanto tradutores. A verdade é que, a esse respeito, pode-se responder “sim” e “não” ao mesmo tempo. Se por um lado os três trabalhos que foram mencionados ao longo do relatório moldaram o tradutor que teve de adaptar as suas técnicas de trabalho aos três textos recebidos, por outro não chegou a haver surpresas a respeito do facto de um tradutor ter de estar habituado a trabalhar em qualquer género de textos, por muito diferentes que sejam.

Ao efetuar o primeiro trabalho de tradução o tradutor aprendeu a grande diferença entre uma tradução e uma adaptação, porque efetuou as duas quase ao mesmo tempo, sendo que a primeira nunca poderia ter sido realizada sem a segunda; ou seja, o texto sobre a animação linguística nunca poderia ser revelado ao público-alvo de chegada se uma adaptação não tivesse sido realizada. Quando se adaptou o texto o tradutor deu-se conta da dimensão das diferenças culturais e linguísticas existentes entre três países tão distintos como França, Portugal e Alemanha. Foi uma situação em que se percebeu que aquilo que poderia ser diferente entre a França e a Alemanha não o era necessariamente em relação a Portugal, que se diferenciava da França noutros aspetos; para além de que o que funcionava para um idioma não funcionava muitas vezes para o outro.

Ao efetuar o segundo trabalho, deu-se conta de que bastaria apenas trabalhar sobre a letra de partida para conseguir um bom texto português. Ainda assim, esse trabalho não estava de forma alguma livre de desafios prementes. Com efeito, durante essa tarefa o tradutor viu-se

frequentemente obrigado a ativar o seu espírito interpretativo de uma maneira que não esperava ter de fazer, pois tornou-se óbvio que se estava perante um texto que devia ter sido escrito e publicado muito rapidamente e sem segundas opiniões construtivas. Não obstante, com este trabalho o tradutor aprendeu a compreender até onde iam as diferenças entre o francês e o português, a que ponto se podia ser muito ou pouco fiel à língua de partida e também à de chegada, bem como também se deu conta das diferenças institucionais existentes entre a França e Portugal.

Ao efetuar, por fim, o terceiro e último trabalho de tradução, o tradutor percebeu que a realidade francesa a respeito de muitas coisas como economia social e assédio escolar era muito semelhante à realidade portuguesa, de tal forma que estaria sempre garantida a compreensão dos leitores de chegada de cada um dos dois textos traduzidos, pois nunca se sentiriam culturalmente deslocados durante as leituras.

Cada um dos textos trabalhados no Clube fez o tradutor crescer em termos pessoais e profissionais pois todos os textos são diferentes entre si, têm particularidades muito distintas e estilos desiguais. Tanto o primeiro como o último texto eram de cariz técnicos embora não tivessem sido escritos para serem somente lidos por um público de especialidade; pelo contrário, foram redigidos para serem igualmente lidos por pessoas que não estão dentro dos assuntos discutidos, mas que querem estar (sendo que o primeiro precisava de ser adaptado cultural e linguisticamente e o último não). O segundo texto, no entanto, era muito técnico (também não precisava de adaptações) e o seu propósito era ser lido por pessoas conhecedoras de economia social e não por pessoas de fora, pois relata uma realidade apenas conhecida por quem trabalha e lida com o assunto em questão.

Os propósitos por detrás de cada um dos textos podem não ser os mesmos, mas um tradutor que conheça o seu ofício tem de estar preparado para lidar com diversos textos tão diferentes como os que foram apresentados, trabalhados e discutidos neste relatório. Esse grande requisito-chave para a tarefa tradutória foi a principal aprendizagem adquirida durante o estágio. Por um lado, era algo que precisava de ser bem apreendido (para reforçar a formação como tradutor profissional), muito embora se trate de uma realidade indiscutível que todo o tradutor tem obrigação de conhecer.

O trabalho de um tradutor é muito vasto e frequentemente incerto pois nunca se saberá que género de texto se aceitará trabalhar um dia, mas acontece que um tradutor também deve ter os seus limites e saber reconhecer quais os géneros de texto em que sabe ou não trabalhar. Poder-se-á sentir mais à vontade com um determinado género do que com outro, pode até sentir que está à altura de poder traduzir um texto muito científico, mas se esse texto apresentar fortes problemas de compreensão que não se consigam ultrapassar, o tradutor deverá estar preparado para recusar esse trabalho cujo resultado final seria possivelmente um fracasso. Na verdade, textos como o segundo traduzido seriam os mais propensos a serem eventualmente recusados devido aos tipos de problemas interpretativos que poderiam ser mais difíceis de resolver. As recusas da parte do tradutor também fazem parte da sua vida profissional, pois estabelecer limites é uma chave importante para o trabalho no dia-a-dia.

De uma certa maneira não é possível estabelecer um quadro comum para todas as tarefas de tradução ao longo da vida profissional de um tradutor pois nunca há uma única boa maneira de traduzir os textos requisitados. Pode-se encontrar itens lexicais semelhantes em diferentes tipos de textos, mas os significados desses itens dependem muito das áreas em que estão a ser usados; pode-se criar inúmeras memórias de tradução (para quem as pretende usar) mas nunca deverá faltar o fator humano que saberá distinguir a opção boa para um texto e a opção boa para outro texto.

Ao longo destas três diferentes tarefas de tradução, como já se disse, aprendeu-se a ver a que ponto se podia confiar nas semelhanças culturais e principalmente linguísticas entre a França e Portugal. Durante as traduções o tradutor deparou-se frequentemente com nomes de empresas/instituições francesas cujos ramos de atividade interessavam para os temas discutidos em cada um dos documentos mas que existiam somente em França e não em Portugal, em situações que foram tratadas como se referiu anteriormente – as realidades francesas por detrás dos temas discutidos eram muito semelhantes às portuguesas, designadamente em termos das ideias e dos objetivos.

Nessas situações o tradutor viu-se obrigado a formar a sua própria opinião sobre o uso das discutíveis notas de tradutor. Disse-se muito frequentemente ao longo deste relatório que alguns teóricos de tradução não concordam com o uso dessa técnica de tradução que faz realçar as fortes diferenças existentes entre a LP e a LC, mas na verdade essas diferenças são realmente fortes e raramente é possível contorná-las ao ponto de se poder apresentar no TC

algo que preserve o valor e o significado de um item lexical estranho e diferente. Considerando que o único e verdadeiro objetivo de um tradutor é tornar o texto claro e compreensível para os leitores de chegada, as notas de tradutor são realmente necessárias para clarificar algo que a transferência interlinguística não consegue por si só.

De facto, conclui-se mais uma vez que não existe apenas um único método para traduzir qualquer género de texto, as estratégias a serem usadas têm de ser escolhidas em função do texto de partida, bem como da língua a partir da qual se traduz. Estas experiências de tradução de textos franceses no Clube contrastaram com outras experiências anteriores de textos técnicos em inglês, mostrando as diferenças que existem entre línguas e culturas com proximidades diferentes do português.

Um bom tradutor está permanentemente a aprender ao longo da vida, pois aprende sempre algo de novo em cada tradução efetuada em especial se tiver mais do que uma língua estrangeira de trabalho. No meu caso particular tive as primeiras experiências não só de traduções técnicas a nível profissional, mas também de traduções a partir da língua francesa que pode estar mais próxima linguisticamente do português, mas não era dominada por mim como o inglês. Apesar disso, as dificuldades iniciais foram superadas e teve-se oportunidade de efetuar três traduções muito interessantes e incomparáveis.

Este estágio profissionalizante completou a formação universitária de mestrado, complementando os aspetos teóricos da formação anterior e introduzindo um nível prático que será sempre utilizado ao longo de toda a vida profissional do tradutor. Deve realçar-se que a preparação teórica anterior muito contribuiu ao longo do estágio ajudando a encontrar os fundamentos para as opções assumidas e as respostas adequadas para as dificuldades que foram encontradas.

Numa palavra, o Clube ajudou a experienciar na totalidade a vida de tradutor e a forma de abordar os trabalhos que surjam ao longo da vida profissional, pelo que aqui expresso, reconhecido, o meu obrigado.

Bibliografia

- BARRENTO, João (2002), *O Poço de Babel*, Lisboa: Relógio d'Água.
- BASSNETT, Susan (trad. 2003): *Estudos de Tradução*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BERMAN, Antoine (1985), "Translation and the Trials of the Foreign", *The Translation Studies Reader*, Venuti (ed., 2000), tradução de Lawrence Venuti, Londres/Nova Iorque: Routledge.
- BERMAN, A (trad. 1997): «A Tradução e a Letra ou a Pousada do Longínquo», *Tradutor Dilacerado. Reflexões de Autores Franceses Contemporâneos sobre Tradução*, Lisboa: Colibri.
- CHESTERMAN, Andrew; WAGNER, Emma (2002), *Can Theory Help Translators? A dialogue between the ivory tower and the wordface*, Manchester: St. Jerome Publishing.
- CORREIA, Margarita (2007), "Criatividade e inovação terminológica", in Mata, Inocência & Maria José Grosso (orgs.). *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa – Professor João Malaca Casteleiro*, Homenagem, Macau: Universidade de Macau / Instituto Politécnico de Macau / Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – FLUL, pp. 209-220.
- ECO, Umberto (2003), *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre Tradução*, Tradução de José Colaço Barreiros (2005), Lisboa: Difel.
- FERREIRA, Luciane Corrêa, Marcos GOLDNADEL e Daiana Grings KRAUSPENHAR (2007), "A Tradução da Metáfora: uma abordagem cognitiva". *Revista Virtual de Estudos de Linguagem – ReVEL*. V. 5, nº 8, março. [www.revel.inf.br].
- FROTA, Maria Paula (2000), *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*, São Paulo: Editora Pontes.
- FROTA, Maria Paula (2006), "Erros e Lapsos de Tradução: Um Tema Para o Ensino", *Cadernos de Tradução*, vol. 1, nº17.
- GOMES DA SILVA, Sofia Cristina (2013), *Os falsos amigos no ensino do PLN: interferências decorrentes da proximidade linguística*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade Aberta, ms.
- JONES, Francis R. (2011), *Poetry Translating As Expert Action: Processes, Priorities and Networks*, Filadélfia, Amesterdão: John Benjamin.

KATZ, Daniel (2007), *American Modernism's Expatriate Scene: The Labour of Translation*, Edinburgo: Edinburgh University Press.

LECHEVALLIER, Jean (1967), "Belles infidèles d'hier et d'aujourd'hui", *L'Antiquité Classique*, Vol. 36, Bruxelas.

MOUNIN, G. (1994), *Les Belles Infidèles*, Lille : Presses Universitaires de Lille.

MUNDAY, Jeremy (2012) *Introdução aos Estudos de Tradução*, Tradução de Ana Cristino et al. (2014), Lisboa: Pedagogo

NEWMARK, Peter (1988), *A Text Book of Translation*, Londres: Prentice Hall.

NORD, Christiane (1997), "Defining translation functions. The translation brief as a guideline for the trainee translator", <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/9208>, *Ilha do Desterro: Revista de Língua Inglesa, Literaturas em Inglês e Estudos Culturais*, Revista brasileira, nº 33.

QUERIDO, Alessandra Matias (2011), *O Tradutor sob o Prisma do Autor: A Representação do Tradutor na Literatura*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, Brasil, 2011, v 2, nº 28.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. (1813), *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*, Tradução de José Miranda Justo (2003), Porto: Porto Editora.

SERRAS PEREIRA, Miguel (1998), *Da Língua de Ninguém à Praça da Palavra*, Lisboa: Fim de Século Edições.

STEINER, George (1975), *Depois de Babel*, Tradução de Miguel Serras Pereira (2002), Lisboa: Relógio d'Água.

TOURY, Gideon (2000), "The Nature and Role of Norms in Translation", *The Translation Studies Reader*, Londres/Nova Iorque: Routledge.

VINAY, J.-P. e J. Darbelnet (1958): *La stylistique comparée du français et de l'anglais*, Montréal: Beauchemin.

WANG, Dogfeng (2002), "Domestication and Foreignization: a Contradiction?", *China Translation*, Vol 9.

YANG, Wenfen (2010), "Brief Study on Domestication and Foreignization in Translation", *Journal of Language Teaching and Research*, Vol. 1, nº 1, Finlândia: Academy Publisher.

ZULUAGA, Alberto (1999), *Traductología y Fraseología*, Tübingen: Universidade de Tübingen.

Sitografia

Linguee.com, <http://www.linguee.fr/portuguese-french/topportuguese/15001-15100.html>

Férias em Portugal, <http://www.feriasemportugal.com/gorjeta-em-portugal>: consultado a 26 jan. 17.

<http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint26.php>: consultado a 1 fev.17.

<https://www.camif.fr/> : consultado a 3 fev. 17.

<https://www.maif.fr/> : consultado a 3 fev. 17.

<http://nandoenandaemparis.blogspot.pt/2010/03/10-pontos-negativos-de-paris.html>:

consultado a 12 fev. 17.

<http://oquemevainacabecaagora.blogspot.pt/2012/03/cultura-portuguesa-versus-cultura.html>:

consultado a 12 fev. 17.

<https://www.linkedin.com/pulse/sua-pontualidade-diz-muito-sobre-voc%C3%AA-impontualidade-mais-marc-tawil>: consultado a 12 fev. 17.

<http://br.blastingnews.com/mundo/2015/11/imigrantes-portugueses-sao-olhados-de-lado-pelos-franceses-devido-as-tradicoes-anormais-00650203.html>: consultado a 12 fev. 17.

http://apfp.blogspot.pt/2005/06/desvantagem-da-pontualidade_25.html: consultado a 12 fev. 17.

<http://filmesdohomem.pt/doc/Filmes-do-Homem-Ebook.pdf>: consultado a 22 fev.17.

http://24.sapo.pt/article/sapo24-blogs-sapo-pt_2016_07_17_696802300_portugueses-e-franceses--mas-qu-est-ce-qu-il-se-passe-com-os-nossos-intimos-vizinhos:consultado a 22 fev.17.

Sontag, Susan, *The World as India*: <http://www.susansontag.com/prize/onTranslation.shtml>: consultado a 19. Mar. 17.